

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Regiane Cristina de Oliveira Morais

**REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO
FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS
SURDOS**

Taubaté – SP

2018

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Regiane Cristina de Oliveira Morais

**REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO
FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS
SURDOS**

Dissertação apresentada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: formação de professores para a Educação Básica.

Linha de pesquisa: Inclusão e Diversidade Sociocultural

Orientadora: Profa. Dra. Suelene Regina Dônola Mendonça
Co-orientadora: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Taubaté – SP

2018

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

M827r **Morais, Regiane Cristina de Oliveira**

Redes sociais e aplicativos como ferramenta de comunicação dos surdos / Regiane Cristina de Oliveira Moraes. -- 2018.

165 f. : il ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Taubaté, Departamento de Pesquisa e Pós-graduação, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Suelene Regina Donola Mendonça,
Departamento de Pesquisa e Pós-graduação.

Coorientação: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

1. Redes sociais on-line - Brasil. 2. Aplicativos móveis. 3. Integração social. 4. Surdos - Meios de comunicação. I. Universidade de Taubaté. II. Título.

CDU 004.7-056.2(81)

Elaborada por Felipe Augusto Souza dos Santos - CRB8/9104

Regiane Cristina de Oliveira Morais

REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

Dissertação apresentada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: formação de professores para a educação básica.

Linha de pesquisa: Inclusão e Diversidade Sociocultural

Orientador: Profa. Dra. Suelene Regina Donola Mendonça

Co-orientadora: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro
(UNITAU)

Assinatura _____

Profa. Dra. Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka (PUC)

Assinatura  _____

Profa. Dra. _____ Universidade

Assinatura _____

RESUMO

Nesta pesquisa, buscou-se investigar quais as redes sociais mais utilizadas por um grupo de alunos (as) surdos (as) adultos e para que fins esses sujeitos as utilizam. O objetivo geral do estudo foi o de compreender como o uso das redes sociais e aplicativos funciona em relação à inserção social desses sujeitos. Trata-se de um grupo de alunos de escolas públicas localizadas em um município do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. Estes discentes pertenciam à Rede Estadual de Ensino e são adultos, surdos, estudantes do Ensino Médio e usuários da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e da Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados um questionário com questões fechadas e abertas e entrevistas semiestruturadas. Os colaboradores desta pesquisa foram 54 alunos (as) surdos (as) na primeira fase do estudo, porém apenas 17 destes sujeitos foram selecionados para entrevista, sendo que estes eram estudantes, em 2016, do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de um Município do Vale do Paraíba - SP. Este estudo teve abordagem qualitativa e quantitativa, do tipo exploratória, e teve como fundamentação teórica os estudos de Lévy (1999) , Capovilla (2001), Stumpf (2010), Vygotsky (2011), Skliar (2015), Strobel (2009), Pereira (2014) e Quadros (2006), entre outros autores. No que diz respeito ao uso das redes sociais e dos aplicativos como fatores de interação social, constatou-se que houve melhora na comunicação dos surdos com outros surdos, com ouvintes, familiares, amigos e até com colegas de trabalho, pois o uso dessas tecnologias ampliou e diversificou as formas de comunicação. Portanto, pode-se dizer que o uso das tecnologias em questão contribuiu para a inclusão social dos sujeitos de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão social. Surdos. Redes sociais. Aplicativos.

ABSTRACT

In this research we sought to investigate and analyze which social networks are most used by the deaf and for what purposes they are used. The main objective is to understand how social networks and the exchange of texts messages in applications, by deaf adult students in the State Educational Network, could collaborate to use the Portuguese Language as a second language. The participants of this research were deaf adults High School students, users of Libras as the first language and Portuguese as a second language. For this purpose, a survey, with closed and open questions and semi-structured interviews carried out by the researcher with these deaf students in a city of the Vale do Paraíba were used as instruments of data collection. The research has both quantitative and qualitative approaches and is classified as an exploratory research. It is based on the theoretical basis of Lévy (1999) , Capovilla (2001), Stumpf (2010), Vygotsky (2011), Skliar (2015), Strobel (2009), Pereira (2014) and Quadros (2006). Based on the use of social networks and applications as factors of social interaction, it was found that communication collaborates on the social inclusion of the participants of this research. The deaf use these networks and digital technologies as a facilitator to interact socially and professionally. There is a commitment to disseminate the results obtained among the teachers of the State Educational Network in the city where the research was carried out, as it may encourage reflection on the use of new communication and information technologies as a tool for communication and social interaction.

KEYWORDS: Social inclusion. Deaf people. Social networking. Applications.

LISTA DE SIGLAS

CEP/UNITAU – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté

CAPES – Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

GDAE – Gestão Dinâmica da Administração Escolar

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dissertações e teses pesquisadas no banco de dados da CAPES.....	24
Quadro 2. Perfil dos sujeitos entrevistados.....	68
Quadro 3. Temas e subtemas ponderados a partir das Classes de palavras.....	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Sexo e faixa etária dos sujeitos de pesquisa.....	91
Gráfico 2. Faixa Etária dos alunos surdos matriculados no Ensino Médio em 2016.....	93
Gráfico 3. Acesso à <i>Internet</i> por meio de diversos instrumentos.....	94
Gráfico 4. Nível de importância de se utilizar a <i>Internet</i> e as Redes Sociais.....	102
Gráfico 5. Nível de importância de se utilizar a <i>Internet</i> e as Redes Sociais.....	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Dendograma das Classes de Palavras, em forma de lista.....	110
Figura 2. Dendograma das Classes de Palavras, em forma de nuvem.....	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problema.....	16
1.2 Objetivos.....	17
1.2.1 Objetivo Geral.....	17
1.2.2 Objetivos Específicos.....	18
1.3 Delimitação do Estudo.....	18
1.4 Relevância do Estudo / Justificativa.....	19
1.5 Organização da Pesquisa.....	22
2 REVISÃO DA LITERATURA	24
2.1 Panorama das pesquisas relacionadas à surdez e a redes sociais.....	24
2.2 Breve histórico sobre a educação dos surdos.....	29
2.3 Língua Brasileira de Sinais: possibilidades e conquistas	38
2.4 A construção de caminhos indiretos a partir das mediações.....	45
2.5 L2 Língua Portuguesa: possibilidades de comunicação e de inclusão social?.....	50
2.6 As redes sociais e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) como Tecnologias Assistivas na comunicação de surdos.....	58
3 METODOLOGIA	70
3.1 Tipo de Pesquisa.....	70
3.2 População/Amostra.....	73
3.3 Instrumentos.....	74
3.4 Procedimentos para coleta de dados.....	76
3.4.1 Divulgação da pesquisa.....	77
3.4.2 Coleta de dados por meio de questionários.....	78

	12
3.4.3 Coleta de dados por meio de entrevistas.....	80
3.5 Procedimentos para análise de dados.....	83
4. Resultados, análise e discussão	87
4.1. Caracterização dos colaboradores da pesquisa.....	87
4.2 Resultados obtidos por meio das entrevistas.....	108
4.3 Análise e discussão dos resultados das entrevistas	112
4.3.1 A relação dos surdos com as novas tecnologias da informação e comunicação.....	115
4.3.2 Marcas que a escola deixou na vida dos surdos.....	121
4.3.3 A construção do letramento no diálogo entre Libras e Língua Portuguesa.....	128
4.3.4 A Comunicação à distância entre surdos e outras pessoas.....	135
5. Considerações finais	141
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	153
APÊNDICE	162

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pela oportunidade de pesquisar e de estudar, alcançando mais conhecimentos e podendo servir ao próximo, aos alunos surdos e aos colegas professores, fomentando a reflexão a respeito da inclusão escolar, com alegria e sabedoria.

Sou grata às orientadoras, Profa. Dra. Suelene Regina Dônola Mendonça e Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti, que me ajudaram a trilhar o caminho das pedras, ou seja, deram-me a possibilidade de construir e de desenvolver a pesquisa. Agradeço a elas de modo especial por compartilharem comigo seus saberes.

Agradeço as Professoras Doutoras Maria Cristina da Cunha Pereira e Suzana Lopes Salgado Ribeiro por disponibilizarem seu precioso tempo, sua atenção para participarem da banca examinadora, colaborando muito com a pesquisa ao oferecerem boas sugestões e dicas, tendo em vista o aprimoramento do trabalho.

Também agradeço à Prefeitura Municipal de São José dos Campos, por investir no financiamento de parte dos estudos no Mestrado, concedendo bolsa de estudos de 60%.

Agradeço, em especial, ao José Rubens, meu marido e companheiro para todas as horas, que colaborou com incentivos financeiros e pessoais e me deu suporte emocional para que a pesquisa pudesse ser realizada. Agradeço por compreender (e justificar) minha ausência em diversos momentos de festas de família, nas viagens e nos passeios dos quais não pude participar devido à dedicação de tempo para desenvolver a dissertação.

"Não há barreiras que o ser humano não possa transpor."

(Helen Keller)

1 INTRODUÇÃO

As relações do sujeito com seu meio social envolvem processos dinâmicos que requisitam contínuas adaptações. A audição é considerada uma das portas de entrada para o rico mundo sociointerativo e é também por meio deste sentido que as pessoas são capazes de obter um número infinito de informações que as auxiliam no desenvolvimento da linguagem oral.

Sendo ouvintes, torna-se difícil imaginar como as pessoas surdas podem desenvolver sua capacidade linguística e serem capazes de viver socialmente em um universo feito para quem ouve.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), entre os 190 milhões de habitantes deste país, 305 mil são surdos e se diferenciam por essa condição, não apenas dos ouvintes de fala hegemônica, como também das nove milhões de pessoas que se consideram com deficiência auditiva no país. A deficiência auditiva, ou surdez, é descrita como a incapacidade parcial ou total de audição, em consequência de problemas que afetam o aparelho auditivo do sujeito.

O primeiro contato da pesquisadora com os surdos ocorreu por meio da Igreja Católica, que possui um grupo destes frequentadores na denominada Pastoral do Surdo. Motivada pela curiosidade e pelo desejo de saber mais sobre estes sujeitos, a pesquisadora buscou a aproximação e a interação, uma vez que os gestos sem som que eles empregavam para se comunicar não tinham, para ela, significado algum naquela época.

Na sua visão, os movimentos realizados com as mãos e os gestos utilizados para se comunicar fazendo o uso da Língua de Sinais foram vistos como uma descoberta, pois foi perceptível que conseguiam organizar-se, exprimir ideias, estruturar frases completas, contar piadas e fazer ironias, dentre outras coisas que se faz com o uso de uma língua. A descoberta dessa nova forma sociointerativa foi fascinante.

No convívio com os surdos e com a realização de cursos de Língua Brasileira de Sinais (Libras), a pesquisadora pôde iniciar a jornada na busca do conhecimento na área da surdez, possibilitando a interação e o entendimento, por meio da Língua de Sinais, destas pessoas.

Este foi o princípio para a formação da relação duradora da pesquisadora com esse universo, pois buscou aprimorar os conhecimentos tendo sua formação pautada no ensino da

Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais (Libras), atuando em atendimentos educacionais especializados e como intérprete de Libras.

Ao atuar como intérprete, a pesquisadora acredita poder colaborar para que o surdo seja incluído na sociedade e, assim, sentir-se parte do mundo, compartilhar os saberes com o outro e poder adentrar-se nele.

O que antes era curiosidade para o aprendizado da Língua de Sinais passou a ser vontade de saber como ela é realizada e articulada. Dessa forma, iniciou-se a pesquisa sobre a surdez, sobre como os surdos aprendem, como estabelecem comunicação, a sua história e as suas limitações, bem como as possibilidades de aprendizagem e utilização da escrita da língua do seu país.

Muito se tem investigado sobre o desenvolvimento do indivíduo surdo, mas poucas são as respostas esclarecedoras sobre as dificuldades encontradas, principalmente no atraso do rendimento escolar quando comparado ao ouvinte.

Assim, a pesquisadora matriculou-se no curso de Mestrado Profissional da Universidade de Taubaté, buscando conhecimento tácito e também com o objetivo de refletir ainda mais sobre a relação da comunicação entre os indivíduos surdos e a sociedade, pois acredita que para conhecer métodos e técnicas adequados para a realização de um trabalho sistemático e contínuo que acompanhe o desenvolvimento do aluno surdo, torna-se necessário adquirir novos saberes por meio do estudo.

Em particular, a audição é importante para o desenvolvimento de cada indivíduo, uma vez que permite que este possa interagir com a sociedade e desenvolver habilidades específicas, entre outras ações essenciais para o seu progresso.

Um dos principais obstáculos que o surdo encontra é a interação com a sociedade e o aprendizado na escola, principalmente se a instituição não tiver especialidade adequada para lidar com a língua específica.

Um dos meios de proporcionar o diálogo e a comunicação com surdos é a utilização da tecnologia de informação, que tem evoluído na busca pela inclusão digital, segundo Stumpf (2010), em especial o computador, que trouxe novas possibilidades de comunicação e acessibilidade aos surdos.

Se, para os ouvintes, criaram mudanças e novas perspectivas que levaram a modificações profundas nos usos e costumes para toda a sociedade, para os surdos essas mudanças foram ainda mais significativas, permitindo que eles se comuniquem com outros

surdos e até mesmo com os ouvintes, além de permitir o uso para desenvolver atividades em seus ambientes de trabalho e escolares.

Com a chegada da *Internet*, a comunicação foi intensificada e mostrou uma nova realidade, uma vez que essa tecnologia revela para o surdo uma nova forma de comunicação e de aprendizado, possibilitando um aumento da sua capacidade e de sua competência em comunicar-se.

Posteriormente, com o advento da *Internet* e suas ferramentas, estreitaram-se as relações sociais por meio das redes sociais e aplicativos tais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Twitter*, que possibilitaram aos surdos aprimorar a escrita em português, fazendo uso social da linguagem escrita incorporada a uma necessidade comunicativa (ARCOVERDE, 2006). Isto porque as redes sociais e os aplicativos são constituídos como espaços de interação e conversações que, por vezes, podem ser visualizadas pelo público em geral e são compostos como um arquivo sobre a língua em sua materialidade específica.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as redes sociais promovem práticas comunicativas coletivas que apresentam diferentes aspectos. Sob a ótica do valor do conhecimento e na busca de investigar sobre os surdos, essas ferramentas de informação e comunicação são consideradas como bens de maior valor e, se forem cada vez mais empregadas como instrumento de comunicação, poderão gerar uma interação social à distância eficaz.

Dessa forma, a popularização da *Internet* apresenta o desafio de um paradigma centrado no respeito às diferenças e no desenvolvimento das potencialidades de todas as pessoas.

Então, a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) tem o papel principal de dar suporte ao aprendizado, ampliando o alcance e acelerando a velocidade de troca do conhecimento, estabelecendo-se como ferramenta estratégica na interação entre as pessoas, os grupos sociais e as formas de organização da informação e do saber na sociedade contemporânea.

1.1 Problema

Parte-se da premissa de que a falta de audição e a ausência da comunicação verbal não definem, por si só, o destino das pessoas surdas. Entretanto, há que se considerar essa condição, pois, sem dúvida, interfere nas interações sociais desses sujeitos ao constituírem-se, em um primeiro momento, como uma barreira para a comunicação.

No Brasil, a educação das pessoas surdas é um grande desafio, fazendo com que muitas inquietações surjam dentro desse ramo de pesquisa. As últimas décadas trouxeram importantes conquistas no campo dos direitos sociais aos surdos, recriando o conceito de cidadania e associando a ela novos temas e novas dimensões de estudos.

Tais conquistas se refletiram na área da surdez, imprimindo um novo olhar com a participação dos surdos nas redes sociais e no processo de utilização das novas tecnologias digitais, que são cada vez mais interativas e contribuem para a exploração da comunicação, e que os ajudam a vencer suas limitações na sociedade.

Contudo, ao refletir sobre este novo olhar sobre as pessoas surdas, deste modo mediando a comunicação por meio das novas tecnologias digitais e sob a ótica de solução de problemas, considera-se a relevância da intervenção de outros nos processos de aprendizado. Esses outros são os mais experientes e, por isso, os mais capazes de realizar a mediação entre o conhecimento e o sujeito, segundo as ideias difundidas por Vygotsky (2011).

Nesse contexto, questiona-se:

Como as redes sociais contribuem para o desenvolvimento de surdos no processo de inclusão social?

Qual a contribuição das redes sociais e dos aplicativos como elementos mediadores para a inclusão social do surdo?

Os questionamentos descritos acima fomentaram outras inquietações, a saber:

Quais as redes sociais e aplicativos mais utilizados pelos colaboradores desta pesquisa?

- Para que fins os surdos utilizam as redes sociais e os aplicativos?
- O uso das redes sociais contribui para ampliar as relações sociais dos alunos surdos?
- Quais as contribuições do uso dos meios de comunicação digitais em redes sociais e aplicativos, na modalidade escrita ou em Libras, para comunicação dos surdos com as pessoas?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Avaliar o uso de tecnologias da informação e comunicação digitais, a utilização de redes sociais e aplicativos como instrumento de inclusão social de alunos adultos, surdos,

matriculados em 2016 no Ensino Médio de uma Rede Estadual Pública de Ensino, localizada em uma cidade do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo.

1.2.2 Objetivos Específicos

Conhecer quais as tecnologias da informação e comunicação, ou seja, as ferramentas de comunicação digital, que são mais utilizadas pelos alunos surdos adultos, os colaboradores desta pesquisa.

Identificar para que fins o surdo utiliza as redes sociais e os aplicativos de interação.

Verificar se o acesso aos aplicativos de interação e às redes sociais colabora para os surdos utilizarem Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa, ou seja, para estabelecer comunicação em ambas as línguas, e se o uso das novas tecnologias digitais favorece a comunicação e a inclusão social dos surdos.

Analisar qual é a contribuição das novas tecnologias para potencialização da comunicação dos surdos com os demais indivíduos na sociedade.

1.3 Delimitação do Estudo

No Brasil, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, havia cerca de 9,7 milhões de pessoas que se declararam como portadores de deficiência auditiva, ou seja, aproximadamente 5,1 % da população do país, dos quais por volta de 344 mil apresentam surdez severa/total (IBGE, 2013).

O município no qual se desenvolveu a pesquisa tem 703.219 habitantes, segundo a estimativa divulgada pelo IBGE, em 2017. Partindo da premissa de que cerca de 5% da população tenha algum tipo de perda auditiva, pode-se levantar a hipótese de que haja, aproximadamente, 31.496 pessoas com deficiência auditiva no município em questão.

Contudo, segundo o Censo Escolar de 2015, no município pesquisado, havia 384 pessoas com deficiência matriculadas no Ensino Médio, que são alunos público-alvo da educação especial. Porém, os dados do Censo Escolar não especificaram quantos eram os alunos deficientes auditivos, número que interessa a esta pesquisa. Define-se pessoa com surdez o sujeito que tem perda auditiva e, assim, interage com os demais por meio de recursos visuais. Em decorrência disso, expressa sua cultura utilizando a Língua Brasileira de Sinais, estabelecida de acordo com a Lei 4.356/2002 e com o Decreto 5626/2005.

O termo surdez severa/profunda é aqui utilizado em conformidade com a definição da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação do Brasil (SEESP/MEC),

Pessoa com surdez profunda – indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica quanto à identificação simbólica da linguagem. [...] Atualmente, muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdo” refere-se ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a Língua de Sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda (BRASIL, 1997, p.19).

Desse modo, fizeram parte dessa pesquisa alunos surdos com surdez profunda que estavam regularmente matriculados no Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino no ano de 2016. As informações cedidas pela Rede de Ensino davam conta de que havia 384 alunos com deficiência matriculados naquele ano. Não foram fornecidas informações quanto ao número exato de alunos surdos, apenas informaram que esses alunos estavam distribuídos em 17 escolas. A pesquisadora, então, visitou as escolas e identificou quais delas contavam com alunos surdos. Dessa investigação, conseguiu encontrar 54 alunos surdos. Todos eles aceitaram participar como sujeitos da presente pesquisa.

1.4 Relevância do Estudo/Justificativa

De maneira geral, as pessoas modificaram o modo de viver após a Revolução Tecnológica, ocorrida no Século XX, caracterizada pela informatização, e, principalmente, pela popularização do acesso à *Internet*, possibilitando a conexão à distância entre os indivíduos e a troca de informações de forma quase que instantânea, encurtando, assim, as barreiras de comunicação constituídas pelo tempo e pelo espaço geográfico.

Vale lembrar que, até o final do século XIX, o recebimento de uma carta demorava muitos dias, até meses. Porém hoje, pelo toque dos dedos na tela de um celular, *notebook* ou computador, é possível conversar e interagir com pessoas diversas, com distâncias geográficas grandes, com comunicação rápida e eficaz.

[...] os desafios colocados pelas *novas tecnologias* que têm vindo a revolucionar o dia-a-dia das sociedades e das escolas. Mas, como bem escreve Manuel Castells, o essencial reside na aquisição de uma capacidade intelectual de aprendizagem e de desenvolvimento (NÓVOA 2009, p.14).

Segundo Nóvoa (2009), as novas tecnologias trouxeram modificações significativas, tanto para a sociedade como para o contexto escolar. É nessa esteira que esta pesquisa se justifica, por tratar de um tema muito atual e por estar voltada para os surdos que, por se comunicarem com o mundo de maneira distinta da maioria, acabam sendo impedidos, em muitos dos casos, de estabelecer diálogo à distância por meio do telefone convencional, apesar de haver, a partir da década de 1980, o *Telecommunication Device for the Deaf* (TDD – um dispositivo de telecomunicação para surdos que funciona por meio de mensagens escritas e um telefonista que liga para o outro sujeito ouvinte e transmite, por meio da fala, o conteúdo da mensagem), ou seja, um telefone para surdos.

Hoje, os sujeitos surdos podem utilizar os sinais de Libras ou a modalidade escrita da Língua Portuguesa e, com um toque na tela do celular, enviar e receber informações visuais. Nesse caso, pode-se ter inaugurado um novo e inimaginável caminho como perspectiva de comunicação, como ressaltou Stumpf (2010) ao relatar que:

Do ponto de vista dos surdos o uso do computador e da *Internet* inaugurou uma nova dimensão às suas possibilidades de comunicação, pois são tecnologias acessíveis visualmente. Se, para os ouvintes, elas abriram perspectivas que levaram a modificações profundas nos usos e costumes de toda a sociedade, para os surdos, essas mudanças podem ser ainda mais significativas (STUMPF, 2010, p.2).

Para Stumpf (2010), a relação entre surdos/surdos e surdos/ouvintes por meio das redes sociais possibilita melhoria na questão da inclusão social desses sujeitos.

Considerando os desafios enfrentados pelas pessoas surdas para estabelecer comunicação com os demais indivíduos da sociedade, essa pesquisa torna-se pertinente por possibilitar uma reflexão a respeito da utilização de redes sociais e aplicativos de interação, sob a ótica do uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) por alunos surdos adultos, como práticas sociais.

Assim como a pesquisa de Melo & Gomes (2013), que realizaram um mapeamento sistêmico da literatura referente às interações sociais dos surdos na *Internet* em países que tem como língua majoritária a Língua Portuguesa e, por consequência deste estudo, verificaram que:

O mapeamento efetuado permite-nos reforçar a importância de estudar o fenômeno em si, ou seja, a interação a partir da análise da rede social estabelecida pelos surdos entre si e com os ouvintes [...] de modo a poder-se conceber estratégias de dinamização da interação que propicie a criação de comunidades virtuais potencializadoras de uma maior inclusão social na dimensão digital (MELO&GOMES, 2013, p.1086).

As autoras averiguaram a possibilidade de arquitetar táticas de interação dos surdos mediada por redes sociais na pesquisa que desenvolveram.

Deste modo, espera-se que os resultados obtidos neste estudo possa suscitar importantes reflexões junto aos profissionais da área, no sentido de olhar para esses meios de comunicação como possibilidades de ampliação no processo da inclusão social mediada pelas redes sociais e aplicativos de interação.

Também neste estudo, almejou-se observar se o uso dessas tecnologias digitais favorece a inclusão social destes sujeitos, o que justifica a pertinência de se realizar o presente trabalho.

Destaca-se, também, a necessidade de o sujeito surdo adulto apresentar boa competência leitora, além de bom manejo de escrita, para facilitar seu convívio social, especialmente com os ouvintes que não dominam a Língua de Sinais. Vale ressaltar as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos na aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) nas escolas regulares do país, cujo ensino é ministrado em Língua Portuguesa.

É fato que hoje esses alunos atualmente contam com a presença de intérpretes de Libras em sala de aula. Entretanto, no estado de São Paulo, essa garantia data de 2009, com a Resolução 038/2009, que é relativamente recente. Logo, muitos estudantes adultos surdos não fizeram jus a esse direito em seu processo de letramento, tendo refletido de forma significativa na forma de sua escrita.

Isso explica, então, de maneira mais detalhada, o interesse e a curiosidade em investigar o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, em redes sociais e aplicativos de interação, pelos sujeitos surdos adultos, por meio do acesso à *Internet*, além da importância de conhecer como esses meios digitais podem contribuir para a inclusão social dos sujeitos surdos.

De acordo com Sánchez (1999), precisamos modificar o nosso olhar em relação à questão do aprendizado de Língua Portuguesa como segunda língua, bem como em relação à questão do uso da comunicação escrita, conforme nos mostra em seus estudos.

[...] é hora de aceitar definitivamente que os surdos, pelo direito de serem surdos, não podem em nenhum caso alfabetizar-se como o fazem os ouvintes, ou seja, não podem ‘conhecer’ as letras por seus sons, e não podem ou não lhes será útil poder por este meio repetir sons mais ou menos parecidos aos da fala para aprender a escrever (SANCHÉZ, 1999, p. 44).

Salienta-se a importância de adequar e motivar os indivíduos surdos para que aprendam e usem a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Talvez as redes sociais possam colaborar para que esses sujeitos compreendam a função social da escrita e, mais do que isso, do uso da escrita como forma eficaz de comunicação à distância, porém respeitando as particularidades e especificidades que a surdez os impõe. Desse modo, os surdos utilizam as redes e as tecnologias digitais como facilitadores da interação social e profissional.

A presente dissertação tem o compromisso de divulgar os resultados deste trabalho à comunidade surda e aos professores da Rede Estadual de Ensino onde foram coletados os dados, de modo que seja possível contribuir para que esses profissionais reflitam sobre a importância das novas tecnologias da informação e comunicação como um dos meios de se interagir com os alunos surdos para viabilizar e potencializar a comunicação.

1.5 Organização da Pesquisa

O estudo está organizado em seções e subseções, descritas na sequência:

A primeira seção refere-se à introdução, destinada a apresentar uma visão geral do trabalho desenvolvido e indicar ao leitor o tema central investigado. Além disso, apresenta a questão problema para se realizar a pesquisa, os objetivos distribuídos em geral e específicos, a delimitação, a importância do estudo e sua organização.

Na segunda seção, apresenta-se a revisão de literatura, com um panorama referente às pesquisas já realizadas sobre o tema surdez e redes sociais, além de apresentar subseções que relatam diversos temas pertinentes em relação ao embasamento teórico como: panorama de pesquisas realizadas à surdez e a redes sociais; um breve histórico sobre a educação dos surdos no Brasil; as políticas públicas voltadas para Língua Brasileira de Sinais: possibilidades e conquistas na comunicação dos surdos; o surdo e as possibilidades de interação a partir de mediações; L2 Língua Portuguesa na modalidade escrita: uma das possibilidades de comunicação e as redes sociais; e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como Tecnologia Assistiva na comunicação dos surdos.

Descreve-se, na terceira seção, a metodologia adotada para a realização da pesquisa.

Na quarta seção, foram apresentadas a análise e a discussão dos resultados extraídos da pesquisa quantitativa referente aos dados obtidos nos questionários e a qualitativa apoiada no software *Iramuteq*. Este programa foi utilizado para organizar os dados e colaborar para a

seleção dos termos mais recorrentes nos discursos dos surdos, para assim se definir a análise qualitativa de forma subjetiva ao se averiguar os resultados das entrevistas.

Por fim, na quinta seção, têm-se as considerações finais sobre o estudo e sugestões para possíveis trabalhos de pesquisa posteriores a esta.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Panorama de pesquisas relacionadas à surdez e a redes sociais

Com o objetivo de conhecer as pesquisas já realizadas sobre o tema, a princípio, realizou-se uma busca no Banco de Dissertações e Teses da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com os descritores: surdez e redes sociais. A metodologia adotada para a coleta e a organização dos dados está apresentada a seguir.

O descritor inicialmente utilizado combinava “surdez e redes sociais”. Com o objetivo de otimizar e delimitar a busca, foi selecionado um recorte temporal, restringindo a busca a trabalhos realizados desde 2010 até o ano de 2016. Inicialmente, foram localizados quatro trabalhos referentes ao tema pesquisado, sendo três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Os resumos de cada um destes trabalhos foram lidos e foram selecionadas apenas duas dissertações, as quais realmente têm ligação com o objetivo principal do estudo desenvolvido nesta pesquisa, conforme quadro abaixo.

Quadro1. Dissertações e teses pesquisadas no banco de dados da CAPES

Título	Autor	Ano	Orientador	Programa	Universidade	Região	Palavra-chave	Área de conhecimento
Caracterização da Interação Social de Usuários Surdos em redes sociais online: Um estudo de caso no Orkut	BARBOSA, Glivia Angélica Rodrigues	2012	Prof. Dra Raquel Oliveira Prates	Mestrado Acadêmico em Ciências da Computação	Universidade Federal de Minas Gerais	Sudeste	Redes sociais Online, Comunidades Online, Sociabilidade, Comportamento de Usuários, Surdos.	Ciências Exatas
As Redes Sociais como forma de Desenvolvimento da Comunicação dos Estudantes Surdos Incluídos na Escola Pública Estadual em Campos dos Goytacazes-Rj	Moreira, Liliane Ribeiro	2012	Prof. Dra Nadir Francisca Sant'Anna	Mestrado Acadêmico em Cogitação e Linguagem	Universidade Sudeste Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	Sudeste	Redes Sociais, Comunicação, Inclusão, Surdez, Educação.	Ciências Humanas
A Surdez e seus Desdobramentos: A percepção dos atores sociais envolvidos	SILVA, Luciana Santos Gerosinoda	2012	Prof. Dra. Claudia Giglio de Oliveira Gonçalves	Acadêmico em Distúrbios da Comunicação	Universidade do Tuiuti Paraná Curitiba	Sul	Saúde pública; Diagnóstico precoce; Perda auditiva; Surdez; Fonoaudiologia;	Ciências da Saúde Fonoaudiologia
Movimento Social dos Surdos: Interseções, Atravessamentos e Implicações	GARCIA, Maria Izabel dos Santos	2011		Doutorado em Sociologia e Antropologia	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sudeste	Surdos, movimento social	Ciências Humanas Sociologia e Antropologia

Fonte: quadro elaborado pela autora, em 2016.

Na dissertação de Barbosa (2012), intitulada "Caracterização da interação social de usuários surdos em redes sociais online: um estudo de caso do *Orkut*", são apresentadas algumas proposições que dialogam com o que a presente dissertação pretende discutir, pois o trabalho está organizado em torno da investigação sobre como os surdos se comunicavam e estabeleciam redes de amizade no contexto de uma rede social intitulada *Orkut*. Apesar de a pesquisa ter sido realizada a partir de uma rede social on-line que já não existe mais, neste trabalho investigou-se a interação e a comunicação dos surdos por meio de troca de mensagens, o que se alinha com o objetivo deste estudo, que pretende investigar os meios de comunicação à distância utilizando redes sociais e aplicativos de interação por sujeitos surdos.

A pesquisa realizada por Barbosa (2012) apresenta um estudo de caso que foi realizado a princípio por meio de observação dos dados fornecidos pelo *Orkut*, ou seja, a autora verificou as redes de amigos e relacionamentos dos usuários surdos em comunidades on-line e, posteriormente, disponibilizou um questionário on-line composto por 24 questões que foi respondido por 111 pessoas com algum grau de perda auditiva.

Esta pesquisa conta com diversos pontos relevantes em relação ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação, sobretudo em relação ao uso de redes sociais on-line, pontos esses que colaboraram para a elaboração da base teórica deste trabalho. A análise dos dados realizada por meio de triangulação que foi feita por Barbosa (2012) também ajudou a elucidar a questão de como os usuários surdos de redes sociais interagem com as demais pessoas e com que finalidade usam as novas tecnologias da informação e comunicação. Segundo esta pesquisa, os surdos usam as redes sociais como ponto de encontro entre seus pares e para agendar encontros presenciais, face a face, com vistas a estabelecer comunicação em Libras posteriormente à interação à distância mediada pelas novas tecnologias.

Basicamente, os resultados apresentados pela autora Barbosa (2012) ressaltavam que, quando se comparou os surdos com os ouvintes no quesito quantidade de amigos na rede social *Orkut*, os surdos têm um número maior de amigos, porém isso não significa que eles são mais sociáveis que os ouvintes, pois geralmente participavam de comunidades fechadas destinada somente a surdos ou pessoas envolvidas com a comunidade surda.

Assim, essa pesquisa também evidenciou aspectos importantes sobre a interação social dos sujeitos surdos. Segundo Barbosa (2012), a interação que ocorre por meio das redes sociais é muito importante por configurar-se em um novo espaço de comunicação social, não somente de sujeitos surdos, mas, no caso desses sujeitos, essas ferramentas e novas tecnologias da informação podem ser muito úteis para estabelecer comunicação com as

demais pessoas, seja por meio de vídeos em Libras ou por meio da escrita, pois se configurava como um ponto de encontro virtual entre eles, os surdos.

A dissertação com o título de "As redes sociais como forma de desenvolvimento da comunicação dos estudantes surdos incluídos na Rede Estadual de Campos de Goytacazes", de Moreira (2012), também é caracterizada por pontos em comum com as expectativas e os objetivos específicos traçados neste trabalho, pois em ambas as pesquisas o objetivo é analisar a comunicação dos surdos em redes sociais e aplicativos e verificar se esta comunicação proporciona a inclusão social dos mesmos.

Apesar de ter sido realizada em um contexto diferente do presente trabalho, por estar especificamente voltada ao ambiente escolar, a pesquisa buscava verificar se havia colaboração das novas tecnologias digitais na inclusão destes alunos e, para isso, realizou a coleta de dados com 4 alunos surdos usuários destas tecnologias. Utilizou-se como instrumento para coletar dados a observação e um questionário respondido por estes sujeitos, e teve-se como um dos objetivos a apresentação da realidade da inclusão escolar destes discentes surdos.

Dessa forma, Barbosa (2012) e Moreira (2012) investigaram a comunicação e a interação social dos surdos, mediada por redes sociais, com o uso de novas tecnologias da informação e comunicação digitais. Como mencionado, o objetivo geral do presente estudo, que é analisar a utilização de determinadas tecnologias da informação e comunicação digitais utilizando redes sociais e aplicativos como instrumento de inclusão social de alunos adultos surdos, está em consonância com o apregoado nas duas dissertações, porque ambas as autoras em seus estudos investigaram a interação desses sujeitos mediada pelas novas tecnologias em redes sociais, como este estudo. Contudo, na presente pesquisa não há a preocupação de restringir-se a avaliar apenas o contexto escolar, como ocorrido na pesquisa de Moreira (2012).

Também no que tange à metodologia, as dissertações analisadas trouxeram contribuições para este estudo ao proporem abordagem mista, quanti-qualitativa, com vistas de apresentar os resultados quantitativos para assim favorecer a análise qualitativa. O mesmo foi adotado neste estudo, com um método semelhante para analisar os dados.

Apesar de a presente pesquisa abranger uma população maior de surdos, 54 colaboradores surdos na primeira fase de entrega de questionários e 17 surdos na segunda fase das entrevistas semiestruturadas, a mesma contempla metas bem semelhantes às traçadas no trabalho de Moreira (2012), que apresentou resultados da coleta de dados com somente 4

alunos surdos. Destaca-se especialmente a questão da comunicação dos surdos em redes sociais, como uma possível forma de potencializar a comunicação desses sujeitos com a sociedade.

Os resultados divulgados por Moreira (2012) relacionam-se à frequência do uso da *Internet* por estudantes surdos, que também usavam o computador para se comunicarem em várias redes sociais, entre elas *Orkut*, *Facebook* e *MSN*, com o objetivo de conhecer novas palavras e pessoas e de conversar com amigos, professores e intérpretes de Libras.

Outro ponto relevante para o presente estudo apresentado por Moreira (2012) foi a história da educação dos surdos no Brasil, porque os 17 colaboradores surdos entrevistados neste trabalho relataram sua trajetória escolar e, assim, as diversas mudanças ocorridas nesse contexto de acordo com a filosofia de educação vigente antigamente, principalmente os métodos de ensino. O capítulo da dissertação de Moreira (2012) com o título “A educação de surdos: do império até nossos dias” contribuiu para compor a revisão de literatura da presente pesquisa, além de colaborar para a análise de dados qualitativos da Classe de Palavras designada para refletir sobre a função social da escola na vida dos surdos.

A dissertação “A Surdez e seus Desdobramentos: a Percepção dos Atores Sociais Envolvidos”, de Silva (2012), não toma como objeto de estudo a comunicação dos surdos por meio de redes sociais on-line, tampouco sua interação interpessoal na *Internet*, assuntos nos quais se apoia a presente dissertação. Entretanto a autora, em um estudo minucioso de caso, relata sobre a saúde auditiva da população brasileira e quais as diretrizes referentes à Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva, tendo como base de investigação dez pais ou cuidadores de surdos que frequentavam um centro de apoio ao surdo na cidade de Curitiba, no estado do Paraná.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa com estes colaboradores, com o objetivo principal de investigar os desdobramentos da surdez nos sujeitos envolvidos. Os resultados desta pesquisa indicavam temáticas voltadas ao diagnóstico precoce da surdez, às dificuldades na relação intersetorial referente à busca por tratamento médico e terapêutico da perda auditiva e também às dificuldades na comunicação com o surdo e na formação de professores para lecionar para surdos.

Esse estudo foi de grande valia, pois colaborou na ampliação do entendimento sobre como se dá a construção da identidade dos surdos. Embora tenha aparecido na busca referente aos descritores surdez e redes sociais, este estudo não contribuiu diretamente com o presente trabalho, pois não está em consonância com o objetivo geral deste estudo. O objetivo é

analisar a comunicação dos surdos mediada pelas redes sociais e aplicativos de interação, com o intuito de perceber se este colabora para a inclusão social dos surdos colaboradores deste trabalho.

A última pesquisa apresentada no quadro, intitulada “Movimento social dos surdos: interseções; atravessamentos e implicações”, de Garcia (2011), destaca as redes sociais de proteção dos surdos, ou seja, os diversos profissionais que acompanham e oferecem apoio aos surdos para que possam se desenvolver de forma integral.

O objetivo deste trabalho foi compreender como é a forma de estar no mundo para os sujeitos surdos por meio da ótica filosófico-antropológica, ou seja, a tese teve como objetivo principal a compreensão de como se configura as redes de socialidade das pessoas surdas. A autora Garcia (2011) caracterizou esta rede de socialidade desses sujeitos por meio de sua interação interpessoal vivenciada em associações, instituições e escolas para surdos.

O objetivo geral da pesquisadora foi investigar e analisar a comunicação dos surdos Valendo-se de redes sociais e aplicativos de interação, contudo percebeu-se que Garcia (2011) desenvolveu um estudo voltado a pesquisar os movimentos sociais dos surdos e sua posição na sociedade, mas não ressaltou o aspecto relacionado à comunicação com o uso de tecnologias digitais. Os resultados advertem quanto ao processo de minorização dos surdos referente à identidade e à cultura do povo surdo, pois, segundo a autora, partia-se da premissa da diferença e da Língua de Sinais para se conquistar a tão desejada acessibilidade por estes sujeitos

Por isso, a pesquisa de Garcia (2011) não trouxe grandes colaborações ou pôde ajudar a compor o conteúdo teórico do presente estudo.

Contudo, ao avaliar o panorama das pesquisas realizadas anteriormente a este trabalho referentes à relação dos surdos com as novas tecnologias digitais de informação e comunicação, percebeu-se que, até o ano de 2016, existia uma pequena quantidade de trabalhos científicos destinados a investigar como se dá a utilização de redes sociais on-line por estes sujeitos e, de acordo com o que Melo & Gomes (2013) relataram, existem somente 13 textos destinados a pesquisar sobre o assunto, assim:

O pequeno número de trabalhos que corresponderam aos critérios especificados aponta para a pouca produção científica acerca do tema específico "interações sociais dos surdos na *Internet*". Contudo, a quantidade de trabalhos resultantes das operações de busca realizadas (991) evidenciam a preocupação da comunidade científica com a temática da utilização da *Internet* como ferramenta de inclusão social de pessoas [...] nomeadamente através da sua ligação a redes sociais e comunidades virtuais (MELO&GOMES, 2013, p. 1084).

Ao comparar ambas as pesquisas, a de Melo & Gomes (2013) e o presente trabalho, verificou-se que, apesar de haver o interesse da comunidade científica em estudar como, porque e para que os surdos acessam e utilizam a *Internet* e as redes sociais on-line, até meados de 2016 raros eram os pesquisadores de países onde se tem a Língua Portuguesa como idioma oficial que haviam se dedicado a analisar como estes sujeitos estabelecem a comunicação mediada pelas novas tecnologias digitais de informação.

Portanto, ao refletir sobre este tema e buscar estudá-lo, averiguou-se que o número de pesquisas nesta área ainda é incipiente, porém não menos significativo, porque se observou a necessidade de aprimorar os conhecimentos científicos e os saberes acadêmicos acerca da temática surdez e redes sociais, ou seja, como ocorre a inclusão digital e social do surdo.

A próxima seção deste estudo destinou-se a avaliar como os históricos na educação dos surdos, especialmente os relacionados ao acesso ao conhecimento formal estudado nas escolas por estes sujeitos, se comunicavam no passado e como estabelecem diálogo hoje. Será que todos estes fatores influenciaram na inclusão dos surdos nas instituições escolares e na sociedade?

2.2 Breve histórico sobre a educação dos surdos no Brasil

A educação dos surdos no Brasil percorreu um longo caminho. Para chegar a uma proposta de sistema educacional inclusivo como preconizado hoje, vários fatores influenciaram esta decisão de haver uma escola baseada nos princípios da inclusão. Entende-se por sistema educacional inclusivo o que oferece a garantia de acesso e permanência das pessoas surdas nas escolas de ensino regular vivenciadas atualmente.

Mantoan (2003), em seu livro “Inclusão Escolar O que é? Por quê? Como fazer?” descreve o conceito deste termo quando explica que a inclusão “prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. [...] o mote da inclusão, ao contrário, é o de não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo da vida escolar” (MANTOAN, 2003, p.16).

Para esta autora, Mantoan (2003), as unidades escolares em uma perspectiva inclusiva devem organizar-se para atender a todos os alunos independentemente de serem deficientes ou não, assim a escola deve contemplar as necessidades de todos os discentes, se estruturando

para isso. Entretanto, nem sempre foi assim, pois a educação dos surdos, no Brasil e no mundo, evoluiu devagar, adotando diversas filosofias e teorias para conduzi-la, conforme as necessidades econômicas, políticas e culturais de cada país.

Somente a partir do século XVI começaram a surgir educadores para surdos no mundo, como o abade francês L'Epée (1712-1789) e o pastor alemão Heinicke (1729- 1790), porém, no Brasil, os surdos neste contexto ainda eram educados em suas casas, como nos ressalta Rocha (2008) "O espaço do saber no Brasil era a casa. Podia ser a casa do professor ou do aluno, tanto nas cidades como nas propriedades rurais" (ROCHA, 2008, p.25).

Geralmente, as crianças recebiam instrução, ou seja, aprendiam a ler e escrever, no ambiente doméstico com o apoio e a intervenção de um professor particular, que atuava quase como um tutor.

Segundo Honora (2009), Huet foi convidado pelo imperador D. Pedro II para vir ao Brasil, a fim de propor um programa especial para ensinar os surdos. Ele havia ficado surdo aos 12 anos e atuava como professor no Instituto de Surdos-Mudos de Bourges, na França.

Em 1857, E. Huet fundou a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto de Surdos e Mudos. Apesar de esta ser a data oficial, o Instituto já funcionava desde 1855 em um ambiente emprestado do colégio Vassimon, local que abrigou o Instituto de Surdos-Mudos por dois anos, segundo Rocha (2008). Neste contexto, Huet começou a ensinar as crianças surdas pelo método de L'Epeé (1712-1789), que foi o fundador da primeira escola para ensino de surdos na França. O método combinado que Huet utilizava para lecionar e se comunicar com os alunos surdos aliava o uso dos sinais à língua escrita. Atualmente, a escola que E. Huet inaugurou se tornou o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O método utilizado na escola, inicialmente, consistia em usar o alfabeto manual e a Língua de Sinais francesa.

A escola tinha 19 alunos surdos matriculados no seu primeiro ano de funcionamento, sendo 13 meninos e 6 meninas. Segundo Rocha (2008), Huet ficou no comando do Instituto de Surdos-Mudos até 1861e, depois deste ano, seu destino foi incerto.

Após várias trocas de diretores no comando do antigo Instituto de Surdos-Mudos, o atual INES, em 1862 o professor Dr. Manoel de Magalhães Couto assumiu o comando da escola e estabeleceu "as disciplinas a serem lecionadas aos alunos e também um quadro de funcionários que contava com um diretor, um professor, um capelão, um inspetor de alunos, uma inspetora de alunas, um roupeiro, uma enfermeira, uma despenseira, uma criada, um cozinheiro e quatro serventes" (ROCHA, 2008, p. 35).

Mesmo com a contribuição de Dr. Manoel de Magalhães Couto no sentido da organização do Instituto, em 1868 o ministro do Império escolheu o Dr. Tobias Rabello Leite para fazer um relatório sobre as condições com as quais a escola funcionava e, assim, verificou-se que o local havia se transformado em um asilo para os surdos, como ressaltou Rocha (2008).

Como o Instituto perdeu o seu foco no ensino, o que era esperado de uma escola para surdos, o diretor Dr. Manoel de Magalhães Couto foi exonerado do cargo, que foi assumido interinamente pelo Dr. Tobias Leite. Porém, em 1872, este foi oficialmente designado para a função de diretor, na qual permaneceu até sua morte em 1896.

Ele deixou diversos marcos na história da educação dos surdos, pois segundo Rocha (2008), Dr. Tobias pensava que o surdo, após terminar os estudos no Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), deveria ter uma profissão. Como o Brasil era um país agrícola nesta época, ele mandou organizar um terreno próximo ao jardim do Instituto para que os alunos desenvolvessem atividades em uma horta e assim adquirissem capacitação para o trabalho e para as relações sociais.

Um aspecto relevante a se refletir é que, neste contexto, o INES não tinha o objetivo de formar apenas surdos letrados, ou seja, profissionais de profissões liberais, mas tinha como objetivo também formá-los conforme as características do país, uma região voltada basicamente à agricultura naquela conjuntura.

Outro feito importante foi mandar fazer a tradução, do francês para o português, de vários livros franceses que eram utilizados no Instituto para surdos de Paris, possibilitando a reprodução de 500 exemplares destes livros e enviando-os para as províncias de São Paulo, Goiás e Minas Gerais, com o objetivo de suprir a falta de docentes capacitados para lecionar aos surdos no país, que tem dimensões continentais, e onde havia surdos residindo em suas diversas partes.

Rocha (2008) destacou que:

Dr. Tobias acreditava que era necessária a criação de outros Institutos nas demais províncias. Constatando o pouco interesse das províncias em abrir esses espaços, ele compreendeu que as prerrogativas regimentais da Instituição estavam aquém de suas responsabilidades, quais sejam, a de divulgar e orientar em âmbito nacional as discussões sobre a escolarização e a profissionalização dos surdos (ROCHA, 2008, p. 41).

Desde esta época, percebe-se a influência do Instituto na educação brasileira de seu público alvo, pois apesar de Dr. Tobias ter desejado que houvesse mais escolas assim

espalhadas pelo território brasileiro, isto não foi possível. Mesmo assim, ele buscou deixar a sua colaboração para a formação dos surdos por meio da tradução dos livros do francês para o português e fomentando também o desenvolvimento profissional do surdo.

Outro personagem importante da história da educação dos surdos no Brasil foi Flausino José da Costa Gama, que era um ex-aluno do INES e em 1875 desenhou os sinais por meio do livro da Iconografia dos Sinais, segundo Rocha (2008), e esta obra tem um valor incomensurável, pois o sucesso do seu feito foi reconhecido pelos alunos e pelo diretor da Instituição, deixando um registro importantíssimo referente à Língua de Sinais, como um dicionário dos sinais utilizados pelos surdos.

Não obstante aos fatos ocorridos na história da educação dos surdos no contexto mundial que também colaboraram para modificar a educação brasileira destas pessoas, um importante marco nesta história foi a realização de um Congresso em 1880, em Milão, na Itália, no qual foi aprovada filosofia oralista para o ensino dos surdos.

Essa filosofia era baseada na aquisição da fala. Acreditava-se que apenas se estes sujeitos aprendessem a falar, assim poderiam se desenvolver no processo de aquisição da leitura e da escrita. Nessa época, foram banidos os sinais e os professores surdos das escolas, pois o objetivo do Oralismo, segundo Goldfeld (1997), buscava a integração da criança com surdez na comunidade de ouvintes, querendo dar-lhes meios para desenvolver a língua oral.

Deste modo, procurava-se adequar a vida do surdo a dos ouvintes por meio da fala. A finalidade era fazer com que o surdo desenvolvesse a língua oral para que pudesse se desenvolver emocional, social e cognitivamente, do mesmo modo que os ouvintes, e que pudesse ter uma vida mais normal possível (PERLIN, 1998).

No INES, um defensor do desenvolvimento da fala articulada era o professor Jucá. É importante ressaltar que “a retomada da disciplina de Linguagem Articulada reabriria também a discussão recorrente desta área cujos primeiros protagonistas foram o abade L’Epée e o pastor Samuel Heinicke. As visões eram bastante distintas” (ROCHA, 2008, p.49).

A discussão girava em torno de qual o melhor método para se ensinar os surdos, se por meio da filosofia oralista, que privilegia a fala, ou se por meio dos sinais e da escrita, ao retomar-se a disciplina de Linguagem Articulada no Instituto. Provavelmente, isto foi um reflexo do Congresso de Milão, já que a maioria dos professores que trabalhavam nesta escola era formada na Europa.

Constatamos que os surdos durante os diversos períodos da história foram colocados à margem do mundo econômico, social, cultural, educacional e político, sendo

considerados como deficientes, incapazes e desapropriados de seus direitos e da possibilidade de escolhas (MERSELIAN, VITALIANO, 2009, p. 20).

Por muito tempo, os surdos foram considerados pessoas incapazes, ficando à margem da sociedade em função da falta de comunicação oral. Nesse sentido, a exclusão e os muitos preconceitos eram justificados em razão da falta de audição e da comunicação verbal que os surdos apresentavam.

Strobel (2009) relata o marco inicial da filosofia oralista para ensinar os surdos, como se descreve abaixo:

Realizou-se Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a Língua de Sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo a usar a Língua de Sinais. O Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do Oralismo puro (a maioria já havia empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos), (STROBEL, 2009, p. 26).

A decisão do referido Congresso de Milão teve como consequência uma lacuna na educação dos surdos, originando uma queda na qualidade da educação oferecida a esta população. Segundo Rocha (2008), o decreto de nº 9.198 em seu nono artigo descrevia a decisão de se voltar a utilizar o Oralismo puro, ou seja, a filosofia oralista para se ensinar todos os surdos a falar por meio da disciplina de linguagem articulada e leitura sobre os lábios no INES, pois durante a gestão de Dr. Tobias Leite esta matéria era estudada apenas por aqueles por alunos considerados capazes para aprender a articular as palavras, não sendo disciplina obrigatória para todos os discentes.

A progressão histórica a partir do ato punitivo do Congresso de Milão, que culminou no fechamento dos internatos e dos institutos e na criação de programas de política educacional nas escolas de Surdos, modificou todo o panorama da educação e da pedagogia que concerne à área da surdez, ou seja, anulou a experiência visual.

Historicamente, no movimento da filosofia oralista, foram implantadas várias metodologias sob a perspectiva clínica terapêutica, ou seja, os sujeitos enxergavam os surdos como deficientes que precisavam de cura, de algo que sanasse a surdez. "A educação, o currículo e a metodologia de Surdos, por meio de experiência visual, foram postas de lado para se envolver nos treinamentos da oralização. O que era coletivo passou a ser individual. Os recursos da oralização foram totalmente aceitos nas salas de aulas" (CAMPELO, 2008, p.

49-50). Durante o tempo que prevaleceu a Filosofia do Oralismo na história da educação dos surdos, privilegiou-se o aprendizado da fala.

Nesse período de ascensão do Oralismo, pôde-se verificar que houve o isolamento cultural dos surdos, pois o uso da Língua de Sinais esteve proibido, como ressaltou Skliar (2015).

Foram mais de cem anos de práticas de tentativa de correção, normalização e de violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da Língua de Sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferença dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos (SKLIAR, 2015, p. 7).

O autor ressalta que, apesar das diversas tentativas de melhoria na comunicação e no ensino escolar para os surdos, empregadas por meio da utilização da filosofia denominada Oralismo, não houve grandes avanços relacionados ao respeito e ao olhar mais atento em relação a estes sujeitos, com cultura peculiar e suas particularidades para desenvolver-se no processo de escolarização.

O fato de haver uma crença em relação à necessidade de dominar a fala para ser considerado um ser pensante e capaz de tomar decisões pode ter sido o motivo de tantos preconceitos e, principalmente, de tanta exclusão social que os indivíduos surdos viveram na sociedade, pois, historicamente, a deficiência auditiva, a falta de audição e, em especial, as dificuldades ou impedimentos de comunicação verbal, muitas vezes, fizeram com que essas pessoas fossem consideradas inábeis. Segundo Capovilla, 2001 havia uma "[...] falsa crença disseminada na Linguística até inícios da década de 1960, de que a linguagem falada é a única forma de linguagem, fica fácil entender boa parte dos preconceitos que cercam o Surdo" (CAPOVILLA, 2001, p. 1480).

Entretanto, os resultados da filosofia oralista, que tinha como objetivo por meio do desenvolvimento da fala proporcionar a inclusão dos surdos, não apresentou resultados satisfatórios. Isso se deve ao baixo nível de aprendizagem dos alunos, já que apenas uma minoria realmente conseguia adquirir uma fala inteligível. Assim, houve o fracasso do objetivo central da filosofia oralista, o aprendizado da língua oral por todos os surdos.

A adoção oficial dessa filosofia denominada Oralismo durou quase um século, segundo Strobel (2009). Em meados da década de 1960, ocorreu a queda desse paradigma e

houve a ascensão da ideia de Comunicação Total, que tem como base o uso dos sinais com aspectos da fala.

Quando surgiu a Comunicação Total, na década de anos 60, trouxe o reconhecimento e valorização da Língua de Sinais que foi excluída por mais de 100 anos na educação dos surdos. Então surgiram, em muitas escolas, os corais de Língua de Sinais, que não condiz com expressão da arte surda. Os sujeitos surdos eram como marionetes imitando os sinais e movimentos com um maestro ouvinte (STROBEL, 2009b, p.69).

Nesse caso, os sinais são vistos como um apoio para a aprendizagem da língua escrita, privilegiando o idioma oficial do país e colocando a primeira língua dos surdos (a Língua de Sinais) em segundo plano ou como peça coadjuvante. O docente deveria utilizar todos os recursos e meios para ensinar os surdos a falar e a escrever a língua oficial do país, como os recursos visuais, dentre eles desenhos, imagens, fotos, além da fala e da Língua de Sinais, simultaneamente.

Ou seja, como Strobel (2009) ressaltou, “considerando que o uso simultâneo da fala e de Língua de Sinais tem a desvantagem de prejudicar a fala, a leitura labial e a precisão das ideias” (STROBEL, 2009b, p. 34).

Os meios usados pela filosofia da Comunicação Total não foram suficientemente eficazes para atender as necessidades educacionais e de comunicação dos surdos, como ressaltou a autora Strobel (2009b).

Estudos demonstraram que, na maior parte do tempo, os professores misturavam as duas línguas, dificultando a aprendizagem dos alunos surdos. Para Capovilla (2001), “[...] uma amostra linguística incompleta e inconsistente, em que nem os sinais nem as palavras podiam ser compreendidos plenamente por si sós” (CAPOVILLA, 2001, p. 1486).

Dessa forma, os alunos não conseguiam aprender a ler e a escrever corretamente, mesmo com todo o esforço para haver comunicação entre docente e alunos surdos. A Comunicação Total, ao tentar fazer uso de duas línguas ao mesmo tempo, passou a ser considerada incompleta:

A Comunicação Total advoga o uso de um ou mais desses sistemas, juntamente com a língua falada, com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. É mais uma filosofia que se opõe ao Oralismo estrito do que propriamente um método. A redenção dos sinais só começou a tornar-se realidade a partir das pesquisas básicas seminais de Stokoe (1960) em seu instituto de pesquisas linguísticas na Universidade Gallaudet, em Washington (CAPOVILLA, 2001, p. 1483).

A Comunicação Total, segundo o autor, era apenas uma amostra linguística porque, para ele, era praticamente impossível falar duas línguas tão diferentes ao mesmo tempo, uma

vez que a Libras utiliza os campos visual e espacial, já a Língua Portuguesa é oral, auditiva. No esforço de ensinar os surdos, os professores falavam em Língua Portuguesa e usavam sinais descontextualizados com a fala para tentar estabelecer um meio de comunicação, o que, na maioria das vezes, resultava em fracasso escolar dos alunos surdos.

Apesar de não haver alcançado o sucesso esperado ao ensinar Língua Portuguesa para os surdos, a filosofia da Comunicação Total proporcionou naquela época a abertura de portas para que os sinais fossem utilizados oficialmente na escola novamente. Mais tarde, compreender-se-ia que seria perfeitamente possível ensinar os surdos partindo-se da premissa do uso e difusão da Língua de Sinais e também da língua majoritária do país na modalidade escrita, como se observa nas escolas bilíngues.

Segundo Mendonça (2007, p. 49), “a educação especial sofreu várias mudanças, com a criação de classes especiais (1970) em escolas regulares e as iniciativas localizadas de inserção de deficientes em classes regulares, que culminou em proposição política de largo alcance de inclusão de alunos deficientes no ensino regular”. De certa maneira, a criação das classes especiais e essas iniciativas de “inclusão dos alunos com deficiência”, segundo a autora, colaboraram para a modificação das políticas públicas e, posteriormente, com a criação de leis, ou mesmo a alteração na legislação sobre o direito do surdo à educação escolar, o que de certo modo garantiu o acesso à escola, mas não necessariamente o êxito no processo de aprendizagem.

Conforme afirma Bueno (2004), se, por um lado, esse modelo de educação desenvolvido nas classes especiais garantiu a um número maior de alunos o acesso à escola, por outro lado não garantiu um ensino tão eficiente para a sua integração no ensino regular. Ainda segundo Bueno (2004), ao não se oferecer aos alunos da classe especial o mesmo nível de escolarização que as crianças ditas “normais”, a educação especial também realiza um trabalho de exclusão desses alunos, sob a alegação da falta de condições dos surdos para o aprendizado.

"O que se garantiu a essa população foi o direito de igualdade de oportunidade apenas no ponto de partida, mas o ensino praticamente não cumpriu seus objetivos na maioria dos casos" (MENDONÇA, 2007, p. 49).

Assim, parte-se do pressuposto que a proposta do bilinguismo é, de certa forma, mais democrática, pois permite à pessoa surda se comunicar em Língua de Sinais e utilizar a Língua Portuguesa na modalidade escrita, ou se possível, articular a fala, quando lhe for necessário ou agradável, dependendo do interlocutor com quem interage.

O Surdo deve ser capaz de usar o meio de expressão que seja adequado à situação que encontrar, e com o qual ele se sinta mais confortável. Ao conversar com Surdos ou ouvintes sinalizadores, ele pode usar sua Língua de Sinais. Ao conversar com ouvintes não – sinalizadores, ele pode escrever, ou oralizar, ou usar um intérprete ouvinte (CAPOVILLA, 2001, p. 1487).

A linguagem é muito importante para o desenvolvimento de qualquer criança e não é diferente com a criança surda, pois ela necessita ter uma linguagem e se apropriar de uma língua para conseguir estabelecer a comunicação. Por isso, há a necessidade de explorar o universo bilíngue, com o intuito de se alcançar um ensino de qualidade, visando à aprendizagem do aluno surdo e sua independência perante a sociedade, utilizando a Língua de Sinais ou a Língua Portuguesa como instrumento eficaz de comunicação, de acordo com o contexto ao qual está inserido.

No bilinguismo o surdo deve sinalizar em Libras e utilizar a Língua Portuguesa na modalidade escrita, pois [...] bilinguismo para surdos apresenta-se como diretriz dos modelos educacionais. Assim, é como dizer que a Língua de Sinais deve ser considerada a primeira língua do surdo e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, sua segunda língua (FERNANDES, 2005, p. 22).

Na filosofia de educação bilíngue para surdos, supõe-se que o indivíduo deve ter acesso à Língua Portuguesa e à Língua de Sinais, sendo que a Libras deve prevalecer e ser reconhecida como língua majoritária para a população surda nas interações interpessoais.

A condição para a melhoria da comunicação entre sujeitos surdos é a utilização da Língua de Sinais como primeira língua e a Língua Portuguesa como facilitadora da comunicação por meio da escrita, pois isso é fundamental para que se entenda o surdo como parte de uma minoria cultural que não pode ser ignorada e desrespeitada enquanto grupo sociocultural. E essa questão é importante, sobretudo porque, para todos os demais sujeitos não surdos na sociedade brasileira, a língua oficial é a Língua Portuguesa.

Quadros (2000), ao refletir sobre o bilinguismo, afirma: “Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o português no contexto mais comum do Brasil” (QUADROS, 2000, p. 54).

Por isso, é pertinente que lhes seja ofertado o ensino da Língua Portuguesa como um sistema distinto da Língua de Sinais, porque esse ensino é muito importante para sua subsistência enquanto cidadão brasileiro, ou seja, como pessoa que precisa estabelecer comunicação, seja essa em Língua de Sinais ou por meio da escrita em Língua Portuguesa com os demais indivíduos.

2.3_ Língua Brasileira de Sinais: possibilidades e conquistas

As Políticas públicas voltadas para o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) percorreram um longo caminho na história da educação e comunicação dos surdos até ser reconhecida oficialmente como uma língua, o que se configura nos dias atuais.

Por políticas públicas entende-se "a definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam em responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por que e que diferença faz" (SOUZA, 2002, p.4).

Ou seja, a definição de política pública enquanto ato do governo para responder ou não às necessidades dos cidadãos, em geral, como destacou a autora Souza (2002).

Entretanto, não faz mais sentido discutir a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para o surdo apenas como uma política pública, pois a Lei 10.436/2002 descreve e reconhece a Libras como primeira língua das pessoas surdas, além de regulamentar a língua que esse grupo de pessoas usa para se comunicar. Verifica-se que esta legislação foi promulgada há mais de 15 anos e, de certa maneira, garantiu o uso e a difusão desta língua.

Retomemos:

Art. 1º. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL, 2002).

Ainda de acordo com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002: a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como meio de comunicação dos surdos que, por meio desta língua, expressam ideias, sentimentos e ações. Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, a Língua de Sinais não é constituída de mímicas. Segundo Quadros (1997), pesquisas apontam que são "sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam. Apesar de apresentarem algumas formas icônicas, são altamente complexas" (QUADROS, 1997, p.47).

Trata-se de uma língua própria dos surdos, com organização gramatical característica, que propicia a conversa e a interação ao se visualizar um determinado sinal que tem significado em Libras. O diálogo sinalizado facilita a comunicação dos surdos com as demais pessoas do ambiente social, como no ambiente escolar, por exemplo.

Segundo Pereira, Choi, Vieira, Gaspar e Nakasato (2014), na Língua de Sinais existem aspectos que se distinguem das línguas orais, ou seja, " diferente do que ocorre com as línguas

orais, as de sinais fazem uso das mãos, do espaço, do movimento, do olhar e da expressão facial"(PEREIRA, CHOI, VIEIRA, GASPAR E NAKASATO, 2014, p.17).

No Brasil, a Libras é um conjunto dessas formas gestuais-visuais de sinais. Como foi ressaltado por Pereira, Choi, Vieira, Gaspar e Nakasato (2014), a Libras abrange aspectos referentes à visão e se delinea no espaço. Deste modo, por contemplar o sentido da visão, essa língua tornou-se importante para que os surdos aprendam, se desenvolvam e principalmente utilizem a Língua de Sinais como um meio de comunicação eficaz para os surdos interagirem entre si e com os demais sujeitos.

Contudo, Redondo e Carvalho (2000), mencionam que “a audição é essencial para a aquisição da língua falada, e a sua deficiência influencia tanto no relacionamento da mãe com o filho” (REDONDO e CARVALHO, 2009, p. 13), como a falta de um sentido cria lacunas nos processos psicológicos de integração de experiências, afetando o equilíbrio e a capacidade normal de desenvolvimento da pessoa, se não lhe for oferecida a oportunidade de interagir por meio de Libras ou outra língua, no caso dos surdos pressupõe-se que estes poderiam ser privados de estabelecer diálogo.

Ou seja, faz-se necessário adquirir uma língua e por meio dela ter acesso ao conhecimento e à interação social. Neste contexto, torna-se essencial o surdo aprender a Língua de Sinais, para que assim este sujeito converse e tenha possibilidade de se comunicar com as pessoas, aqueles que também são fluentes nessa língua, principalmente quando não é oralizado, ou é oralizado e mesmo assim opta por fazer uso dos sinais para compartilhar informações. Como destaca Botelho (2002):

Quando uma criança surda tem acesso a sua língua natural, ou seja, a Língua de Sinais, ela se desenvolve integralmente, pois tem inteligência semelhante a dos ouvintes, diferindo apenas na forma como aprendem que é visual e não oral-auditiva (BOTELHO, 2002, p. 53).

Botelho (2002) afirma que a criança surda, desde sua mais tenra idade, deve começar a aprender a Língua de Sinais. Entretanto, muitas vezes isso não ocorre na realidade, pois a maioria das crianças surdas nasce em famílias em que os pais são ouvintes e não dominam a Língua de Sinais para comunicar-se com seu filho surdo.

Por isso, é essencial o acesso à escola, onde a Língua de Sinais é utilizada como primeira língua, pois aos surdos filhos de pais ouvintes, será no ambiente escolar que haverá o contato e a aquisição da mesma. Segundo Pereira (2014) a aquisição da língua permite o desenvolvimento das funções cognitivas e dificilmente poderá ser vivenciada naturalmente

em famílias de pessoas ouvintes, nas quais existe apenas um membro surdo. Nesse sentido, a interação com o grupo social, no caso dos surdos, é fundamental para a aprendizagem da Língua de Sinais, especialmente para surdos filhos de pais ouvintes.

Em 24 de abril de 2002 foi promulgada a Lei 10.436/2002, a qual descreve e reconhece a Libras como primeira língua das pessoas surdas. Essa língua configura-se como meio eficaz para atender as necessidades de comunicação do surdo, pois pode colaborar para o desenvolvimento cognitivo e social desses indivíduos.

Esta lei ainda dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) considerando-a como um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria que constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. E em parágrafo único dispõe que “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa” (BRASIL, 2002).

Apesar de reconhecer a Libras como língua própria dos surdos, esta legislação não a sobrepôs sobre a Língua Portuguesa.

Após três anos, a Lei nº 10.436/2002 foi regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, que em seu artigo 14 descreve que:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior (BRASIL, 2002).

Este Decreto 5.626 de 2005 foi idealizado e homologado para regulamentar a chamada Lei de Libras, a Lei nº 10.436 e, de certo modo, o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, pois ambas as legislações garantem que todos os surdos têm direito a educação, de forma a colocá-los em uma condição de igualdade relacionada ao acesso à escola e à educação formal, ao menos no âmbito jurídico.

No que diz respeito à formação de professores, o Decreto nº 5626/05, no Capítulo II, trata da inclusão da Libras como disciplina curricular.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005, p. 1).

Essa medida possibilitou que os professores graduados a partir desse Decreto saíssem com a formação básica em Libras, necessária para contemplar o atendimento de alunos surdos na rede regular de ensino. É preciso reconhecer os avanços em relação à implementação da disciplina de Libras no Ensino Superior, entretanto:

[...] considero importante que continuemos a refletir tanto sobre o perfil profissional e acadêmico que deve ter o professor responsável pela disciplina, quanto sobre quais devem ser os critérios para a escolha dos conteúdos que serão trabalhados nesses espaços de formação (SOARES, 2014, p.11),

O autor aponta ainda que pesquisas nesse campo ainda são escassas e alerta que esses questionamentos serão importantes contribuições para a disciplina de Libras na formação de novos educadores e, conseqüentemente, na escolarização de alunos surdos na escola regular.

Paralelamente a essa conquista:

[...]as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior (BRASIL, art. 14, 2005).

Assim, os sujeitos surdos atualmente são protegidos por lei em relação aos seus direitos e, por isso, têm total acesso à educação em todos os níveis, desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Ainda segundo o mesmo Decreto Federal 5.626 de 2005, as escolas deverão possibilitar aos alunos surdos o ensino de Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua, ou seja, deve-se oferecer uma educação bilíngüe a estes estudantes. Desta forma, a escola precisa estar preparada para receber os alunos e garantir essas modalidades de ensino.

Ressalta-se que Ferreira (2010) destacou: “para que a criança surda alcance o seu desenvolvimento total, a inclusão necessita de acompanhamento adequado, deve-se considerar a capacitação dos professores desempenharem esse trabalho” (FERREIRA, 2010, p. 74).

Desta forma, a escola e os docentes precisam estar preparados para receber os alunos de forma que garanta o ensino e principalmente o uso de Libras, inicialmente possibilitando a comunicação e, posteriormente, a aquisição da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Vale destacar ainda que, segundo o mesmo Decreto 5.626/2005, em seu 2º artigo: “considera-se pessoa surda aquela pessoa que, por ter perda auditiva, compreende e interage

com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente, pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005).

A Lei 12.319 de 2010 “regulamenta a profissão do tradutor e interprete de Libras e defende a presença deste profissional para acompanhar o aluno surdo em sala de aula” (BRASIL, 2010, p.2) e, em seu parágrafo 6º, descreve as atribuições desse profissional:

II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares (BRASIL, 2010, p. 2).

Portanto, o aluno surdo tem o direito de um intérprete de Libras em sala de aula desde o Ensino Fundamental até o Ensino superior, de forma que compreenda e tenha acesso aos conteúdos escolares por meio da tradução das aulas da Língua Portuguesa para Libras. Entretanto, Vale ressaltar que, de acordo com a pesquisa de Lacerda (2002), a presença do intérprete de Libras em sala nem sempre garante a aprendizagem do aluno surdo, estando presentes outras variáveis que refletem nesse processo.

Posteriormente, a Lei nº 5.016 de 2013 demonstrou mudanças na educação dos surdos no Distrito Federal, pois ao restabelecer diretrizes e parâmetros para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais voltadas à educação bilíngue, por meio da criação de escolas de período integral para estudantes surdos, também delibera que haja, nestas instituições, instrutores surdos para o ensino de Libras e prevê que, no Projeto Político Pedagógico da escola, conste o uso, a difusão e o ensino de Libras a todos os discentes que estudam nestes ambientes escolares. Entre outras medidas, esta legislação promoveu maior respeito às ideias da comunidade surda.

Em seu artigo 2º, ressalta que a escola deve:

VIII – prever, em seu Projeto Político Pedagógico, atividades de formação continuada em Libras, estudos surdos e culturais, envolvendo a equipe docente, a equipe gestora, a equipe de apoio da unidade educacional e toda a comunidade escolar;

IX – oferecer projetos que atendam às especificidades e às necessidades educacionais dos alunos, dos seus familiares, do corpo docente da instituição e dos demais profissionais do quadro administrativo da escola, para melhorar a adequação dos conteúdos curriculares e a formação integral dos alunos;

X – preparar o aluno para o exercício da cidadania, de forma consciente e linguisticamente competente (BRASIL, 2013, p.1).

Essa Lei, no âmbito do Distrito Federal, reforça aspectos fundamentais, para que de fato a educação bilíngue aconteça, assim estabelecendo políticas públicas que norteiem ações práticas pedagógicas que atendam às necessidades e especificidades da comunidade surda. Entre estas particularidades dos sujeitos surdos está a comunicação e a aprendizagem desenvolvidas basicamente por meio da visão.

Campelo (2008) ressaltou que:

A comunicação visual é o ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados da Língua de Sinais e sua linguagem, assim como os fonemas da linguagem escrita, falada, sinais, signos ou símbolos, ou de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou virtual (CAMPELO, 2008, p.152).

A autora defendeu a necessidade de estímulos visuais por meio de métodos diferenciados para melhorar a comunicação, a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno surdo, pois a pessoa surda tende a ampliar mais o uso do aspecto visual. Para Campelo (2008), os docentes no ambiente escolar deveriam se valer mais da expressão corporal e do campo visual para lecionar, assim favorecendo a aprendizagem dos surdos. Deste modo, há incentivo para que os alunos surdos compartilhem os conhecimentos por meio da Língua de Sinais.

Porém, o professor pode valorizar o aprendizado do aluno fora da escola, nas trocas de informações com a família e nas interações com outras pessoas por meio da Libras. Qualquer tentativa de comunicação deve ser levada em consideração (CAMPELO, 2008). O foco principal deveria ser na comunicação dos surdos mediada pela Libras, a língua utilizada por estes sujeitos na interação com as pessoas.

Destaca-se que a Língua de Sinais tem suas próprias construções de história nos diversos países. No Brasil, a Língua de Sinais tem origem francesa, mas vale ressaltar que esta língua não é universal, pois, assim como acontece com as línguas orais, em cada nação existe uma língua diferente, que retrata a cultura de uma sociedade, seu modo de viver, e de se comunicar.

Cada país tem sua cultura para a construção de uma identidade própria e, também na Libras, existe variação de região para região. Apesar de haver uma norma padrão de sinais no Brasil, há a presença de gírias e um alfabeto manual padrão em toda nação. O ensino de Libras está inserido na vida da criança surda, na de seus pais e passa também a fazer parte do cotidiano das crianças ouvintes, que tentam comunicar-se com amigos no dia a dia, em escolas bilíngues.

O ideal seria que a Libras fizesse parte da vida da sociedade de forma mais significativa em ambientes públicos, para que todos, sem exceção, conseguissem se comunicar com estas pessoas surdas sem precisar da ajuda de intérpretes.

Entretanto, outras conquistas foram alcançadas pela comunidade surda e as demais pessoas com deficiência no que tange a legislação, com destaque para a lei de cotas. A Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, trata da contratação de Deficientes nas Empresas, que basicamente se coloca "sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de portadores de necessidades especiais" (BRASIL, 1991). Ressalta-se que esta política pública conquistada pelas pessoas com deficiência também beneficiou os surdos diretamente, pois, a partir do ano de 1991, passou a ser obrigatória a contratação destas pessoas pelas empresas, colaborando para inclusão do deficiente no mercado de trabalho.

Ainda segundo Evangelista, Souza, Tozzo (2014):

As empresas têm obrigatoriedade em aplicar e entender o funcionamento da Reserva Legal de Cargos de acordo o quadro de funcionários. Empresas com 100 ou mais funcionários, por exemplo, devem preencher parte de seus cargos com pessoas com deficiência. Para atender à Lei de Cotas, a Organização tem como base o art. 93 da Lei nº 8.213/91 (EVANGELISTA, SOUZA, TOZZO, 2014, p.53).

Os autores ressaltam que existe a obrigatoriedade de se oferecer vagas de trabalho às pessoas com deficiência de acordo com o numero de funcionários que a empresa tem para, assim, atender o que foi promulgado por esta legislação. Mas, nesta pesquisa desenvolvida por Evangelista, Souza, Tozzo (2014), os resultados conotam que aos surdos são oferecidas vagas de trabalho que não exigem grande qualificação e formação acadêmica, como se observa em:

organizar e dar suporte às funções designadas aos surdos, valorizando os potenciais individuais de cada ser humano.[...] As empresas estão conscientes das obrigações e responsabilidade social vigentes e descritas em leis e documentos oficiais. Porém, algumas dificuldades são encontradas e precisam ser repensadas para que sejam apresentadas como eticamente corretas no que se refere à inclusão das pessoas com surdez no mercado de trabalho (EVANGELISTA, SOUZA, TOZZO, 2014, p.56)

Após a verificação dos resultados desta pesquisa, percebe-se que os surdos trabalham na empresa colaboradora do estudo destes autores em postos de emprego destinados apenas à produção industrial e que não há surdos ocupando cargos de chefia ou administrativos. Por este motivo, Evangelista, Souza e Tozzo (2014) destacam que, apesar de haver o cumprimento da lei de cotas, ainda se faz necessário ter equidade quanto ao potencial individual de cada funcionário surdo.

Deste modo, a mediação entre os surdos e ouvintes e entre os surdos e seus pares será observada segundo a ótica de Vygotsky (2011) nos estudos sobre defectologia na próxima seção deste estudo.

2.4A construção de caminhos indiretos a partir das mediações

De acordo com Rego (1995), a aquisição de uma língua é entendida, por Vygotsky, como um "sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas" (REGO, 1995, p. 53), ou seja, ao se adquirir uma língua como forma de comunicação com os outros, o sujeito emerge na cultura e na história construída ao longo do tempo por grupos humanos.

Em meados do século XX, contrapondo a visão biológica da Psicologia, que entendia a deficiência como falta, Vygotsky adotava, para a aprendizagem e o desenvolvimento dos surdos, uma visão não focada no defeito, ou seja, na deficiência em si, naquilo que falta à pessoa que tem uma deficiência. De acordo com preceitos da Defectologia, termo que caracteriza os estudos sobre deficiência, "no pensamento vigotskiano, ressaltamos que os estudos sobre deficiência devem ser alicerçados em aspectos históricos e culturais, e que a significação da mesma deve ser pautada para além de uma realidade prática baseada em concepções filosóficas e antropológicas" (LIMA; ARAÚJO; MORAES, 2010, p. 52).

Segundo Vygotsky (2011), se a criança apresenta uma deficiência durante a infância, esta terá maiores dificuldades para desenvolver-se como as demais crianças se for entregue apenas ao desenvolvimento natural. Ou seja, o autor defende, em uma perspectiva histórico-cultural, que a criança com deficiência precisa de auxílio e estímulos para adquirir o conhecimento escolarizado e para ter garantido o desenvolvimento cognitivo, pois, do contrário, possivelmente terá dificuldades para se desenvolver no mesmo tempo e da mesma maneira que as demais crianças tidas como "normais" pela sociedade.

Nessa perspectiva, Vygotsky (2011) afirma que a educação escolar é imprescindível para o desenvolvimento de pessoas surdas, tal como evidenciado a seguir:

Aqui a educação surge em auxílio, criando técnicas artificiais, culturais, um sistema especial de signos ou símbolos culturais adaptados às peculiaridades da organização psicofisiológica da criança anormal. [...] no caso dos surdos-mudos a dactilologia (ou alfabeto manual) permite substituir por signos visuais, por diversas posições das mãos, os signos sonoros do nosso alfabeto e compor no ar uma escrita especial, que a criança surda-muda lê com os olhos (VYGOTSKY, 2011, p.867).

Nesse sentido, Vygotsky (2011) defende a ideia de que a cultura (e não somente os fatores biológicos) possibilita o que ele chama de “caminhos indiretos” de desenvolvimento, quando os caminhos diretos estão impedidos, como no caso dos surdos, impedidos de “falar” pela falta de audição. Para o autor, o desenvolvimento cultural é entendido como o principal fator passível de compensar a deficiência.

A estrutura do caminho indireto surge apenas quando aparece um obstáculo ao caminho direto, quando a resposta pelo caminho direto está impedida; em outras palavras, quando a situação apresenta exigências tais, que a resposta primitiva revela-se insatisfatória. Como regra geral, podemos considerar isso como operações culturais complexas da criança. A criança começa a recorrer a caminhos indiretos quando, pelo caminho direto, a resposta é dificultada, ou seja, quando as necessidades de adaptação que se colocam diante da criança excedem suas possibilidades, quando, por meio da resposta natural, ela não consegue dar conta da tarefa em questão (VYGOTSKY, 2011, p. 864).

Assim, para os surdos, o caminho direto para a linguagem (oral) encontra-se impedido pela falta de audição. Caso seja entregue ao seu desenvolvimento natural, não será capaz de adquiri-la,

Já no início do século XX, esse teórico Vygotsky defendia, de modo pioneiro, que os surdos têm a possibilidade de desenvolver-se tanto no campo cognitivo como no campo da comunicação e da interação, por meio do desenvolvimento cultural e do uso dos sinais. Por esse motivo, aponta a necessidade de romper com a visão biológica em relação à deficiência.

E adverte que:

[...]para todo o aparato da cultura humana (da forma exterior de comportamento) está adaptado à organização psicofisiológica normal da pessoa. Toda a nossa cultura é calculada para a pessoa dotada de certos órgãos - mão, olho, ouvido - e de certas funções cerebrais. Todos os nossos instrumentos, toda a técnica, todos os signos e símbolos são calculados para um tipo normal de pessoa (Ibidem).

Deve-se refletir que a sociedade está preparada para interagir apenas com o que é socialmente considerado normal. Todos os instrumentos, as técnicas, são elaborados pensando em um determinado sujeito: aquele que se encaixa no padrão de normalidade.

Esse autor defende a necessidade de que os aspectos positivos da pessoa (inclusive da pessoa com deficiência) sejam fortemente considerados, que não sejam somente evidenciadas as características negativas, não só as faltas. Ele ressalta que, “[...] o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é possível somente pelos caminhos do desenvolvimento cultural, [...] pela linha do domínio dos meios externos da cultura” (VYGOTSKY, 2011, p. 869).

Ainda, ele reconhece que a deficiência biológica implica algumas limitações, entretanto afirma que, por si só, ela não impede o desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, destaca o papel da educação e da cultura para a criação de técnicas especiais, de sistemas de signos ou de símbolos que possam auxiliar na construção de caminhos indiretos para alcançar o desenvolvimento.

Vygotsky (2005) fala sobre a importância da mediação simbólica no processo da interação entre as pessoas, defendendo que os instrumentos e signos são os dois elementos da mediação.

De acordo com Rego (1995), a linguagem é entendida por Vygotsky como "sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas" (REGO, 1995, p. 53).

A Língua de Sinais é, concomitantemente, instrumento de mediação e signo, ou seja, visualmente, favorece a comunicação, sendo um caminho concreto para a “verbalização” do pensamento e, ao mesmo tempo, um signo, pois soluciona um problema cognitivo: a memorização daquilo que se vê.

Os signos, por sua vez, também chamados por Vygotsky de “instrumentos psicológicos”, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo; dirige – se ao controle de ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas. São ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos (OLIVEIRA, 1993, p.30).

A Língua Brasileira de Sinais é uma forma de comunicação visual-espacial utilizada por surdos para se comunicar. Tem uma gramática e uma morfologia próprias, ou seja, não é a representação sinalizada da Língua Portuguesa, pois a base desta língua é oral-auditiva, e a da Libras é visual-espacial, sendo desenvolvida por meio de sinais realizados com as mãos.

A Língua de Sinais preenche as mesmas funções que a Língua Portuguesa falada desempenha para os ouvintes e deve ser adquirida, preferencialmente, na interação com adultos surdos que, ao usarem e interpretarem os movimentos e enunciados das crianças surdas na Língua de Sinais, as insiram no funcionamento linguístico-discursivo dessa língua (SÃO PAULO. SP, 2007, p.17).

A Língua de Sinais é uma língua viva e autônoma, reconhecida pela Linguística por ser composta por todos os itens lexicais pertinentes a uma língua, constituindo um instrumental linguístico de poder e de força.

Na Libras, temos a direção da mão, que pode indicar um sentido diferente para sinais parecidos, porém com a mesma configuração de mão, entretanto com um significado distinto,

por exemplo, a mão voltada para cima, reta, para os lados, designa um ou vários significados a um sinal. Assim, vão se formando as frases, também se estudam verbos, adjetivos, entre outras classes gramaticais.

Zeni (2010) afirma que é importante considerarmos que, na Língua Brasileira de Sinais, não há artigo e que as preposições são raríssimas. Contudo, deve-se destacar que a ausência de classes gramaticais, artigos e preposições não prejudica a formação e a construção de frases em Libras, apenas faz que a Língua de Sinais seja diferente quanto à formação das elocuições em relação a Língua Portuguesa, sem haver prejuízo algum no entendimento e conversação em Libras.

Lima e Viana (2016) também ressaltaram que "nas línguas de modalidade gestual-visual, as transformações se dão em relação à ordem das palavras, expressões faciais e/ou corporais " (LIMA e VIANA, 2016, p11).

Apesar da organização dos termos nas frases em Libras ser distinta das línguas orais, por se suprimir os artigos e várias preposições da formação das orações em Língua de Sinais, como destacaram os autores Lima e Viana (2016), o essencial é que esta língua configura-se como meio eficaz para atender as necessidades de organização do pensamento e de comunicação do surdo, língua essa, de caráter visual-espacial, construída a partir de mediações com seus pares. A aquisição de uma língua contribui de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo e social das pessoas surdas.

Por ser importante adquirir uma língua e por meio dela ter acesso à informação, também para estabelecer interação social torna-se essencial o surdo aprender a Língua de Sinais, para que assim possa dialogar e principalmente relacionar-se com as pessoas. Como destaca Botelho (2002):

Quando uma criança surda tem acesso a sua língua natural, ou seja, a Língua de Sinais, ela se desenvolve integralmente, pois tem inteligência semelhante a dos ouvintes, diferindo apenas na forma como aprendem que é visual e não oral-auditiva (BOTELHO, 2002, p. 53).

Este contexto citado por Botelho (2002) da criança surda desde sua mais tenra idade começar a aprender a Língua de Sinais para se desenvolver integralmente nem sempre acontece, pois o que se percebe é que os surdos vão ter contato com Libras quando começam a frequentar a escola.

Por isso, a criança surda tem o direito de ter uma educação bilíngue, ou seja, de adquirir a Libras como primeira língua, e a Língua Portuguesa como segunda língua,

considerando que cada uma delas é instrumento facilitador da comunicação, da socialização e do processo de aprendizagem, tanto na vida escolar como no convívio social do surdo com os demais sujeitos sociais.

De acordo com os dados do Censo analisado por Vedoato (2015), verificou-se que:

De acordo com os critérios de comparação adotados, podemos afirmar que o acesso de alunos surdos à escola, se comparado ao da população geral brasileira, é precário, com 25% da demanda atendida. Por outro lado, se comparado ao das outras deficiências investigadas e registradas nos censos, o acesso de alunos surdos à educação básica brasileira é mais garantido (VEDOATO, 2015, p.54).

Segundo Vedoato (2015), ainda neste início do século XXI a demanda de matrículas de alunos surdos não correspondia ao número de sujeitos em idade escolar.

Deve-se considerar que houve um grande avanço em relação às possibilidades de inclusão escolar pelas pessoas surdas, entretanto, o acesso à escola não é garantia de acesso aos conhecimentos e aos saberes valorizados socialmente e necessários para que se obtenha avanços significativos na aprendizagem. É possível observar a dificuldade dos surdos em apropriar-se da leitura e escrita e, conseqüentemente, em permanecer no espaço escolar.

Segundo estudos de Vedoato (2015), ao comparar os dados do Censo Escolar aos dados do IBGE, referente ao total de pessoas com deficiência auditiva na população em geral, ela verificou que uma parcela significativa destas pessoas está fora da escola, denunciando, portanto, que em pleno século XXI, no contexto educacional atual não se conseguiu ofertar educação escolar de qualidade para todas as pessoas que tinham uma perda auditiva:

Vale destacar que os dados da Educação Básica registram as matrículas em todas as modalidades de ensino, escolas e turmas. Assim, podemos afirmar que as pessoas que não estão registradas no Censo Escolar não frequentam nenhum tipo de escola (VEDOATO, 2015, p. 55).

Ou seja, apesar de teoricamente haver matrículas de alunos com deficiência cursando as diversas modalidades de ensino, a pesquisa revelou que uma parcela significativa destas pessoas na realidade não frequentavam os bancos escolares.

Destaca-se a necessidade de refletir sobre um dos possíveis motivos pelos quais os surdos muitas vezes deixam de frequentar a escola, ou seja, a dificuldade para a apropriação da modalidade escrita da língua e o que isso implica.

E, por isso, é essencial seu acesso e permanência na escola pelo sujeito surdo, pois isso está garantido no artigo 205 da Constituição Federal que se refere à educação como um direito universal (BRASIL, 1988).

Neste sentido, faz-se necessário valer-se deste direito de acesso (esse já garantido) quanto à permanência e à qualidade de educação ofertada, para que essa educação possa respeitar e contemplar as necessidades dessa população.

2.5. L2 Língua Portuguesa na modalidade escrita: uma das possibilidades de comunicação

Pode-se perceber que os surdos alcançaram o direito à educação, pois segundo o artigo 205 da Constituição Federal Brasileira, todas as pessoas em idade escolar têm o direito de frequentar a escola. Em razão das lutas enfrentadas por essa população, houve muitos avanços em termos de educação no decorrer da história. Entretanto, nem sempre a garantia de acesso e de permanência na escola estabelece a melhoria na comunicação e na aquisição dos conhecimentos acadêmicos, ou seja, por meio da escrita ou por interação com os meios de comunicação e informação digitais ter acesso aos saberes estudados no ambiente escolar, tão utilizados e difundidos atualmente.

Mas, para que o aluno surdo seja introduzido na língua escrita é necessário que ele domine a Libras, como também podemos observar nas ideias disseminadas por Pereira (2009) quando relata que:

A aquisição da Língua de Sinais permitirá à criança surda, além do desenvolvimento linguístico, o desenvolvimento dos aspectos cognitivo e sócio-afetivo-emocional. E mais, a Língua de Sinais servirá como base para a aquisição da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita (PEREIRA, 2009, p. 64).

Quando o aluno domina a Língua de Sinais, ele tende a ficar mais seguro e com a autoestima mais elevada porque consegue estabelecer comunicação, o que torna mais fácil o trabalho com o ensino da língua escrita.

Destaca-se a necessidade de o sujeito surdo adulto apresentar boa competência leitora, além de bom manejo de escrita, para facilitar seu convívio social, especialmente com os ouvintes que não dominam a Língua de Sinais. Por isso, a importância de se aprender a Língua de Sinais na infância, como destacou Pereira (2009), pressupõe o domínio de uma

primeira língua responsável por facilitar as interações destes sujeitos e o desenvolvimento humano.

Vale ressaltar as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos na aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) nas escolas regulares do país, cujo ensino é ministrado em Língua Portuguesa. É fato que hoje esses alunos contam com a presença de intérpretes de Libras nas instituições escolares.

Entretanto, no estado de São Paulo, essa garantia data de 2009, com a Resolução 038/2009. Uma Resolução relativamente recente que mostra, portanto, que muitos adultos surdos não fizeram jus a esse direito em seu processo de letramento, tendo refletido de forma significativa na capacidade de escrever. Muitos surdos apontam que a escrita não convencional prejudica a inserção no mercado de trabalho.

Porque eu só sei escrever palavras. É verdade. A psicóloga dizia que eu tinha que escrever um texto justificando o motivo de querer trabalhar na Confab. Eu disse a ela que não conhecia muitas palavras, porque tinha parado de estudar na 5ª série, que eu não lembrava. Eu senti muita vergonha, fiquei com o rosto vermelho. Ela insistiu: porque você quer trabalhar na Confab? Eu escrevi: "Eu precisa". Ela achou muito pouco e trouxe uma carta de outra pessoa. Eu olhei e disse: "_Nossa! Tudo isso? Ah... e não conheço muitas palavras. 'Eu não sei escrever comprido' [texto] o homem que escreveu é normal, entende, eu não! Eu não sei escrever conheço poucas palavras." Daí eu escrevi só um pouquinho. Ela repetiu: "_Escreve mais!" "Mas eu não sei", disse à ela. Bom daí o chefe falou: "_Vou chamar você". Eu fui embora. Até hoje não me chamaram [Risos] [Antônio] (MENDONÇA, 2007, p. 174).

Esse relato de um surdo adulto ilustra bem as dificuldades relacionadas à escrita que os surdos enfrentam no dia a dia, tanto quando pleiteiam uma vaga de trabalho, como na comunicação escrita realizada com os demais sujeitos ouvintes.

Segundo Guarinello (2007), defende que “a maioria dos indivíduos surdos não tem domínio de Língua Portuguesa”, ou seja, eles até sabem escrever, mas há muitas dificuldades para ler e compreender textos. Por isso, ainda não são considerados letrados em uma perspectiva de letramento enquanto ser capaz de ler e de compreender vários textos de diversos gêneros textuais.

Muitas vezes, o aluno surdo está apenas integrado na escola que se diz inclusiva, porém convivendo com equívocos de docentes e outros atores escolares que almejam que ele aprenda a Língua Portuguesa da mesma maneira e com os mesmos métodos que aprendem os ouvintes.

Segundo Goldfeld (1997), é importante compreender que os surdos não aprendem a Língua Portuguesa de modo natural, como aprendem a Língua de Sinais. Os surdos com

surdez profunda e/ou severa precisam adquirir a língua e a linguagem, que são elementos estruturantes do pensamento por meio da visão, mais precisamente pela aquisição da Libras.

Muitos professores ainda não perceberam que o surdo precisa aprender a Língua Portuguesa como segunda língua e pressupõem que os alunos surdos têm dificuldades para ler e escrever, por não terem sido alfabetizados ou por não serem oralizados, não estabelecendo, assim, comunicação verbal.

Um primeiro ponto a ser discutido é o fato da maioria dos surdos não terem domínio da Língua Portuguesa, já que este é um aspecto relevante para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Além disto, não há o compartilhamento de uma língua comum entre os surdos e seus familiares, que geralmente utilizam a linguagem oral, o que dificulta a realização das práticas de letramento. [...] o acesso a diferentes materiais de leitura em casa, facilita a construção de hipóteses sobre a escrita e a percepção das diferenças entre esta e a fala. Em decorrência destes fatores, as crianças surdas, em geral, chegam à escola sem uma base linguística e com experiências limitadas de leitura e escrita, o que faz com que não possuam o mesmo conhecimento de mundo que as crianças ouvintes (GUARINELLO, p. 35, 2007).

A maioria das crianças surdas que apresentam surdez profunda são filhas de pais ouvintes, que, geralmente, não têm domínio de Libras e, por esse motivo, o acesso à Língua de Sinais acontece, muitas vezes, tardiamente, quando as crianças ingressam na escola. Muitos chegam a escola sem nenhuma língua adquirida, o que, sem dúvida, reflete no aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, por não terem domínio nem acesso à primeira língua (Libras).

Nos últimos anos, um número crescente de pesquisadores tem procurado mostrar que "as dificuldades que os alunos surdos apresentam na leitura e na escrita não decorrem da surdez, mas do conhecimento de língua de que dispõem, o que resulta em grande parte do processo escolar a que foram submetidos" (SÃO PAULO, 2007, p. 21).

Portanto, o acesso à língua é fundamental para o aprendizado. O aluno deve ser exposto a ela de uma forma que ela faça sentido. Entretanto,

[...] geralmente as atividades de leitura e escrita partem de exercícios mecânicos e descontextualizados, a partir dos quais os trabalhos com textos se reduzem muitas vezes apenas ao uso do livro didático, sem lhes atribuir uma função social. Ou seja, a escrita é vista apenas sob o ponto de vista escolar, não existe a preocupação em tornar este objeto prazeroso ou ao menos funcional no momento em que é apresentado à criança (GUARINELLO, 2007, p. 46).

A função social da escrita torna-se um elemento fundamental para a apropriação da língua. Os alunos, surdos e ouvintes, precisam reconhecer o significado da escrita, devem compreender que existe um fim para o ato de escrever.

[...] a necessidade de abordar as práticas de leitura e escrita sob um ponto de vista social, ou seja, de forma que os indivíduos possam fazer uso significativo dessa modalidade de linguagem nos diferentes contextos que ela se insere. Nessa direção, o conceito social de letramento difundido em nosso país, dentre outros pesquisadores, por Soares (2004), tem-se mostrado cada vez mais presente norteando estudos e práticas que objetivam os processos de apropriação da leitura e escrita desenvolvidas tanto em contextos educacionais, quanto da saúde (BERBERIAN; MORI-DE-ANGELIS; MASSI, 2006, p. 18).

Assim, se o uso da modalidade escrita em Língua Portuguesa for significativo, e o surdo for capaz de compreender a função social da produção escrita, terá mais chances de adquirir essa modalidade, uma vez que disporá de capacidade e de habilidades visuais necessárias para aprender a ler e a escrever, sendo a Língua Portuguesa a sua segunda língua, e tendo a Língua de Sinais bem estabelecida como primeira língua. Esse aprendizado e a utilização da Língua Portuguesa deve ocorrer, essencialmente, na interação com o outro, como nos ressalta Vygotsky.

[...] o ser humano é essencialmente social, e, com seus semelhantes, transferem e compartilham conhecimentos numa troca de culturas. E é por meio dela, da diversidade de cultura, que desenvolve a sua inteligência, bem como a reformula com (ou sem) auxílio. [...] a linguagem está implicitamente ligada às formas de compreensão que rodeiam o ser humano socialmente e o ajudam a se desenvolver e socializar no mundo. Linguagem e percepção se sustentam e se completam com outros aspectos que enriquecem o conhecimento humano (VYGOTSKY e LURIA, 1990 *apud* LINO, 2009, p. 4).

Desse modo, a interação social se torna primordial para o aprendizado e o uso da Língua Portuguesa, pois aprendemos e trocamos informações, dialogamos com os mais experientes, e, assim, as pessoas surdas têm mais condições para se desenvolver cognitivamente e desenvolver os processos linguísticos de que precisam para ter proficiência na Língua Portuguesa, na modalidade escrita, enquanto segunda língua.

O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo. Salientamos que se trata do contato dialógico entre os textos (entre os enunciados), e não do contato mecânico 'opositivo' [...] Por trás desse contato, há o contato de pessoas e não de coisas (BAKHTIN, 2000, p. 404-5).

Esse autor, assim como Vygotsky (2011), ressalta a importância do contato entre as pessoas, ou seja, a interação social. Bakhtin (2000) destaca que deve haver ligação entre o texto e o contexto daquele que o produz (o emissor da mensagem) e aquele que recebe, capta a mensagem e compreende o tema que foi vinculado no texto em determinado contexto, pois é deste modo que se desenvolve o diálogo e se favorece a comunicação.

A criança surda só irá aprender a escrever ou a falar quando entrar em contato com adultos usuários e competentes nesta língua e quando tiver oportunidade de participar de atividades linguísticas significativas. A falta de atividades significativas com a escrita/fala impede que os surdos percebam para que serve a Língua Portuguesa e, além disso, não conseguem notar as diferenças entre a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais. Somente por meio da interação entre essas modalidades de língua é que o surdo pode tornar-se capaz de apreender as diferenças e a usar cada língua de acordo com suas normas. No caso específico da escrita, o surdo deve partir de experiências com a língua que já domina, em geral, a Língua de Sinais, para construir e desenvolver a língua escrita (SVARTHOLM, 1999, apud GUARINELLO *et al.* 2007, p. 3).

Na visão dessa autora, há a extrema necessidade de que a criança surda tenha contato com adultos bem preparados em Libras, e de que as atividades propostas para esse aluno tenham significado, ou seja, devem estar relacionadas com sua realidade. Por estes motivos, torna-se primordial o contato que os estudantes surdos têm com a Libras e a Língua Portuguesa, preferencialmente no ambiente escolar com seus pares.

O aluno surdo que está no processo de alfabetização, matriculado em uma escola e que usa a Língua de Sinais se sentirá mais estimulado a registrar a escrita quando essa tiver relação e significado com o mundo que o cerca (QUADROS, 2006).

Com o propósito de o surdo ter uma educação bilíngue, as instituições necessitam permitir e privilegiar, especialmente no caso de filhos de pais ouvintes, a aquisição da Língua Brasileira de Sinais. Neste caso, para adquirir a Libras, se pressupõe que o aprendizado desta língua ocorrerá preferencialmente na interação com usuários fluentes de Libras, estudantes surdos os quais, ao utilizarem e interpretarem os movimentos e os enunciados na Língua de Sinais, se apropriam do funcionamento linguístico-discursivo dessa língua.

Além de adquirirem a Língua de Sinais na interação com adultos surdos, as crianças surdas terão contato com a cultura surda, o que lhes possibilitará desenvolver uma identidade positiva de surdo, segundo Strobel (2009).

A aquisição da Língua de Sinais deve se dar em contexto semelhante ao vivenciado por crianças ouvintes e surdas, filhas de pais surdos, na interação com seus pais. Em outras palavras, a Língua de Sinais será adquirida como primeira língua por meio da convivência social, ou seja, a interação com os demais usuários desta língua (PEREIRA, 2014).

Todos os surdos têm o direito de ter uma educação bilíngue, isto é, de adquirir a Libras como primeira língua, e a Língua Portuguesa como segunda língua, em sua modalidade escrita, sem desconsiderar a relevância de cada uma delas como instrumento facilitador da comunicação, da socialização e do processo de aprendizagem, tanto na vida escolar como no convívio social.

Entretanto, o que se vê nos dias atuais é que as instituições escolares nem sempre têm oferecido as condições e os recursos necessários para que os alunos surdos construam esse conhecimento. Na maioria das vezes, os professores, tampouco os interpretes em muitos casos, não dominam a Língua de Sinais e acabam se comunicando com os alunos surdos informalmente. Ou seja, com gestos ou leitura labial, ações nas quais os surdos precisam olhar para os lábios ou para as mãos do professor para entender a mensagem. Isso causa certa confusão para o surdo, pois os sinais das mãos são diferentes dos movimentos dos lábios, o que significa que esse tipo de ação não forma língua alguma (GUARINELLO *et al.*, 2007).

Guarinello *et al.* (2007) revela que foi realizada uma pesquisa de campo com o objetivo de introduzir a escrita a alunos surdos e,

[...] para priorizar a natureza interativa da linguagem, foram utilizados diferentes tipos de textos escritos em jornais, gibis, livros, revistas, apresentando aos sujeitos, poesias, contos, fábulas, receitas, experiências, entrevista. Em todas as sessões procurou-se enfatizar a escrita em contextos significativos, nos quais a pessoa surda fosse capaz de interiorizar a Língua Portuguesa e perceber sua funcionalidade (GUARINELLO, *et al.*, 2007, p. 69).

Percebe-se que a pesquisadora usou de portadores textuais significativos para os alunos sujeitos da pesquisa, para que eles pudessem estabelecer relações significativas com a Língua de Sinais. Assim, pode-se refletir e ponderar que o surdo necessita ter contato com bons textos, bem como conhecer diversos gêneros textuais, para que possa perceber a importância de aprender a escrever e ler em Língua Portuguesa, ou seja, o acesso à língua. Colaborando com essa prática, outros autores, como Pereira e Vieira (2009) citando Shartholm, defendeu que:

[...] visando ao aprendizado da Língua Portuguesa escrita, os alunos surdos devem ser apresentados ao maior número possível de textos, por meio de narrações repetidas e traduções. Além de traduzir os textos para a Língua de Sinais, o professor deverá explicar o seu conteúdo e características das duas línguas por meio da comparação. A língua majoritária na modalidade escrita deverá ser trabalhada sem nenhuma referência à língua falada, mas em contraste com a Língua de Sinais, apontando-se as semelhanças e diferenças entre as duas línguas. Desta forma, a criança surda desenvolve gradualmente o conhecimento sobre a forma escrita da língua, bem como a habilidade de leitura (SHARTHOLM, 1997, p.29-40 apud PEREIRA e Vieira, 2009, p. 62).

Ou seja, os surdos têm a necessidade de conhecer bons textos na modalidade escrita de Língua Portuguesa, para que assim possam adquirir esta língua.

Mesmo o ensino de Língua Portuguesa não sendo o objetivo geral deste trabalho, o objetivo está na comunicação dos surdos mediada pelas novas tecnologias no uso de redes sociais e aplicativos de interação, pois nestas TIC os sujeitos surdos podem enviar e receber mensagens escritas e, assim, ler diversos textos, como ressaltou Sharholm (1997).

Observa-se a necessidade de oferecer ao surdo a oportunidade de aprender a Língua de Sinais e a língua escrita, o português, para que, aos poucos, ele vá se inteirando das diversas formas de comunicação, ou seja, use as línguas em situações diferentes ou com interlocutores diversos, em contextos distintos.

Todavia, o professor que deseja introduzir a escrita ao aluno surdo deve dominar a Língua de Sinais. Só assim ele poderá alcançar o objetivo de ensinar a escrita a esse aluno.

No estágio inicial do ensino da escrita para o surdo, o essencial é que a criança esteja livre para expor seu pensamento. Por isso, o professor não deve cobrar a estrutura textual considerada padrão na Língua Portuguesa. Esses aspectos podem ser cobrados posteriormente, quando o aluno estiver mais seguro em relação à habilidade da escrita. O aluno começará lendo textos diversos em Português, inclusive os textos de sua própria autoria. O professor deve sempre tomar cuidado para que esses momentos iniciais de escrita não sejam frustrantes; devem ser significativos e desafiadores, e tudo que ele produzir deve ser valorizado, mesmo que simples, pois o objetivo maior é estimulá-lo a escrever seus pensamentos e sentimentos, sem medo (QUADROS, 2006).

Inicialmente, o professor deve se preocupar com a vontade do surdo em escrever e, depois, ir acertando as questões relativas à Língua Portuguesa (estrutura, coesão, coerência, gramática, ortografia, etc.).

Quando o surdo domina a Língua de Sinais e a escrita, ele pode ser considerado bilíngue. “Se o bilinguismo é definido como o uso de duas ou mais línguas, é possível afirmar

que a maioria das pessoas surdas que usa a Língua de Sinais e a língua majoritária pode ser considerada bilíngue” (GROJEAM, 1996 apud PEREIRA, 2009a, p. 62).

As duas línguas não competem, não se ameaçam, apresentam o mesmo *status*. A Língua de Sinais como primeira língua do surdo é sua língua de identificação, de instrução e de comunicação, e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua, é a possibilidade do surdo de ter acesso à informação, ao conhecimento e à cultura, tanto da comunidade surda como da majoritária ouvinte (PEREIRA, 2009b, p. 67).

Contudo, não se trata de substituir uma língua pela outra, ou seja, Libras pela Língua Portuguesa, mas se trata de usar as duas línguas, de forma que ambas as línguas auxiliem no processo de inclusão do aluno surdo na escola.

Os docentes precisam de formação adequada para mediar o processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno surdo na escola, especialmente no que tange o uso e a difusão de Libras e o aprendizado de Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita.

Ressaltando esse aspecto da não substituição das línguas, pois o surdo precisa ter contato com as duas línguas (Libras e Língua Portuguesa), Pereira e Vieira (2009b) nos explica como isso ocorre na prática pedagógica:

Em se tratando de crianças surdas, a interação deverá realizar-se por meio da Língua de Sinais. É ela que vai possibilitar aos alunos surdos vivenciar práticas em que a escrita esteja envolvida, como contar histórias, relatar eventos vivenciados, entre outros, e vão constituir, assim, seu conhecimento de escrita, em um processo muito semelhante ao observado em crianças ouvintes (PEREIRA e VIEIRA, 2009b, p. 62).

Lembrando que os alunos surdos não têm as mesmas características que os alunos ouvintes quanto aos conhecimentos prévios, pois apesar da maior facilidade de acesso às informações atualmente, os sujeitos surdos ainda enfrentam dificuldades e barreiras relacionadas à comunicação e ao uso da língua escrita. Por isso, esses conhecimentos dos alunos devem ser investigados pelo professor, para saber o que já sabem sobre a escrita (PEREIRA e VIEIRA, 2009b).

Deve-se considerar que as duas línguas podem ser instrumentos facilitadores para a interação social dos indivíduos surdos. Foi pensando nesta interação social, em especial a partir do uso das duas línguas como ferramenta de comunicação por meio das redes sociais e aplicativos, que o presente estudo foi elaborado.

Ao perceber a função social da escrita no uso de redes sociais e aplicativos, tais instrumentos de comunicação digital podem se configurar como meio para o surdo ter

estímulo para se dedicar à leitura e para a escrita da segunda língua, porque, assim, ele tem a chance de perceber a Língua Portuguesa como uma possível facilitadora da comunicação escrita na vida cotidiana, com variados tipos de interlocutores. Esse meio de comunicação talvez possa colaborar para a inclusão social dos surdos.

Quadros (2000) destacou que, para o surdo aprender a Língua Portuguesa, ele precisa ter se apropriado primeiro da Libras, pois:

Os falantes nativos dessa língua conversam, planejam, sonham, brigam, contam estórias explorando meios riquíssimos e complexos que são próprios de uma Língua de Sinais, no caso do Brasil, da LSB. Alfabetização de crianças surdas enquanto processo; portanto, só faz sentido se acontece na LSB, a língua que deve ser usada na escola para aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua (QUADROS, 2000, p.54).

Ao enfatizar que os surdos aprendem Língua Portuguesa e se alfabetizam em um processo de contato com esta língua após ter adquirido fluência em Libras e comparar as duas línguas, ou seja, na escola bilíngue a interação com as duas línguas favorece o aprendizado da modalidade escrita do português.

Entretanto, o acesso à troca de mensagens e conversas mediadas por meio das novas tecnologias da informação e comunicação configura-se como um bom meio para os surdos reconhecerem a função social da escrita em Língua Portuguesa, pois, através delas, esses indivíduos podem se comunicar e ter acesso à informação e ao conhecimento de mundo, por exemplo, navegando pela *Internet* e enviando e recebendo mensagens em redes sociais e aplicativos.

Na próxima seção deste estudo haverá uma breve reflexão, de como as novas tecnologias digitais da informação e comunicação contribuíram para modificar o modo das pessoas interagirem à distância, em especial no caso dos surdos, para estabelecer comunicação e, por consequência, inclusão social.

2.6 As redes sociais e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como Tecnologias Assistivas na comunicação dos surdos

O avanço das novas tecnologias digitais de informação e comunicação modificou o modo de as pessoas interagirem, pois, atualmente, a troca de informação à distância tornou-se instantânea.

Stumpf (2010), sobre o termo tecnologia, explica: “tecnologia tem sua origem etimológica na palavra grega ‘*Téchné*’ que significa ‘saber fazer’. [...] a utilização de um

computador deve, antes de qualquer coisa, resultar de uma escolha baseada no conhecimento das possibilidades oferecidas pela máquina” (STUMPF, 2010, p.), assim, podemos concluir que a tecnologia abrange os conhecimentos organizados e voltados para a prática.

Pierre Lévy (1999) aborda o surgimento do novo universal, da comunicação rápida, tendo como ferramenta as novas tecnologias, em um espaço diferente, que não é físico, mas que existe e já está incorporado na vida cotidiana da maioria das pessoas na sociedade digital, o novo espaço de comunicação e interação interpessoal que ele nos mostra é o ciberespaço.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Para Lévy (1999), existe a possibilidade de se estabelecer e criar uma inteligência coletiva, por meio da troca de informações e de saberes no espaço virtual, no ciberespaço. Isso modifica as formas de interação interpessoal com o uso das redes sociais e de aplicativos de interação na *Internet*, ou seja, o advento da interação à distância na Rede Mundial de Computadores pode ter transformado definitivamente a relação entre as pessoas.

Na sociedade atual, o ciberespaço e a interação interpessoal mediada pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) tornaram-se uma realidade no cotidiano dos cidadãos. Desse modo, a relação entre tempo e espaço, o diálogo presencial ou virtual e o modo de conversar e interagir com as pessoas, principalmente no mundo virtual, foram alterados devido à possibilidade de navegar na *Internet* e se comunicar à distância com agilidade, o que provocou mudanças significativas nas relações humanas.

Segundo Mil (2014), as TDIC modificaram o como e o quando as pessoas se relacionam, pois:

[...] Instala-se uma cultura “do acesso” e “do aqui-agora”, que tem suas bases na flexibilidade ou fluidez dos espaços-tempo da cibercultura. A instantaneidade parece ser mais valorizada do que a maturidade, a tradição ou o planejamento. Jamais outra tecnologia possibilitou tamanha flexibilidade nos tempos e espaços de convivência (trabalho, lazer, estudos etc.) como a *Internet* e essa potencial flexibilidade também constitui elementos de sedução para a incorporação das TDIC nas atividades em geral (MIL, 2014, p. 103).

Mas, apesar de a *Internet* ter um papel muito importante na vida das pessoas, mesmo tendo flexibilizado a noção de espaço e de tempo para a interação interpessoal, considera-se que poucos sujeitos conhecem a história do surgimento da *Internet*, ou seja, mesmo grande

parte da população fazendo uso dessas TIDC e tendo as incorporado ao seu dia a dia, como tudo isso surgiu é desconhecido por muitos usuários da *web*. As informações que temos sobre como e quando surgiu a *Internet* são de domínio estrangeiro, em especial dos norte-americanos, pois, nos Estados Unidos da América, no final da década de 60, em pleno século XX, é que foi criada a *Internet*, ou Rede Mundial de Computadores, para fins militares, a princípio, com o objetivo de interligar as diversas bases militares dos EUA, em especial para alertar contra possíveis ataques de inimigos no contexto da chamada Guerra Fria.

Os últimos trinta anos viram surgir uma sociedade semidesterritorializada, na qual o tempo torna-se mais importante do que o espaço. É, ao mesmo tempo, uma sociedade local e não local, uma espécie de aldeia mundializada, em que todos podem estar em contato com todo o planeta, sem sair de casa, modificando padrões, comportamentos, formas de pensar e agir. Essa aldeia mundializada vem se estruturando sobre a formação de um sistema de redes digitais de informação e comunicação que interconectam, em tempo real, os diversos pontos do planeta e seus inúmeros agentes constitutivos. “Isso é proporcionado pela *Internet*, que constitui uma metarrede e engloba uma série de outras redes menores, tornando possível a circulação globalizada de informações e comunicação em escala planetária” (SOUZA e GOMES, 2008, p. 47).

A Rede Mundial de Computadores, atualmente mais conhecida como *Internet*, teve origem em um projeto militar ousado, por meio do qual o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América almejava construir um sistema de comunicação eficiente, que não pudesse ser destruído pelos seus inimigos soviéticos, mesmo que ocorresse uma guerra nuclear. Mais tarde, essa tecnologia ultrapassou as barreiras militares, dando origem ao uso comercial da *Internet*, facilitando a comunicação, as transações e os negócios, em especial a comunicação entre pessoas que estão distantes geograficamente, porém, com um toque no computador ou no celular, podem se comunicar em tempo real, de forma instantânea, o que era muito difícil anteriormente, apesar de existir o telefone.

Castells (1991), sociólogo espanhol, que lecionou na Universidade de Paris (1967 a 1979) e como professor emérito de Berkeley, dedicou a maior parte de seu trabalho a estudar a Sociedade da Informação, o resultado da criação da *Internet*, com uma arquitetura de rede entre diversos computadores. Para ele, a *Internet* é o ambiente virtual no qual se configuram as Redes Sociais, e que ocasionou muitas mudanças no modo de interagir e se comunicar dos indivíduos na sociedade atual e tem, principalmente, transformado o conceito de relacionamento humano na esfera social e nas transações, nos negócios e no mercado de

trabalho, por meio dos avanços significativos e rápidos das novas tecnologias ligadas à informática.

As mudanças ocorridas com o advento da *Internet* estão remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado, promovendo uma interdependência global no que se refere à economia, o Estado e a sociedade. Todo um novo sistema de comunicação e de transações econômicas é inaugurado e nele se fala uma nova língua digital, que resulta da produção e distribuição de palavras, sons e imagens personalizadas ao gosto das identidades e humores dos indivíduos (CASTELLS, 1999, p. 21).

No mundo globalizado em que vivemos hoje, onde o acesso à informação é fácil para todas as pessoas que têm facilidade para acessar a *Internet*, há diversos meios de comunicação em massa. O indivíduo surdo também está imerso neste universo, pois o advento da vida globalizada, que encurtou distâncias e facilitou a comunicação em tempo real, não faz acepção de pessoas.

Segundo Lévy, “[...] o ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio texto meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas” (LÉVY, 1999 p. 41).

Conforme estudos e reflexões de Lévy e Castells, a *Internet* se tornou base das novas relações humanas, pois coloca as pessoas em rede e conectadas por meio de computadores, *notebooks*, celulares, dentre outros equipamentos tecnológicos, meios para acesso e troca de informações. Além disso, essa tecnologia proporcionou a comunicação instantânea, encurtando grandes distâncias geográficas, pois, apesar de as pessoas estarem longe fisicamente, isso não é impedimento para a comunicação e interação virtuais.

Lévy (1999), em seus estudos e pesquisas investiga, de maneira especial, as inter-relações pessoais realizadas por meio da troca de informações realizada através da rede mundial de computadores. Ele, em seus estudos, já em 1998 antecipou muitos conceitos, como o de ciberespaço (universos virtuais) e o de ensino à distância, tão comuns na sociedade atual, mas que, naquela época, no final do século XX, ainda eram possibilidades inimagináveis para grande parte da população. Por isso, o autor considerou que

Os sistemas de processamento da informação efetuam a mediação prática de nossas interações com o universo. Tanto óculos como espetáculo, nova pele que rege nossas relações como o ambiente, a vasta rede de processamento e circulação da informação que brota e se ramifica a cada dia esboça pouco a pouco a figura de um real sem precedente. É essa a dimensão transcendental da informática (LÉVY, 1998, p. 16).

O que Lévy (1998) anteviu em relação à interação social se configura hoje em nossa sociedade, pois utilizamos o ciberespaço para nos comunicar e, de certa forma, para interagir, mesmo que a distância. Assim, também aprendemos, ensinamos, trocamos conhecimentos e temos acesso rápido a informações, o que nos faz desenvolver a inteligência coletiva, segundo o autor.

No que tange às ideias difundidas por Lévy (1998), referentes ao processamento e à circulação das informações, outra autora, Bento (2016), corrobora com as reflexões deste autor e apresenta a concepção de entrelaçamento entre conhecimentos, informação e comunicação, por meio das redes sociais digitais, tão atuais hoje, mas que foram criadas muitos anos após os estudos de Lévy (1998).

Segundo Bento (2016), atualmente as pessoas fazem uso das redes sociais digitais e tais recursos tecnológicos caracterizam-se por "facilitar o processo de comunicação entre as pessoas, possibilitando um alargamento nas relações, mediante as diferenças socioculturais" (BENTO, 2016, p.46).

Todavia, a facilitação do processo de comunicação e do diálogo interpessoal modificou drasticamente as relações humanas, pois, por meio dessa interação digital, abriu-se um campo vasto de acesso rápido e fácil para as informações. Assim, promoveu a troca de conhecimentos quase que em tempo real, como nos adverte Oliveira (1993) sobre o surgimento de uma inteligência coletiva, que ultrapassa a capacidade humana individual:

No que tange à inteligência coletiva, defende que todos os indivíduos têm a sua própria inteligência acumulada em suas vivências pessoais e que deve ser respeitada por isso. Reitera que ela serve como um modo de interação social, por ser capaz de criar uma espécie de democracia em tempo real, dadas as suas constantes possibilidades de interação entre os pares (OLIVEIRA, 1993, p. 10).

Os novos meios digitais de comunicação não estão sendo apontados somente com novas tecnologias, mas, sobretudo, como uma nova e singular maneira de pensar e de viver. Trata-se de uma nova suscetibilidade, permitindo a retomada da escrita e da leitura reflexiva e intelectualizada no cotidiano das novas gerações. Se por meio dos sentidos interagimos com o mundo, é natural que as inovações acrescentadas pelo novo ambiente tecnológico não substituam os raciocínios humanos, mas sim, que transformem a capacidade de imaginação e de pensamento. Ao determinar seu caminho, ao fazer suas escolhas, o leitor enfatiza o seu papel de sujeito, pois por meio da influência mútua desenvolvida entre as pessoas com o uso

das redes sociais pode-se ponderar que, em geral, houve mudança no modo como se interage com os demais.

Costa (2005) destacou que:

As redes digitais representam hoje um fator determinante para a compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e da ampliação de capital social em nossa sociedade. Testemunhos como os de Howard Rheingold, por exemplo, vêm comprovando que a sinergia entre as pessoas via *web*, dependendo do projeto em que estejam envolvidas, pode ser multiplicada com enorme sucesso. As diversas formas de comunidades virtuais, a estratégia P2P, as comunidades móveis, a explosão dos blogs e wikis, a recente febre do *orkut* são prova de que o ciberespaço constitui fator crucial no incremento do capital social e cultural disponíveis (COSTA, 2005, p.6).

O desenvolvimento das tecnologias vem repercutindo em uma nova relação entre as pessoas na sociedade. É preciso conscientizar-se de que o conhecimento se dá não somente pela educação tradicional, mas também por meio da troca de informação e saberes nas redes sociais on-line. Atualmente, são inúmeras as formas como se apresentam as informações: como o uso de imagens, de sons, de textos publicados na mídia gráfica e na mídia eletrônica. Todos estes têm desenhos, estilos, formatos e linguagens diferentes.

Diante de todas essas transformações que estão ocorrendo por meio da utilização das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, também é reservada à educação uma tarefa muito importante: a de contribuir na formação desses sujeitos surdos que enfrentarão na prática as instaurações de todos esses novos paradigmas.

Segundo Bento, Silva e Oliveira (2017), ao fazer uso da tecnologia, esse meio de comunicação digital gera constante interação social. Assim como Lévy, essas autoras comungam da ideia seguinte de que o ciberespaço é plural, povoado por diversas estruturas, tanto verbais como visuais. Mas, para essas autoras, esse contato do usuário da *Internet* com as tecnologias da informação e comunicação proporciona a interação dos leitores digitais com textos diversos, sendo compostos por termos, imagens ou sons diversificados.

Por esse motivo, entendemos que a definição mais adequada do termo tecnologia é o que liga esse conceito à ideia de inovação, de criação de um instrumento ou de um aparelho que foi criado para facilitar a comunicação. Como evidência Stumpf (2010) em sua pesquisa:

O computador incorporado às novas tecnologias de comunicação deixa de ser um processo ensino/aprendizagem individualizado, para oferecer um ambiente de cooperação, possibilitando a criação coletiva de um conhecimento compartilhado. Estimula o desenvolvimento da socialização através de trabalhos coletivos e grupais, possibilita a utilização de softwares educativos e aplicativos direcionados a grupos

de características diferenciadas, bem como, incentiva a cooperação exercitando o respeito ao colega e ao professor (STUMPF, 2010, p.4-5).

Para Stumpf (2010) o computador oferece a oportunidade de o sujeito surdo adentrar num espaço de troca de informações, de ter a chance de visualizar conhecimentos com maior facilidade por meio da interação com outras pessoas. O compartilhamento desses saberes estimula o desenvolvimento da cooperação, da criatividade e principalmente da socialização por meio do uso das novas tecnologias da informação e comunicação digitais.

Assim, no caso dos surdos, percebe-se, ao se fazer uma breve leitura de pesquisas bibliográficas sobre o assunto descritas na Seção 2.1, que os saberes e as tecnologias utilizadas na educação dos surdos caracterizam-se como Tecnologias Assistivas.

A Tecnologia Assistiva pertence a uma área do conhecimento de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços com o objetivo de promover a funcionalidade e a autonomia, relacionadas à atividade e à participação das pessoas com deficiência, com incapacidades ou com mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (COMITÊ DE AJUDAS TÉCNICAS. ATA VII, de 14/12/2007).

Observa-se que, na educação dos surdos, houve uma busca de normatização dessas pessoas, ou seja, em determinada época do passado, existiu o intuito de fazer com que o surdo ficasse o mais semelhante possível a uma pessoa ouvinte. Essa ação tinha o objetivo de normalizá-lo por meio da introdução de equipamentos, instrumentos e aparelhos que serviam de apoio para a aprendizagem da fala. Desse modo, esses itens caracterizam-se como Tecnologias Assistivas. Stumpf (2010) relata que a primeira tecnologia usada por esses sujeitos para a comunicação à distância foi um aparelho chamado *Optilogue*, um ancestral do TDD, sigla em inglês para *Telephone Device for Deaf* (aparelho de telefone para surdos).

Esse constava de um cilindro que, contrariamente ao telégrafo que recorria a um código de sinais sonoros, transmitia as letras, por partes, que iam formando uma palavra. Cada toque correspondia a um fragmento da letra. Ele se destinava a estabelecer comunicação à distância com os surdos que viviam isolados. Era muito limitado, dispendioso e impossível de transportar, então foi uma tecnologia que ficou esquecida até sua idéia ser retomada, quase dois séculos depois, e reaparecer incorporada a uma tecnologia funcional que alcançou êxito entre os surdos. O TDD (STUMPF, 2010, p. 7).

Entretanto, mesmo em tempos remotos, havia a preocupação de que os surdos estabelecessem comunicação com seus pares e com as demais pessoas ouvintes da sociedade, como se pode observar por meio de invenções de aparelhos como o *Optilogue* e, quase dois

séculos depois, o TDD. Essas invenções evidenciam a importância das Tecnologias Assistivas para possibilitar a comunicação destes sujeitos.

Para melhorar e facilitar a vida das pessoas com algum tipo de deficiência há diferentes tecnologias e instrumentos. Essas tecnologias recebem o nome de Tecnologias Assistivas, ou TA.

No Brasil, os estudos que defendem esse tipo de tecnologia ainda são raros, mas já caminham com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. Além disso, nos dias de hoje, qualquer estudo sobre o conjunto de projetos de Tecnologia Assistiva (TA) em desenvolvimento no país torna-se necessariamente parcial e provisório, e deve ser constantemente renovado e atualizado, principalmente em função da alta mobilidade dos dados disponíveis, causada pela crescente demanda, pelo interesse nessa área e também pela velocidade nos avanços tecnológicos que ocorrem na atualidade.

Na atualidade já existem à disposição dos alunos surdos, de forma gratuita, aplicativos como programas tradutores de Libras, o *Hand Talk*, e o *Pro Deaf*, que ajudam os surdos a se comunicarem por meio de um tradutor virtual, um *avatar* que sinaliza em Libras os termos ou frases indicadas em Língua Portuguesa. Nesses aplicativos, o surdo tem a oportunidade de compreender a língua a partir de uma tradução totalmente eletrônica e tecnológica. Esses aplicativos de interação podem ser utilizados como Tecnologia Assistiva em apoio à comunicação dos surdos com as demais pessoas.

A Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento de caráter interdisciplinar, que engloba metodologias, recursos, produtos, estratégias e práticas que têm como objetivo promover a funcionalidade relativa à participação e a atividades de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2009).

O conceito de Tecnologia Assistiva (TA) vem sendo revisado nos últimos anos devido à abrangência e à importância dessa área para a garantia da inclusão da pessoa com deficiência. A abrangência desse conceito garante que TA não se refere somente a recursos em sala de aula, mas estende-se a todos os ambientes da escola, propiciando o acesso e a participação efetiva de todos os alunos e durante todo o tempo. O professor e toda a equipe escolar têm responsabilidade com a construção de um ambiente acessível e inclusivo, eliminando as barreiras convencionais.

É na contemporaneidade que se destaca a presença de novos discursos. Vivemos na sociedade da visualidade, da estetização da realidade, da transformação do real em imagens,

cujas consequências para o homem contemporâneo poderão ser a do anonimato sobre o pessoal, a do imaginário sobre o real. É o caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida como língua oficial pela lei 10.436/02. "Com características viso-espaciais, a Libras inscreve-se no lugar da visualidade e, sem dúvida, encontra, na imagem, uma grande aliada junto às propostas educacionais e às práticas sociais" (SANTOS, 2012, p. 5).

Assim como podem ter acesso à escola e ao trabalho, os indivíduos surdos também têm acesso à *Internet*, às novas tecnologias digitais, e estão imersos nessa sociedade globalizada, a Sociedade da Informação, como nos mostram as ideias de Castells (1999, p. 385) ao explicar que a interação das pessoas realizada virtualmente, por meio da rede mundial de computadores, é "como uma rede eletrônica de comunicação interativa, auto definida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo".

Ele assegura que o aumento da interação interpessoal, com o desenvolvimento da tecnologia, nos provê um apoio, em especial dos computadores e *smartphones*, e nos dão o auxílio e o suporte adequado para a comunicação, facilitando assim a desnacionalização e a desestatização da informação.

Para Moreira (2012), a utilização da tecnologia trouxe um ressignificado para a educação inclusiva e de universalização do direito à educação para todos, especialmente no aprendizado dos surdos, desta forma criou-se leis e políticas públicas que exigem e garantem formas de acesso a todos os usuários.

Assim, se averiguou que a interação com as TIC ampliam as possibilidades de utilização e desenvolvimento de Tecnologias Assistivas e de acessibilidade na *web* para os surdos, oportunizando condições de igualdade e autonomia àqueles que as utilizam, independentemente da diferença que apresentam.

Grande parte dessa interação interpessoal, nos dias atuais, ocorre por meio do ato de enviar e receber mensagens instantâneas por meio do aparelho de telefone móvel, utilizando aplicativos de interação, como esclarecem as autoras Bento, Silva e Oliveira (2017), relatando sobre um aplicativo capaz de oferecer o serviço de comunicação a distância, seja por mensagens de áudio, vídeo ou escrita, conforme descreve-se abaixo:

O aplicativo *WhatsApp* foi desenvolvido no ano de 2009 e desde então ganha mais espaço nas rotinas dos usuários. Por suas inúmeras funções e ausência de custo, popularizou-se e ocupa espaço em tarefas diversificadas, sendo usado na maioria dos casos em aparelhos *smartphones* e, como aponta Constine (2017), a rede social tem

atualmente 1,2 bilhão de usuários mensais, que enviam 60 bilhões de mensagens por dia – incluindo 3,3 bilhões de fotos, 760 milhões de vídeos e 80 milhões de GIFs. Além de o envio de mensagens de texto não dispor de custo algum, o que já traz vantagem sobre o sistema de mensagem de texto SMS (BENTO, SILVA e OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Apesar de o objetivo principal desta pesquisa não ter cunho pedagógico, como a pesquisa das autoras mencionadas acima, torna-se pertinente saber que há um número expressivo de usuários de redes sociais na sociedade hoje e que grande parte das pessoas substituiu o envio de mensagens de texto simples, o SMS por meio do celular, por acesso e utilização de aplicativos de interação, como o *WhatsApp*, e também pelo uso de redes sociais digitais. Isso nos leva a refletir sobre o desenvolvimento tecnológico e suas implicações.

Albuquerque, Melo, César e Mil (2007), em uma pesquisa científica descrita em um artigo científico sobre robótica e aprendizado no contexto escolar, ressaltaram que: "O desenvolvimento tecnológico é a conexão entre o ser humano e o objeto, em nosso caso, o aluno e a máquina que irá fazê-la movimentar-se" (MIL, p. 318).

Essas ideias reforçam o pensamento de que hoje o uso de aplicativos de interação, como o *WhatsApp*, dão a possibilidade de os indivíduos se movimentarem para poderem interagir com os outros por meio da máquina, vista como instrumento eficaz de interação interpessoal. Apesar de este não ser o objetivo principal da pesquisa dos autores, eles evidenciam que, por meio da tecnologia, pode-se estabelecer a comunicação.

O desenvolvimento tecnológico impeliu os alunos a se movimentarem e, assim, buscarem intercâmbio tanto com a máquina como com as demais pessoas, sobretudo a comunicação e interação realizada por instrumentos (celulares, *tablets*, *notebook*, dentre outros equipamentos digitais).

Destaca-se que para acessar e navegar na *Internet* as pessoas com deficiência têm assegurada a acessibilidade, pois segundo Flor, Vanzin et al (2013):

Com o intuito de diminuir essas barreiras na *web* para surdos e outras pessoas com deficiências existem iniciativas como o da *Web Content Accessibility Guidelines - WCAG 2.0(2008)* que normatizam o desenvolvimento de ambientes virtuais de maneira a deixá-lo mais acessíveis. No entanto, as prescrições contidas nessas diretrizes quanto ao acesso de surdos possuem o enfoque das pessoas sem deficiência, que não dão a devida relevância da Língua de Sinais para a acessibilidade na *web*, predominando as recomendações para legendas textuais. Esse aspecto não desqualifica a WCAG 2.0, pelo contrário, mostra que a complexidade do tema demanda um permanente ajuste e inclusão de novos recursos na medida em que as soluções avançam (FLOR, VANZIN, et al, 2013, p.162)

Estes autores ressaltaram que existe a preocupação em eliminar barreiras de acesso e navegação na *Internet*, ou seja, em tornar mais fácil o acesso dos surdos e das pessoas com deficiência aos conteúdos dispostos na *web*. Porém, no ano de 2013, havia apenas as legendas escritas para melhorar o entendimento destas pessoas no caso de mensagens verbalizadas na língua oral. Entretanto, o que se observa atualmente, em 2018, é que muitos sites já contam com a janela de Libras, fornecendo assim acessibilidade com mais equidade aos que utilizam Língua de Sinais para se comunicar.

Para o presente estudo, interessa conhecer, devido ao objetivo principal deste trabalho ser o de investigar a comunicação de surdos mediada pelas TIC, como um grupo de surdos utiliza esse aparato tecnológico e a definição de acessibilidade, enquanto facilitadora da comunicação, como exposto nas legendas. As janelas de Libras se tornam um bom meio de inclusão as pessoas surdas na *web*, porém os recursos de acessibilidade não se esgotam nestes instrumentos facilitadores da comunicação com os surdos na *Internet*.

Flor, Vanzin, et al (2013) também ressaltam que o conteúdo de acessibilidade da *web* "é um conjunto de diretrizes elaboradas pelo *World Wide Web Consortium* - W3C que visa a normatização do conteúdo *web* para que pessoas com deficiências possam cada vez mais acessar e utilizar os mais variados serviços disponíveis na *Internet*. No geral a WCAG 2.0 não trata especificamente da surdez" (FLOR, VANZIN, et al, 2013, p.165).

Ou seja, as adaptações realizadas na *web* não são pensadas exclusivamente para os surdos, mas para todas as pessoas que tenham algum tipo de deficiência, assim as adequações são pensadas e organizadas de uma maneira geral, para que possam contemplar todas as dificuldades de acesso e navegação na *Internet*.

Entretanto, o que se observa é que estes meios para facilitar o acesso e comunicação na *web* as pessoas com deficiência, são muitas vezes pensadas e feitas por pessoas, que não tem uma deficiência, ou seja, pessoas que muitas vezes não tem a real noção da realidade de quem não ouve, ou não enxerga, de quem tem uma limitação física.

Por este motivo, os meios designados para garantir a acessibilidade, nem sempre contemplam todas as necessidades dos surdos e das demais pessoas com deficiência, mas este estudo não procurou se ater a este tema, por não ser seu objetivo principal.

Ou seja, o foco principal deste trabalho foi de investigar e analisar o uso das redes sociais e aplicativos de interação como meio de comunicação dos surdos, independentemente se estas tecnologias ofereciam acessibilidade ou não.

Contudo, traçamos um caminho metodológico, que segue apresentado na próxima seção, com o intuito de relatar como aconteceu a pesquisa em si.

3. METODOLOGIA

A realização da pesquisa foi baseada na abordagem qualitativa, conforme nos ressaltava Trivinos (1987), pois é uma pesquisa que buscou investigar e estudar os fatos da prática social de um grupo de indivíduos surdos.

3.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa exploratória, cuja definição está relacionada ao seu intuito de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p.27). Igualmente, o escopo deste trabalho baseou-se em investigar um tema explorado de forma insuficiente até o momento, pois apesar de permitir refletir sobre um problema que ocorre na sociedade brasileira, a saber: a dificuldade de comunicação entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes, essas são relações pouco estudadas em pesquisas anteriores, tendo-se como referência o descritor: surdez e redes sociais pertinentes ao aspecto da comunicação destes sujeitos.

Ainda segundo os estudos de Gil (2008) geralmente se escolhe realizar uma pesquisa exploratória “quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p.27), no caso do presente trabalho verificou-se isto, que este é um assunto com escassas pesquisas anteriores.

Apesar de ter grande relevância para a inclusão social e a melhoria na comunicação dos sujeitos surdos, que têm acesso e fazem uso das novas tecnologias, por meio de redes sociais e aplicativos, essas pesquisas de tipologia exploratória proporcionam uma aproximação a um “determinado fato”, principalmente por ser ainda pouco explorado, tornando-se difícil “formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” sobre ela (GIL, 2008, p. 27).

Buscou-se desenvolver, esclarecer e investigar conceitos acerca da comunicação de surdos adultos por meio das novas tecnologias da informação e da comunicação, a partir do uso de redes sociais e aplicativos de interação. Segundo Gil, esse tipo de pesquisa, de forma geral, é realizada quando o tema escolhido foi pouco estudado, explorado, com escassas pesquisas anteriores, o que fica perceptível no panorama sobre os descritores e tema central desta pesquisa: a surdez e as redes sociais digitais.

Optou-se por utilizar duas abordagens distintas para realização da pesquisa, a abordagem quantitativa na primeira fase, com a aplicação de questionários e na segunda fase utilizou-se a abordagem qualitativa.

A proposta para realizar a pesquisa baseada na abordagem qualitativa e quantitativa, conforme nos ressalta Trivinos (1987), é o estudo feito sob o prisma da busca de investigar e analisar fatos da prática social das pessoas surdas. Deste modo, no presente trabalho se propôs a conhecer e analisar a comunicação dos surdos mediada pelas novas tecnologias da informação e comunicação digitais, no uso de redes sociais digitais e aplicativos de interação, além de ter obtido dados quantitativos também nos questionários respondidos, ou seja, houve a combinação de pesquisa quantitativa e qualitativa.

Os métodos mistos combinam os métodos predeterminados das pesquisas quantitativas com métodos emergentes das qualitativas, assim como questões abertas e fechadas, com formas múltiplas de dados contemplando todas as possibilidades, incluindo análises estatísticas e análises textuais. Neste caso, os instrumentos de coleta de dados podem ser ampliados com observações abertas, ou mesmo, os dados censitários podem ser seguidos por entrevistas exploratórias com maior profundidade. No método misto, o pesquisador baseia a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado (CRESWELL, 2007, p. 34-35).

Nesta perspectiva, houve relevância no uso de pesquisa científica mista qualitativa e quantitativa, pois a abordagem quantitativa mensura e operacionaliza um construto específico, que são a coleta de dados quantitativos iniciais em relação à população e amostra da população pesquisada de pessoas adultas, com surdez e que cursam o Ensino Médio, o que deu a capacidade de examinar, comparar e associar as variáveis e os dados estatísticos relacionados à parte da população que tem esta peculiaridade, a surdez.

Por pesquisa quantitativa entende-se ser um estudo que, baseado em dados de uma amostra significativa de sujeitos, faz a contagem dos resultados obtidos, ou seja, segundo Guerra (2014):

Os pesquisadores que aplicam este tipo de metodologia usam dados advindos de levantamentos amostrais ou outras práticas de contagem focando o comportamento humano em determinadas variáveis dependentes e independentes. Para esses estudiosos, a operacionalização e quantificação dessas variáveis são extremamente proveitosas, dispondo a oportunidade para procedimentos estatísticos (GUERRA, 2014, p.9-10).

Escolheu-se aplicar a abordagem quantitativa neste trabalho para ao fazer-se a contagem relativa aos dados dos questionários, assim como esclarece Guerra (2014), ter-se a

oportunidade de verificar e quantificar os dados relativos ao uso das redes sociais e aplicativos pelos colaboradores da pesquisa e, assim, colaborar para a seleção dos sujeitos a serem entrevistados, porém não apenas neste aspecto, mas para analisar quantidade de tempo, frequência empregada por eles na utilização das novas tecnologias da informação e comunicação digitais com vistas de posterior análise qualitativa destes mesmos dados.

Contudo, a abordagem qualitativa tem como uma das suas principais características, em pesquisas na área de Educação, a análise do ser humano de forma global e contextualizada. Assim, os estudos e as pesquisas qualitativas proporcionaram examinar, questionar e observar o ser humano e suas experiências no âmbito pessoal, familiar e cultural de forma subjetiva, como esclarece Farra e Lopes (2013):

A abordagem qualitativa examina o ser humano como um todo, de forma contextualizada. As potencialidades qualitativas incluem a capacidade de gerar informações mais detalhadas das experiências humanas, incluindo suas crenças, emoções e comportamentos, considerando que as narrativas obtidas são examinadas dentro do contexto original em que ocorrem. Além disso, estudos qualitativos proporcionam análises profundas das experiências humanas no âmbito pessoal, familiar e cultural, de uma forma que não pode ser obtida com escalas de medida e modelos multivariados (FARRA & LOPES, 2013, p. 71).

Nas pesquisas qualitativas, são analisadas as experiências humanas, como ressaltam os autores Farra e Lopes (2013), o que não pode ser visto apenas observando e analisando gráficos, tabelas e dados estatísticos, que são oferecidos nas pesquisas quantitativas. Deste modo, houve a opção de realizar uma pesquisa mista e assim fazer uso dos diversos instrumentos e modos de observar, analisar e utilizar os dados coletados com estes dois tipos de abordagens, a quantitativa e a qualitativa, pois se buscou realizar uma pesquisa mais ampla e completa em relação ao assunto surdez e o uso das redes sociais e aplicativos para potencializar a comunicação do público alvo desta pesquisa.

A análise textual proposta nesta pesquisa consistiu, também, da análise de material sinalizado em Libras transcrito para Língua Portuguesa das entrevistas realizadas por meio do software *Iramuteq*, apoiando a pesquisa qualitativa com os resultados quantitativos produzidos pelo programa.

O software *Iramuteq* apresenta rigor estatístico e permite aos pesquisadores utilizarem diferentes recursos técnicos de análise lexical. Além disso, sua interface é simples e facilmente compreensível e, sobretudo, seu acesso é gratuito e do tipo *open source*. Por essas características, acredita-se que esse software possa trazer muitas contribuições ao campo de

estudo das ciências humanas e sociais, em diversos países do mundo, e em especial nos de Língua Portuguesa (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 516).

Desse modo, houve a opção de realizar uma pesquisa utilizando diversos instrumentos, modos de observar, analisar e utilizar os dados coletados com esses dois tipos de abordagens da pesquisa. Buscou-se também realizar uma pesquisa mais ampla e completa em relação ao assunto surdez e ao uso das redes sociais para potencializar a comunicação com o público-alvo desta pesquisa.

3.2 População

Na cidade onde se fez a pesquisa, no ano de 2015, havia 384 alunos com deficiência matriculados no nível de Ensino Médio, segundo os dados estatísticos do Censo Escolar deste município. Entretanto, no Censo não havia a informação de quantas pessoas são surdas, ou seja, as informações não indicavam dentre estes alunos com deficiências quantos e quais eram surdos. Contudo, a pesquisadora teve acesso a novos dados e constatou que, no ano de 2016, dentre os 384 alunos com deficiência matriculados no nível de Ensino Médio, apenas 54 eram surdos, o público-alvo deste estudo, como se pode observar nas visitas às escolas com surdos matriculados na cidade onde desenvolveu-se este trabalho.

Assim, fizeram parte dessa pesquisa 54 colaboradores, tendo como critério de seleção: alunos surdos adultos com surdez profunda e que se comunicam em Libras, sendo estes matriculados no Ensino Médio, na Rede Pública Estadual de uma Diretoria de Ensino de um Município do Vale do Paraíba, com idade maior ou igual a 18 anos. Destaca-se que um dos critérios para a escolha dos participantes da pesquisa, ser uma pessoa adulta, foi pensado supondo-se que um adulto tem mais autonomia, tanto financeira como pessoal e social, e possibilidade de ter acesso às novas tecnologias de informação e comunicação por meio do uso de computadores, celular, *notebook* e *smartphone* para acessar a *Internet*.

Assim, para ter acesso a esses dados que descreviam se esses alunos surdos usavam Libras para se comunicar e se tinham acesso às redes sociais e aplicativos de interação, foi obtida a colaboração das equipes de direção das escolas estaduais e da parte administrativa da Diretoria de Ensino da região, onde foi realizada uma breve pesquisa documental,

A pesquisa documental foi possível porque a equipe de supervisão da educação especial forneceu uma lista com os nomes das escolas as quais tinham alunos surdos matriculados e autorizou o acesso aos arquivos das salas de recursos, com o intuito de se

verificar as cópias de exames de audiometria dos estudantes surdos e observar quais deles tinham perda auditiva profunda.

Deste modo, na primeira fase de entrega dos questionários, 54 surdos responderam, sendo que na segunda fase da pesquisa, participaram 17 surdos selecionados entre estes 54 estudantes.

Os 17 colaboradores surdos que responderam à entrevista semiestruturada foram escolhidos de acordo com os critérios anteriormente estabelecidos: uso diário das redes sociais e aplicativos e tempo de permanência de no mínimo 5 a 6 horas com acesso à *Internet*.

Desses 54 participantes da primeira etapa da pesquisa, 31 frequentavam a Sala de Recursos em atendimentos educacionais especializados no ano de 2016, enquanto os demais frequentavam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em regime de suplência do Ensino Médio.

Após a primeira análise dos dados quantitativos, foi realizada a etapa de verificar e quantificar os dados obtidos nos questionários. Assim, dos 54 participantes da pesquisa que responderam os questionários, foram selecionados 17 surdos que usavam com maior frequência as redes sociais e os aplicativos de interação. Portanto, eles foram convidados para a entrevista semiestruturada com a pesquisadora.

3.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um questionário e entrevistas semiestruturadas, além da observação dos exames de audiometria, assim configurando-se como uma breve pesquisa documental apenas para selecionar os participantes da pesquisa.

Segundo Lakatos e Marconi (1991), o uso do questionário conta com as seguintes vantagens: pode ser aplicado a qualquer segmento da população; fornece uma amostragem melhor da população geral; tem maior flexibilidade, garantindo a compreensão do entrevistado; oferece maior oportunidade para avaliar condutas, atitudes, reações e gestos; permite obter dados que não se encontram em fontes documentais; e, no caso da pessoa surda, permite a coleta de dados individualmente.

O questionário foi elaborado com 12 questões, sendo 11 questões fechadas, e 1 questão aberta (APÊNDICE II). As questões foram adaptadas às particularidades do público-alvo da pesquisa, que têm a Língua Portuguesa como segunda língua, e Libras como primeira língua.

O questionário foi formulado tendo em vista as peculiaridades dos sujeitos surdos colaboradores desta pesquisa, pois os surdos, de forma geral, necessitam que as perguntas sejam escritas de forma objetiva. Deste modo, este instrumento de coleta de dados foi elaborado com palavras de fácil compreensão, para que os colaboradores da pesquisa pudessem responder às questões com autonomia, devido ao fato de a Língua Portuguesa ser a segunda língua dos sujeitos participantes deste estudo.

Também é importante salientar que a primeira parte do questionário foi composta por questões fechadas, questões estas adaptadas do questionário socioeconômico realizado pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), por meio das quais se obteve os dados sobre o perfil desses alunos, que trazem informações como: idade, estado civil, situação em relação a trabalho e quais os motivos de trabalhar, a etnia, dentre outros fatores importantes para verificar os fatores sociais e econômicos.

Outro instrumento de coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas com os surdos. As entrevistas semiestruturadas tiveram o objetivo de discutir e debater sobre o tema da pesquisa, surdez e redes sociais, para verificar se essas novas tecnologias de informação e comunicação podem colaborar na inclusão social destas pessoas.

[...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré - conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas aquela situação (SZYMANSKI, 2004, p. 12).

Sendo assim, as questões da entrevista semiestruturada estavam relacionadas ao tema surdez e redes sociais como novas tecnologias da informação e comunicação, assim como o roteiro prévio (Apêndice II), por meio do qual se buscou categorizar a realidade social da população estudada, por meio do seu perfil e, principalmente, foram elaboradas perguntas que ajudassem a responder às indagações e à problemática levantadas nos objetivos específicos desta pesquisa.

Por entrevista semiestruturada, nesta pesquisa, entende-se que seja:

[...] a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador - entrevistador. [...] favorece não só a descrição, dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a

compreensão de sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 152 *apud* MANZINI, 2004, p. 2).

A entrevista, segundo esse autor, se configura como um instrumento de pesquisa caracterizado pelos questionamentos baseados nas hipóteses levantadas pelo pesquisador, que se torna investigador, facilitando assim a descoberta e a pesquisa dos fatos ocorridos com atores sociais, com colaboração direta na compreensão e no entendimento dos fatos, fatores explicitados pelos entrevistados, os sujeitos da pesquisa.

[...] a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...] esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 1990/1991, p. 154 *apud* MANZINI, 2004, p. 2).

Os autores conceituam a entrevista semiestruturada como um meio para indagar os informantes com questionamentos referentes aos objetivos traçados na pesquisa para que, assim, as informações sejam coletadas em relação ao tema pesquisado. No Apêndice VI desta pesquisa é apresentado o roteiro elaborado para nortear a realização das entrevistas semiestruturadas.

3.4 Procedimentos para Coleta de Dados

Após a submissão e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), ocorrido em dezembro de 2016, deu-se o primeiro passo rumo à coleta de dados.

A coleta de dados foi organizada em fases diferentes:

- divulgação da pesquisa aos surdos e leitura do termo livre esclarecido, com tradução da Língua Portuguesa para Libras, que foi realizada pela pesquisadora;

-realização de projeto piloto, ou seja, teste com alunos surdos de um cursinho pré-vestibular, para verificar se era possível o público alvo da pesquisa responder às perguntas dos questionários com autonomia;

-visitas às escolas;

- visitas às residências dos alunos.

A princípio, realizou-se a divulgação da pesquisa aos surdos nas igrejas e na Virada Cultural Inclusiva do ano de 2016, em seguida, a coleta de dados em si, por meio de visitas a

5 escolas da Rede Estadual de Ensino, e a visita à casa de 9 surdos, para que os sujeitos respondessem aos questionários. Por último, foram gravadas as entrevistas semiestruturadas apenas com os colaboradores do estudo selecionados pela pesquisadora. Para realizar as entrevistas, a pesquisadora fez novas visitas às escolas onde havia surdos matriculados e às casas dos surdos que já haviam respondido aos questionários por se enquadrarem nos critérios de uso e de acesso à *Internet* e às redes sociais.

Essas diversas fases da coleta de dados estão descritas em subseções.

3.4.1 Divulgação da pesquisa

Considerando as especificidades do público-alvo dessa pesquisa, houve a necessidade de estabelecer os primeiros contatos e, posteriormente, realizar o convite para participar da pesquisa. Isso foi feito utilizando-se vários meios de comunicação: eventos religiosos, além de mensagem de texto e vídeo sinalizado em Libras, veiculado nas redes sociais (*WhatsApp* e *Facebook*).

Assim, a chamada foi para que os interessados em participar da pesquisa comparecessem ao evento cultural que aconteceria em uma escola da Rede Pública Estadual (Virada Cultural, promovido pelo Programa Escola da Família do Governo Estadual do Estado de São Paulo), com o objetivo de socializar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa, pois foi necessário fazer a tradução do documento para Libras, em respeito à primeira língua dos colaboradores da pesquisa.

Havia 23 surdos presentes no evento da igreja, quando todos foram convidados a participar desta pesquisa e da Virada Cultural Inclusiva. Entretanto, na data agendada para a Virada Cultural, apenas 3 surdos compareceram. Mesmo assim, foi feita a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a tradução para Língua Brasileira de Sinais, em respeito às particularidades e especificidades dos surdos, que têm Libras como primeira língua.

Diante da pouca adesão e participação no evento pelo público-alvo dessa pesquisa, a pesquisadora necessitou mudar de estratégia e ir ao encontro dos surdos em escolas do Ensino Médio, da Rede Estadual do município.

Segundo dados fornecidos pela Diretoria de Ensino desta região, havia 17 escolas neste município com salas de recursos, ou seja, existem nessa rede 17 escolas que oferecem atendimento educacional especializado para alunos com deficiência, no contra turno das aulas

regulares, tanto na modalidade de ensino regular como na modalidade de ensino do EJA, modalidade de ensino que também conta com alunos com deficiência matriculados. Mas, dessas Unidades Escolares, somente 5 escolas têm Sala de Recursos que atendem surdos.

Além dessas salas de recursos, existe o Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), da Rede Pública Estadual, onde havia, no ano de 2016, 56 surdos regularmente matriculados e frequentando a suplência dos anos finais do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio.

Além disso, houve a colaboração das professoras interlocutoras de Libras e das professoras das salas de recursos para a divulgação da pesquisa, pois ajudaram a convidar os surdos para responder os questionários da pesquisa e permitiram que a pesquisadora fizesse visitas durante suas aulas para encontrar os surdos. Assim, a pesquisadora entregou os questionários e depois retornou algumas vezes ao local para gravar as entrevistas semiestruturadas.

3.4.2 Coleta de dados por meio de questionários

Dos 23 surdos presentes no evento da igreja católica, apenas 3 compareceram à Virada, tendo iniciado assim, nesse momento, efetivamente a pesquisa com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aos sujeitos presentes no evento.

Todavia, diante da pouca adesão e participação no evento pelo público-alvo dessa pesquisa, necessitou-se mudar de estratégia e ir ao encontro dos alunos surdos em escolas do Ensino Médio, da Rede Estadual neste município onde houve a realização deste estudo. Segundo dados fornecidos pela Diretoria de Ensino desta região, havia 17 escolas neste município com Salas de Recursos, destas apenas cinco atendem alunos surdos.

Antes de iniciar a aplicação dos questionários a pesquisadora realizou um projeto piloto precedendo a aplicação deste instrumento de coleta de dados aos surdos colaboradores deste trabalho, ou seja, houve a experiência de aplicação dos questionários para seus alunos surdos que já haviam concluído o Ensino Médio e participavam de um cursinho pré-vestibular em uma Universidade em São Paulo, aos sábados, no qual a pesquisadora lecionava uma disciplina.

Neste caso, 20 surdos que estudavam no cursinho responderam ao questionário. Assim, percebeu-se que das duas questões abertas propostas inicialmente apenas uma foi respondida com facilidade, apesar da solicitação da intervenção da pesquisadora para fazer a

tradução da Libras para a Língua Portuguesa. Por este motivo, a décima terceira pergunta foi retirada do instrumento de coleta de dados.

A décima segunda questão precisou ser adaptada depois de vivenciada a experiência do projeto piloto, pois as palavras “fizeram a diferença” para o uso das redes sociais e aplicativos caracterizavam um sentido duplo, dificultando o entendimento da pergunta e a resposta. Por este motivo, optou-se por trocar o termo “fazer a diferença” pelo vocábulo mudou / mudar, com o sentido de modificar ou transformar, quando os surdos pediam para sinalizar em Libras o enunciado da questão.

A primeira visita foi a uma escola estadual da zona leste do município, onde havia uma Sala de Recursos com atendimento educacional especializado para Deficientes Auditivos, com 10 surdos matriculados nesta classe, sendo 9 surdos e usuários de Libras e 1 surdo oralizado, que portanto não se enquadrava nos critérios da pesquisa. O objetivo da visita foi convidar os alunos e, após o aceite do TCLE, entregar os questionários para que eles respondessem. Os nove alunos surdos usuários de Libras responderam às questões da pesquisa nesta visita.

A segunda visita ocorreu ao Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA). Segundo a Professora Coordenadora Pedagógica da Unidade Escolar, a escola contava com 56 surdos matriculados em 2016. Entretanto, na data da visita, a maioria dos alunos já havia feito as avaliações finais e não estavam mais frequentando as aulas em dezembro. Assim, somente 2 alunos surdos responderam ao questionário e viram a pesquisadora fazer a tradução de Língua Portuguesa para Libras do TCLE. Diante dessa realidade, as visitas a instituições foram retomadas somente no mês de fevereiro de 2017.

O próximo passo foi a visita às residências de 8 alunos surdos, onde foram entregues o TCLE e o questionário. Assim, totalizaram-se 16 questionários respondidos nas casas dos alunos surdos, pois havia um casal de surdos em cada casa visitada. Este trabalho foi realizado nos meses de janeiro e fevereiro de 2017.

Logo no início do ano letivo, na segunda quinzena do mês de fevereiro de 2017, as visitas foram retomadas nas diversas Instituições Públicas Estaduais, ou seja, as 5 escolas da Rede Pública Estadual que tinham surdos matriculados e frequentando as aulas naquele ano letivo, sendo 4 escolas em regime de atendimento educacional especializado, em Sala de Recursos, e uma escola CEEJA. As visitas ocorreram entre os meses de dezembro de 2016 e abril de 2017, quando foi possível aplicar o questionário a 38 alunos surdos, e fazer a tradução do TCLE.

Durante as visitas às escolas, a pesquisadora fez a tradução do TCLE da Libras para Língua Portuguesa e solicitou que os surdos participassem da pesquisa respondendo aos questionários. Nesse momento, percebeu-se que, em algumas questões, como as de número 6, 8 e 11, os surdos pediam para a pesquisadora fazer a tradução dos enunciados por diversas vezes para, depois, escolher as alternativas de resposta que eram de sua preferência.

Não houve resistência ou maiores dificuldades para aplicação dos questionários. Os sujeitos sempre foram solícitos e não se negaram a participar da pesquisa.

3.4.3 Coleta de dados por meio de entrevistas

Esta foi a segunda etapa da coleta de dados, depois de realizada a análise prévia dos dados quantitativos de todos os 54 questionários, de acordo com os critérios estabelecidos de quantidade de tempo e frequência de acesso às redes sociais.

Desse modo, foram selecionados 17 sujeitos que se enquadraram nesse perfil (do critério de tempo e constância de acesso à *Internet*: o mínimo de 5 a 6 horas de uso das redes sociais e aplicativos de interação por dia).

O objetivo, nesse momento da pesquisa, era de coletar mais dados para investigar e conhecer qual a importância do acesso à *Internet* e às redes sociais como meio de comunicação dos surdos. O procedimento para a coleta de dados da entrevista semiestruturada dos 17 sujeitos foi basicamente o mesmo: as perguntas foram sinalizadas em Libras pela pesquisadora, considerando-se que essa é a primeira língua dos participantes. Todos os passos dados foram gravados em mídia digital.

Depois da seleção dos 17 colaboradores deste estudo, na seguinte etapa do trabalho, a pesquisadora foi em busca da coleta de dados, realizando entrevistas face a face. Isso possibilitou a ela reencontrar amigos, ex-alunos e conhecer surdos que ainda desconhecia. Houve a possibilidade de verificar mais do que os sinais de Libras, pois foi possível chegar mais perto da realidade dos alunos surdos adultos, identificar sua cultura e seu modo de viver, mesmo este não sendo o foco principal deste estudo.

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente 10 minutos e destaca-se que este tempo de duração refere-se a cada vez que o estudante surdo foi entrevistado.

Outro detalhe importante a se mencionar é que foi necessário refazer todas as entrevistas, mais do que duas vezes, porque os surdos relataram fatos de seu passado e não responderam exatamente o que lhes foi perguntado em Libras, pela pesquisadora, logo na

primeira vez em que foram entrevistados, mesmo existindo um roteiro elaborado previamente e que está anexo a este trabalho.

Vale ressaltar que, por ter realizado as entrevistas semiestruturadas por duas ou três vezes com o mesmo colaborador da pesquisa, os conteúdos das entrevistas gravadas em vídeo com cada participante foram importados para um programa chamado *movie maker*. Assim, foi agregada a somatória de vídeos de todas as entrevistas feitas uma a uma, ou seja, após as entrevistas foram gerados dois ou três filmes da mesma pessoa. Por este motivo, estas mídias foram unidas em um só vídeo individual para cada estudante surdo entrevistado.

Quase a totalidade dos entrevistados fez questão de contar toda sua trajetória de vida escolar, mesmo sem a pesquisadora ter feito perguntas referentes a esse tema. Por isso, houve o desafio de ter de retomar as perguntas do roteiro diversas vezes, fazendo e refazendo as questões em Libras nos momentos oportunos, pois se procurou dar toda a atenção a essa oportunidade para que eles fizessem seus relatos e, assim, conseguir arquivar tudo que cada surdo contava em Libras, mesmo que o discurso estivesse fora do contexto.

Apesar de a pesquisadora sinalizar em Libras as questões pré-estabelecidas, eles continuavam explicando fatos do seu passado em relação à escola e de como ficaram surdos. A pesquisadora continuou filmando e observando, mantendo o diálogo, mesmo fora do contexto da entrevista, pois houve a preocupação em respeitar a história de vida e as batalhas enfrentadas pelos surdos. A entrevista foi continuada e refeita diversas vezes, inclusive, por respeito aos anseios dos entrevistados, pois, muitas vezes, as pessoas não dedicam atenção para compreender o que esses sujeitos querem dizer.

Vale destacar um aspecto referente ao motivo pelo qual a pesquisadora precisou refazer algumas entrevistas. Conforme os vídeos foram vistos várias vezes e a pesquisadora fez as traduções da Libras para Língua Portuguesa de forma literal, percebeu-se que vários participantes contaram fatos de suas vidas, o que foi muito interessante, pois parecia que estavam se sentindo valorizados.

Contudo, a princípio não responderam às perguntas do roteiro previamente elaborado e, principalmente, foi necessário fazer mais questionamentos diferentes, a fim de conseguir coletar mais informações para alcançar os objetivos desta pesquisa.

Após a conclusão das entrevistas, com o intuito de fazer a melhor análise dos dados possível, optou-se fazer a tradução das entrevistas de Libras para Língua Portuguesa, antes de fazer a análise de dados propriamente dita.

Uma observação a se fazer é que a pesquisadora é fluente em Libras há 18 anos e atua como intérprete de Libras, por isso não houve barreiras de comunicação e entendimento durante a realização das entrevistas semiestruturadas. Mas, mesmo assim durante a tradução das entrevistas, a pesquisadora fez questão de contar com o apoio de outra profissional intérprete de Libras, por questões éticas, para que a tradução ficasse a mais fidedigna possível ao que cada colaborador da pesquisa quis relatar.

Depois, houve a etapa de transcrição dos conteúdos das entrevistas feita em um programa de computador denominado Bloco de Notas, para que os dados fossem analisados no programa *Iramuteq*. A decisão de organizar os dados coletados com o apoio de um software foi devido ao grande volume de *corpus* textual gerado nas entrevistas.

Fez-se a opção por traduzir da Libras para a Língua Portuguesa, tendo em vista a utilização do *Iramuteq*, porque, por meio desse software, são organizados e verificados as *corpora* textuais escritos, e não existe a possibilidade de inserir textos em Libras, que é uma língua na modalidade visual e espacial, sinalizada, com escrita própria, porém não reconhecida pelo software para fazer a leitura dos dados.

É importante ressaltar que as 17 entrevistas realizadas foram gravadas em mídia digital e legendadas na Língua Portuguesa no software *movie maker*, com o intuito de poderem ser utilizadas e assistidas por outras pessoas que não têm fluência em Libras.

As informações armazenadas no formato digital (entrevistas parcialmente gravadas em vídeo) serão mantidas sob a guarda da pesquisadora, por um período de cinco anos, quando então serão inutilizadas.

3.5 Procedimentos para Análise de dados

Inicialmente, realizou-se a análise quantitativa dos dados providos nos 54 questionários. Assim, fez-se a contagem e tabulação dos resultados ao verificar as respostas de cada colaborador da pesquisa e, posteriormente, houve a elaboração de tabelas e de gráficos para mensurar e apresentar informações, como: quantidade de participantes, sexo, faixa etária, tempo e frequência no acesso e no uso das redes sociais, além de quais os motivos que levam os sujeitos desta pesquisa a navegar na *Internet*.

Assim, 54 alunos surdos responderam ao questionário, o que foi considerado uma boa amostra da população de surdos estudantes da Rede Estadual no município. Mas, somente 17 participaram das entrevistas, pois se enquadram nos critérios de acesso diário à *Internet*, às

redes sociais e aos aplicativos de interação, com tempo mínimo 5 a 6 horas de utilização ou mais destas TIC. Esses critérios foram estabelecidos pela pesquisadora para seleção dos sujeitos.

A pesquisadora, após realizar as entrevistas, efetuou a ação de importar os dados referentes ao conteúdo das entrevistas, do software Bloco de Notas para o software *Iramuteq*, e assim observou-se que o programa organizou os termos expressados pelos colaboradores da pesquisa conforme a quantidade de vezes que cada palavra surgiu nas entrevistas semiestruturadas. De acordo com o número de incidências desses termos em cada entrevista, o *Iramuteq* os fez o agrupamento por temáticas consideradas análogas, sendo estas designadas como “Classes de Palavras”.

Segundo Camargo e Justo (2013) “O *Iramuteq* é um software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud (LAHLOU, 2012; RATINAUD & MARCHAND, 2012) e licenciado por GNU GPL (v2), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras” (CAMARGO & JUSTO, 2013, p.2).

O conteúdo gerado por meio das entrevistas foi volumoso, com muitos textos traduzidos da Libras para a Língua Portuguesa (não de forma literal, sinal por sinal de Libras para palavra por palavra em Língua Portuguesa, ou seja, não se traduziu termo a termo cada vocábulo na ordem que foi sinalizado pelo surdo, mas foi feita a tradução do sentido global e do contexto daquilo que cada participante da pesquisa sinalizou em Libras para a Língua Portuguesa). As respostas dos colaboradores do estudo foram transcritas pela pesquisadora a partir dos vídeos gravados das entrevistas em Libras, para que assim fossem legendados em Língua Portuguesa. Para isso, foi necessário retomar várias vezes a visualização da gravação para buscar o resultado mais fidedigno possível na tradução e transcrição das entrevistas.

O software *Iramuteq* foi escolhido com o objetivo de fazer a organização dos dados obtidos nas entrevistas utilizando as novas tecnologias da informação, para otimizar o trabalho e, em especial, para verificar a validade de um vocabulário característico, que pode sugerir a existência de certo “campo contextual”. Segundo Reinert (2001) destaca-se:

[...] a extensão desse espaço à ideia de “fundo associativo” ou “fundo tópico”, revelado através da co-ocorrência das chamadas “palavras plenas”, que devem ser entendidas como algo que excede os significados anotados nos dicionários, uma vez que se inscrevem na história dos falantes, pois são utilizadas como uma atualização do próprio sujeito e de seu campo de referência aos objetos num aqui e agora do discurso (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006, p. 3).

Dessa maneira, os dados apresentavam-se estabelecidos de forma coerente, a fim de facilitar a análise por meio do agrupamento de uma grande quantidade de texto. Como os autores Nascimento e Menandro (2006) ressaltam, a busca pelas palavras plenas nos *corpus textuais* e o número de incidência de cada uma das palavras acabaram por ajudar a traçar o campo semântico de referência para a formação de Classes de Palavras pelo software *Iramuteq*, oferecendo, assim, amplas formas de interpretação, uma vez que os resultados computados são disponibilizados em listas organizadas a partir de características similares.

Nesta pesquisa, foram duas as fontes de coleta de dados que se complementam na busca de registrar o máximo possível de informações relacionadas ao objetivo, que é analisar a utilização das novas tecnologias digitais em redes sociais e em aplicativos de interação por sujeitos adultos, surdos, matriculados no Ensino Médio Rede Estadual Pública de Ensino, em uma cidade do Vale do Paraíba, no ano de 2016, por meio de tabulação de dados quantitativos e da análise de dados qualitativa, com apoio para a organização dos dados de um programa de computador, o software *Iramuteq*.

Ao realizar-se uma leitura inter-relacionada (por leitura inter-relacionada entende-se, neste estudo, a leitura dos dados obtidos de duas maneiras distintas, ou seja, os resultados foram verificados por meio da leitura dos textos transcritos e também por meio da observação das nuvens de palavras geradas pelo software) dos resultados obtidos em uma pesquisa com os procedimentos oferecidos em um software que faz a análise textual por meio da contagem dos vocábulos mais utilizados pelos sujeitos entrevistados, na avaliação das informações coerentes e discrepantes entre eles, é possível ter uma visão mais abrangente dos elementos. Nascimento e Menandro (2006).

De outro modo, ponderou-se que seria muito difícil distinguir, por exemplo, que o termo **trocar mensagens** seria uma das palavras com maior incidência, tanto nas entrevistas como nas respostas da questão aberta do questionário (grifo da pesquisadora).

Para analisar os discursos dos surdos, a pesquisadora precisou digitar todo o conteúdo em um programa de computador chamado Bloco de Notas, pois neste software os textos ficam sem formatações. Essa é uma das exigências do *Iramuteq* para conseguir processar e organizar os dados, de acordo com os termos recorrentes nos discursos dos entrevistados.

Contudo, houve o cuidado de deixar os textos transcritos das entrevistas sem símbolos e sinais de pontuação, para que assim não ocorressem erros durante o processo de importar os *corpus* e fazer a análise pelo *software*.

A pesquisadora utilizou alguns filtros durante o processo de análise de dados no *Iramuteq*, pois, no discurso dos surdos, em Libras, não havia conectivos, como artigos, conjunções e preposições, porque nessa língua não se usa esses termos. Por isso, para ser a mais fidedigna às ideias e às palavras utilizadas pelos sujeitos, foi respeitada essa característica da Libras e foram utilizados os filtros permitidos pelo Software *Iramuteq*, que antes de organizar os conteúdos das entrevistas oferece a oportunidade de dar valor 0, 1 ou 2 para cada grupo semântico de palavras.

Neste caso, a pesquisadora atribuiu valor zero para os artigos definidos e indefinidos e para as preposições, pois estes termos não fazem parte dos sinais de Libras. Contudo, eles foram escritos pela pesquisadora, já que ela não fez uma tradução literal, ou seja, o conteúdo não foi apenas traduzido da Libras para a Língua Portuguesa, palavra por palavra sinalizada pelos surdos, mas foi interpretado e, no momento de elaboração do texto transcrito, a pesquisadora escreveu os conectivos próprios da Língua Portuguesa para melhorar o entendimento do que cada surdo relatou e para ficar facilmente compreensível na modalidade escrita do português.

Desse modo, foram utilizados os nós das Redes de Conteúdos como variáveis na caracterização do *corpus*, gerando tabelas e nuvens de palavras. Deve-se ressaltar a importância das Classes de Palavras “como variáveis para o programa, o que não substitui as Redes de Conteúdos na busca de co-ocorrências: as redes tratam de significados, o *Iramuteq* trata mais especificamente o léxico” (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006, p.83).

A pesquisadora optou por usar o método Reinert de análise de dados, oferecido pelo *Iramuteq*, que consiste em gerar Dendogramas, ou seja, figuras estruturadas por Classes de Palavras interligadas por chaves que contêm, na base de cada desenho, listas com os termos mais recorrentes nos discursos de cada sujeito da pesquisa. Assim, indica-se desde as palavras mais pronunciadas até as menos pronunciadas em ordem crescente.

Essa apresentação e essa organização dos dados foram escolhidas por serem de fácil visualização e por oferecerem a possibilidade de criar categorias de análise de dados a partir de cada Classe de Palavras, estruturando assim de maneira mais eficaz e organizada a apresentação, a análise e a discussão dos resultados obtidos na pesquisa.

Outra possibilidade oferecida pelo software *Iramuteq* vai além de verificar as palavras mais recorrentes, verificando também as palavras chamadas únicas, pois apareceram apenas uma vez em todas as entrevistas por meio da tabela de *haspax*, ou seja, as palavras que

apareceram apenas uma vez no *corpus textual*. Estes termos foram citados uma única vez dentre o conteúdo de todas as entrevistas.

Um aspecto importante a ressaltar é que, segundo a proposta de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foram utilizados números de 1 a 17 e apenas a letra inicial do nome dos surdos, para garantir o anonimato nos trechos apresentados com os conteúdos das entrevistas.

4. RESULTADOS, DISCUSSÃO E ANÁLISE

4.1 – Dados obtidos a partir dos questionários

Foram preenchidos 54 questionários por alunos surdos adultos, o que foi considerada uma boa amostra se comparada à população de alunos com deficiência matriculados na Rede Estadual do município onde foi feito o estudo, ou seja, 384 alunos com deficiência, segundo os dados fornecidos pelo Censo Escolar de 2015. Mas, deve-se esclarecer, foram descritos o perfil de apenas 17 colaboradores da pesquisa, pois esses responderam ao questionário e foram entrevistados, isto é, esses sujeitos participaram de todas as fases de coleta de dados deste trabalho.

4.1.1- Caracterização dos colaboradores da pesquisa

Nesta seção, são apresentados os resultados da pesquisa, divididos em subseções distintas, pois os resultados quantitativos referem-se aos dados coletados nos questionários e os resultados qualitativos referem-se aos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas. Optou-se por identificar os alunos por números de 1 a 54, por acreditar que essa forma de identificação possibilita um melhor tratamento aos participantes envolvidos no estudo e garante o anonimato dos mesmos.

Participaram alunos surdos, de ambos os sexos, com faixa etária de 17 a 58 anos, diagnosticados com surdez sensorio-neural bilateral de grau severo a profundo, congênita, ou com surdez adquirida precocemente, usuários tanto de Língua Portuguesa como de Língua Brasileira de Sinais.

Por isso, tornou-se pertinente verificar o perfil dos colaboradores deste estudo, pois como ressalta Farias (2006):

Saber quem são os participantes de nossa pesquisa tem um significado importante, visto que fazem parte de um grupo marcadamente diferente, possuidores de uma cultura e língua próprias e que sofreram ao longo dos tempos atitudes preconceituosas que lhes negavam o direito de conviverem entre si, de organizarem-se em grupo (FARIAS 2006, p. 59).

No quadro abaixo, estão descritos os resultados obtidos a partir das respostas apresentadas nos questionários dos colaboradores da pesquisa referentes ao perfil dos mesmos.

Quadro 2 - Perfil dos sujeitos que responderam o questionário

Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade	Exerce trabalho remunerado?	Raça	Estado civil	Quantas pessoas que moram na residência?	Tem filhos? Quantos?
1	M	31	3° E.M	Não	Pardo	Solteiro	7	Sim, 1
2	M	45	1° E.M	Não	Branco	Solteiro	3	Não
3	F	35	3° E.M	Sim	Branco	Casada	4	Sim, 2
4	F	31	3° E.M	Não	Branco	Casada	5	Não
5	M	32	3° E.M	Não	Branco	Solteiro	3	Não
6	M	18	3° E.M	Não	Pardo	Solteiro	4	Não
7	M	39	3° E.M	Não	Branco	Solteiro	3	Sim, 1
8	F	48	3° E.M	Sim	Branco	Solteira	3	Não
9	M	58	1° E.M	Sim	Branco	Casado	2	Sim, 2
10	F	56	3° E.M	Não	Branco	Casada	2	Sim, 2
11	M	42	2° E.M	Não	Pardo	Casado	4	Sim, 2
12	M	37	3° E.M	Não	Pardo	Casado	2	Não
13	F	36	1° E.M	Sim	Branco	Casada	4	Sim, 2
14	M	35	2° E.M	Sim	Pardo	Solteiro	4	Não
15	F	19	3° E.M	Não	Pardo	Casada	6	Sim, 1
16	M	31	3° E.M	Sim	Branco	Casado	5	Sim, 2
17	F	30	3° E.M	Não	Branco	Casada	5	Sim, 2
18	F	18	2° E.M	Não	Branco	Solteira	3	Não
19	F	21	3° E.M	Não	Branco	Solteira	2	Não
20	F	21	1° E.M	Não	Branco	Solteira	5	Não
21	F	25	3° E.M	Não	Pardo	Solteira	3	Não
22	F	23	2° E.M	Não	Branco	Solteira	4	Não
23	F	24	3° E.M	Não	Branco	Casada	3	Não
24	M	22	1° E.M	Sim	Branco	Solteiro	4	Não
25	M	23	3° E.M	Sim	Branco	Solteiro	2	Não
26	M	24	2° E.M	Sim	Branco	Solteiro	2	Não
27	M	25	3° E.M	Sim	Pardo	Solteiro	2	Não
28	M	25	3° E.M	Sim	Negro	Solteiro	4	Não
29	M	26	3° E.M	Sim	Pardo	Casado	3	Sim, 1

30	M	27	1° E.M	Não	Branco	Solteiro	2	Não
31	M	27	2° E.M	Sim	Branco	Casado	4	Não
32	M	28	1° E.M	Sim	Branco	Solteiro	8	Não
33	M	29	2° E.M	Sim	Branco	Solteiro	2	Não
34	M	29	3° E.M	Sim	Branco	Casado	2	Não
35	F	27	3° E.M	Sim	Negro	Divorciada	5	Sim, 1
36	F	27	3° E.M	Sim	Branco	Solteira	1	Não
37	F	29	1° E.M	Não	Negro	Casada	3	Sim, 1
38	F	30	3° E.M	Sim	Branco	Solteira	2	Não
39	F	29	3° E.M	Não	Branco	Casada	2	Não
40	F	29	3° E.M	Não	Pardo	Solteira	2	Não
41	F	30	3° E.M	Sim	Branco	Casada	4	Não
42	F	30	3° E.M	Não	Branco	Solteira	3	Não
43	F	35	3° E.M	Não	Negro	Casada	2	Não
44	F	35	3° E.M	Sim	Branco	Solteira	3	Sim, 1
45	M	32	3° E.M	Não	Branco	Solteiro	3	Não
46	M	35	3° E.M	Sim	Branco	Casado	3	Sim, 1
47	F	36	3° E.M	Sim	Branco	Casada	4	SIM, 2
48	F	36	3° E.M	Sim	Branco	Divorciado	2	Não
49	F	37	3° E.M	Sim	Negro	Casada	4	Sim, 2
50	F	39	3° E.M	Sim	Negro	Casada	2	Não
51	M	36	3° E.M	Sim	Branco	Casado	3	Sim, 1
52	M	37	3° E.M	Não	Negro	Casado	4	Não
53	M	44	1° E.M	Sim	Branco	Casado	4	Sim, 2
54	M	49	3° E.M	Sim	Branco	Casado	5	Sim, 1

Fonte: quadro elaborado pela autora da pesquisa.

Ao se apresentar o perfil dos colaboradores da pesquisa, tem-se o intuito de conhecer as características do público alvo desta pesquisa e verificar quais lugares ocupam na sociedade.

O Quadro 2 demonstra que 51 dos colaboradores deste estudo possuem idades acima de vinte anos, ou seja, 94,4 % dos estudantes surdos tinham idade superior a 20 anos no ano de 2016 quando cursavam o Ensino Médio, o que implica em apenas três sujeitos surdos dentro da faixa de idade esperada para cursar o dado nível de ensino, isto é, entre dezoito ou dezenove anos.

Deste modo, dos colaboradores da pesquisa que se caracterizaram por uma média de idade entre 18 anos e 58 anos, 27 eram homens casados e com filhos, porém apenas 28 do total de participantes exerciam função remunerada, ou seja, tinham um trabalho.

A surdez, e não somente a surdez em si, mas o contexto em que esse sujeito está inserido, pode trazer várias consequências para a vida das pessoas surdas, como pode ser constatado nos dados coletados e descritos no Quadro 2: nessa população pesquisada, a idade dos alunos surdos ultrapassa a faixa etária (média entre 15 e 19 anos) dos alunos ouvintes que cursavam o Ensino Médio.

Apenas três alunos surdos dos 54 pesquisados têm idade inferior a vinte anos e encontram-se cursando o Ensino Médio. A relação da defasagem idade/série de alunos surdos tem sido imensamente debatida entre os autores renomados que enumeraram fatos históricos para a possível explicação desta ocorrência.

Segundo Perlin e Strobel (2008), no passado não se discutia a educação dos sujeitos surdos e os mesmos eram anulados e isolados pela sociedade, pois não se acreditava que estes sujeitos pudessem aprender, participar e nem mesmo exercer uma função.

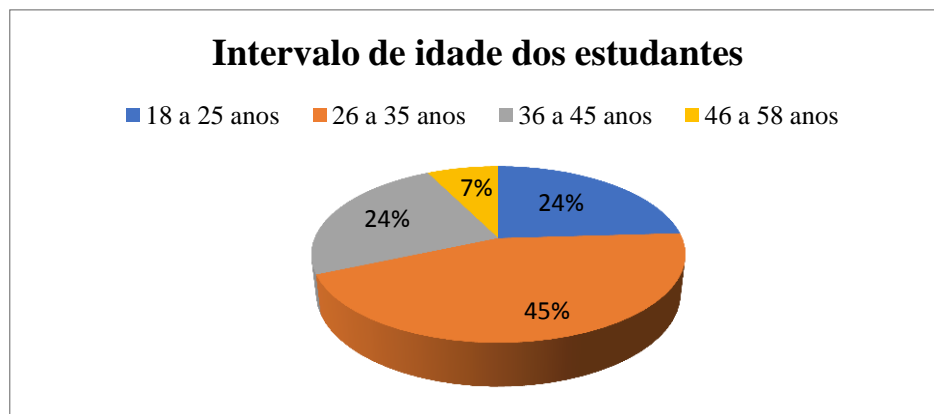
Podem-se confrontar os dados desta pesquisa com as referências das autoras, pois as idades dos estudantes surdos pesquisados neste trabalho confirmam a dificuldade que os mesmos encontram na educação regular, já que, na amostra descrita no Quadro 2 traz a informação de que estes sujeitos tinham idades superiores à idade escolar.

Perlin e Strobel (2008) mencionam que,

[...]até recentemente os povos surdos sofreram com esta ruptura, pois para a maioria deles a educação verdadeira começou somente depois quando saíram da escola na idade de adolescência, ao terem contato com os outros sujeitos surdos adultos nas associações de surdos (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 5).

A questão levantada pelas autoras, relacionada à maioria dos surdos terem sofrido esta ruptura na educação, leva a uma reflexão e a uma ponderação sobre os resultados obtidos nesta pesquisa referentes à faixa etária dos colaboradores da pesquisa, como se pode verificar no gráfico abaixo e observado no quadro 2.

Gráfico 1. Faixa etária dos alunos surdos matriculados no Ensino Médio, em 2016



Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

Averiguando os dados relativos ao número de colaboradores da pesquisa em cada faixa etária descritos acima, percebe-se que 76% dos discentes surdos apresentavam idade superior ao intervalo entre 18 e 25 anos, mas ainda permanecem na escola cursando o Ensino Médio. Há pessoas de até 58 anos que ainda cursam esse nível de ensino, o que não caracteriza algo comum de acordo com o Sistema Educacional Brasileiro, que tem a expectativa de que os jovens, em geral entre 15 e 19 anos, estejam matriculados nesse nível de ensino.

Assim, subentendeu-se a existência de defasagem relacionada à idade/série/ano, em nível de Ensino Médio, entre os surdos que compuseram o grupo de sujeitos desta pesquisa, pois a maior parte dos colaboradores tinha idade superior aos 25 anos no ano de 2016 e, mesmo assim, estavam cursando esse nível de ensino ou concluindo esta etapa da escolaridade naquele ano letivo.

Esse resultado não era esperado pela pesquisadora quando os objetivos do trabalho foram traçados, mas como é um dado relevante, estes dados foram apresentados e discutidos no momento de analisar os resultados obtidos nos questionários por chamar a atenção para uma dificuldade enfrentada pelos estudantes surdos, a de concluir a educação básica até completarem os 19 anos de idade como os demais alunos.

Para Araújo (2012), no Brasil existe um grande abismo na inclusão das pessoas com deficiência. Para o fechamento desse abismo, há o desafio de incluir os surdos, que são excluídos provavelmente devido à falta de habilidade das pessoas na compreensão da Libras, a língua utilizada por estes sujeitos nas interações sociais. Assim, por muito tempo e por diversas vezes, os surdos não foram vistos pela sociedade e suas potencialidades foram

deixadas de lado, impondo limitações devido às barreiras de comunicação, especialmente no contexto escolar.

Strobel (2008 *apud* ARAÚJO, 2012) cita que:

A presença do povo surdo é tão antiga quanto a humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos (STROBEL, 2008 *apud* ARAÚJO, 2012).

Pode-se refletir sobre as ideias de Strobel (2008) de que, na antiguidade e na época logo após o Congresso de Milão (1880), estes sujeitos foram desrespeitados em sua forma de interação e de comunicação em Libras. Com o advento do uso das novas tecnologias da comunicação e informação digitais, os surdos têm atualmente a possibilidade de diminuir as diferenças entre eles e os ouvintes por meio da interação no espaço virtual, o que muitas vezes não aconteceu na história da educação dos surdos em tempos remotos, como se pode observar na seção da revisão de literatura designada a resumir a história da educação dos surdos no Brasil.

Os dados apresentados referentes à defasagem idade/ano/ série demonstram que as barreiras de acessibilidade ainda afligem as pessoas com surdez na escola, pois esta muitas vezes não possui profissionais preparados para uma real inclusão do aluno surdo. Isto pode levá-los a ter falta de motivação em continuar os estudos, dada a dificuldade em entender os contextos da sala de aula e as dificuldades em se comunicar com os colegas de turma e com os professores.

Strobel (2009) ressaltou que:

Muitos relatos de sujeitos surdos, em uma das escolas, hoje já fechada, onde a diretora e as coordenadoras eram ouvintistas autênticas, usava a representação dos surdos como sujeitos 'deficientes', a diretora dizia muitas vezes com deboche 'esses surdos', 'esses bandos de surdos', como se os sujeitos surdos fossem seres inferiores que não tinham capacidade de captação e isto angustiou por dentro os sujeitos surdos nestes anos todos que trabalharam lá, porque estavam com as mãos 'amarradas' e boca 'amordaçada' (STROBEL, 2009, p. 70).

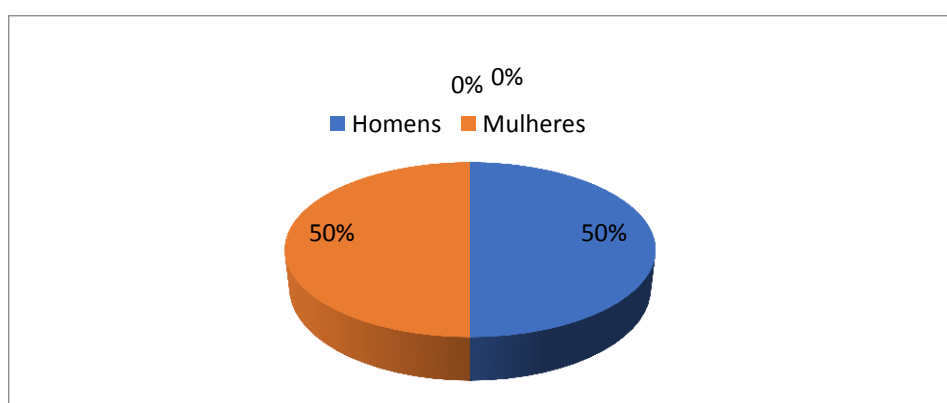
O fator destacado pela autora Strobel (2009) da resistência das pessoas ouvintes para aceitar os alunos surdos na escola regular, especialmente para respeitar suas peculiaridades de comunicação, leva a uma reflexão que pode indicar um dos possíveis motivos desses sujeitos deixarem de frequentar as salas de aula e muitas vezes evadirem das instituições, apenas retomando os estudos depois de adultos, como em diversos casos observados no presente

estudo que podem ser observados na próxima seção destinada a discutir e analisar o conteúdo das entrevistas semiestruturadas.

Outro aspecto importante observado entre os dados obtidos por meio dos 54 questionários respondidos pelos estudantes surdos indica a quantidade de pessoas surdas do sexo masculino e feminino.

Foram considerados estes dados relativos ao gênero com o intuito de traçar o perfil dos participantes deste estudo. Todos esses dados foram tabulados e seguem apresentados em um gráfico.

Gráfico 2. Sexo dos sujeitos de pesquisa



Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

Observa-se, a partir do gráfico, uma igualdade entre a quantidade de mulheres e homens estudantes surdos matriculados no Ensino Médio no ano de 2016. Os dados também mostram que, em comparação com os dias de hoje, havia mais mulheres surdas nesse nível de ensino em 2016.

De acordo com Vedoato (2015), há incidência maior de homens surdos, do que de mulheres surdas. Contudo, analisando os motivos de eles não serem a maioria neste nível de ensino verificado neste estudo, em comparado aos resultados da pesquisa atual, indicando a mesma quantidade de alunos de ambos os sexos cursando o Ensino Médio e os resultados obtidos no trabalho de Vedoato (2015), percebe-se que:

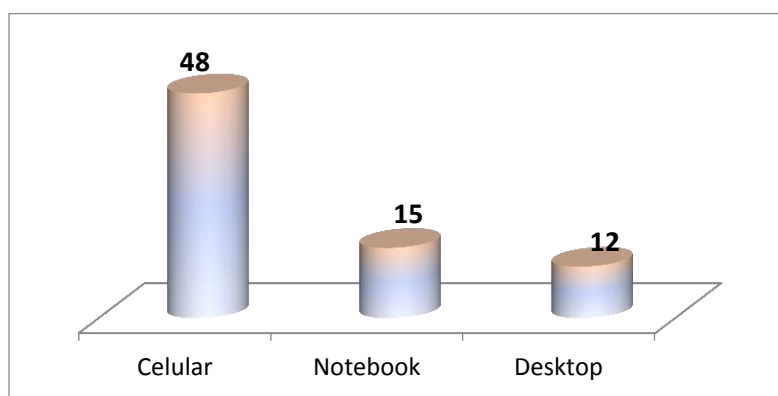
A distribuição da população brasileira, segundo sexo, indica 51,03% de mulheres e 48,97% de homens. [...] No caso das pessoas que não conseguem de modo algum ouvir, a maior ocorrência é de homens, com os dados, segundo sexo, indicam pouca variação. O que nos permite afirmar que a diferença entre o número de mulheres e homens, com deficiência ou surdos, no Brasil e no Paraná, é pouco significativa (VEDOATO, 2015, p.51-52).

Neste caso, ao refletir sobre os resultados alcançados neste estudo, se verificou que os motivos pelos quais se tem a mesma quantidade de surdos e surdas cursando este nível de ensino não diferem muito dos que a autora Vedoato (2015) avaliou em sua pesquisa em relação à questão de gênero da população de surdos do Brasil.

Entretanto, na segunda fase da pesquisa, no momento da realização das entrevistas semiestruturadas, os alunos surdos homens participaram em número maior em relação às alunas surdas, porque se constatou que os surdos do gênero masculino utilizavam mais as redes sociais e os aplicativos de interação do que as mulheres surdas, isto é, eles usavam as TIC com uma maior frequência de tempo do que as participantes do gênero feminino.

Ressalta-se que, além dessa etapa de identificar o perfil dos colaboradores, outra fase consistiu na realização da tabulação de dados quantitativos referentes ao uso das redes sociais e dos aplicativos de interação referentes às demais questões do questionário.

Gráfico 3 - Meios de acesso à Internet



Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 3, 48 respondentes tinham acesso à Internet, valendo-se, sobretudo, de seus telefones móveis para acessar redes sociais, ou seja, utilizam um aparelho portátil como facilitador de acesso às redes sociais e aos aplicativos, pois, em qualquer local ou momento do dia, se tem a possibilidade de navegar pela Internet e entrar nas redes sociais e nos aplicativos de interação fazendo uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Destaca-se ainda a informação fornecida no questionário de que, desses colaboradores, cerca de quinze surdos também acessam as redes sociais por meio de *notebook*, além de fazerem uso do telefone móvel. Desta maneira, observa-se que estes sujeitos podiam utilizar

outros equipamentos portáteis que podem ser levados a diferentes lugares, assim como o telefone móvel, como facilitadores para o acesso à *Internet*.

Entre os respondentes da pesquisa na primeira fase da entrega dos questionários, apenas 12 possuíam computador de mesa, segundo as informações coletadas. Isso leva a uma reflexão sobre o fato de que o acesso à *Internet*, às redes sociais digitais e ao aplicativo de interação, no dia a dia dos participantes desta pesquisa, se configurava basicamente pelo uso do celular (telefone móvel).

Em um segundo momento, buscou-se conhecer, a partir dos questionários, o perfil dos participantes da pesquisa enquanto usuários das redes sociais digitais e de aplicativos de interação. Assim, por meio de dados quantitativos, a princípio, procurou-se indicar para quais finalidades os alunos surdos utilizam as novas tecnologias da informação e comunicação.

Para isso, foram criadas tabelas e gráficos relacionados ao uso das TIC pelos colaboradores do estudo, bem como foram conhecidos os instrumentos de acesso à *Internet* por parte deles, dentre outros temas. Ou seja, de uma maneira mais ampla, buscou-se delinear o perfil dos participantes da pesquisa enquanto usuários das redes sociais digitais e de aplicativos de interação. Assim, por meio de dados quantitativos, a princípio, procurou-se indicar para quais finalidades os alunos surdos utilizam as novas tecnologias da informação e comunicação.

Deste modo, a informação observada nos resultados obtidos nos questionários trata do uso dos aplicativos e das redes sociais relacionado aos seguintes fins: procurar trabalho; comunicar-se com os familiares; comunicar-se com amigos surdos ou ouvintes; ter acesso a informações e notícias, entre outros. Os dados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1. Finalidade dos surdos de acessarem as redes sociais e os aplicativos

Motivos do uso e acesso a redes sociais:	Quantidades de surdos que usam as redes sociais
Conversar com os amigos surdos	51
Conversar com as pessoas da família	38
Conversar com os amigos ouvintes	35
Para ver e fazer vídeos	28
Para ver e ler notícias	22
Procurar trabalho	21
Para fazer pesquisas	21
Conhecer novas pessoas	21
Procurar namorado (a)	14
Para fazer compras	19
Para diversão/ jogos	16
Para pagar contas e usar <i>Internet Bank</i>	16

Para manter comunicação	17
Para ver mapas	17

Fonte: tabela elaborada pela autora da pesquisa.

Nessa tabela estão apresentados os dados referentes à questão número 8 do questionário: Para que você usa as redes sociais e a *Internet*?

A maioria dos participantes da pesquisa, 94,4% dos estudantes surdos, elencou como principal motivo de acesso à *Internet* o uso das redes sociais e aplicativos e a necessidade de conversar com seus amigos surdos. Além disso, 64,8% relataram utilizar as TIC para conversar com os amigos ouvintes.

Apesar de um número menor de colaboradores afirmar que faz uso das novas tecnologias digitais para este fim se comparado à quantidade de discentes surdos que relataram utilizar as redes sociais e aplicativos para conversar com os amigos surdos, 70,3% deles também indicaram utilizar estas TIC para conversar com seus familiares. Percebe-se, portanto, que o uso da *Internet* pelos colaboradores desta pesquisa está intrinsecamente ligado à interação social, pois se comunicam com outros sujeitos em Libras ou Língua Portuguesa neste contexto virtual.

Os dados confirmaram a problemática lançada no início deste estudo como objetivo específico, pois se acreditava que as redes sociais e os aplicativos poderiam contribuir para a inserção social do surdo e, observando os resultados deste estudo, se verifica que as novas tecnologias da informação e comunicação, de certo modo, colaboram para a inclusão social do surdo, ou seja, para estas pessoas se comunicarem tanto com amigos como com seus familiares.

As TIC propiciam facilidades de pesquisa, vasta quantidade de informações e meios de interação com outros usuários, favorecendo a colaboração, a cooperação, a aquisição e a construção de novos conhecimentos de maneira crítica e criativa (COSTA, 2005).

Por meio das respostas dos respondentes, verificou-se que o uso dos aplicativos e das redes sociais para os alunos surdos são para os mesmos fins que os ouvintes as utilizam. O uso mais comum foi para a comunicação, seja entre amigos surdos e ou ouvintes, seja com a família.

Sendo assim, toda e qualquer pessoa que entre em contato com a *Internet* identifica o universo de possibilidades sociointerativas que podem realizar. Os surdos já perceberam que acessar a Rede Mundial de Computadores e navegar e interagir em redes sociais e aplicativos

se tornou uma ferramenta necessária para sua interação interpessoal e para a sua comunicação.

Eles perceberam que essa tecnologia pode ser de grande valia nas relações socioculturais e se apropriam desse processo nos dias atuais. Isto porque a *Internet* possibilita às pessoas de diferentes – até mesmo de desconhecidos – espaços culturais estarem em contato, realizando o processo de troca de informações e de experiências por meio de uma língua de comunicação.

Por meio do questionário, foi possível verificar se a acessibilidade mencionada acima por Moreira (2012) aplica-se na amostra deste estudo, pois conforme veremos abaixo, os surdos utilizam a *Internet* e têm acesso às redes sociais e aplicativos de interação. Valendo-se de diferentes instrumentos, como telefone móvel, *notebook* e computador de mesa (*Desktop*).

Contudo, este dado foi verificado nas respostas dos colaboradores por meio dos resultados obtidos nos questionários, que mostra que os alunos surdos usavam diversos equipamentos para navegar na *Internet*, como demonstrado no Gráfico 4.

Quanto ao questionamento que se referia ao uso e acesso à *Internet*, dos 54 alunos respondentes, percebeu-se que 51 surdos afirmaram que sim, eles acessavam a *Internet* e somente três respondentes da pesquisa informaram não acessar a *Internet*. Assim, pode-se ponderar que 94,4% dos surdos participantes da pesquisa tinham a chance de entrar nas redes sociais e nos aplicativos de interação.

Mesmo não sendo este o foco principal deste trabalho de Bento e Cavalcante (2013), pois as autoras realizaram uma pesquisa com professores do Ensino Médio que relacionava o uso do celular como ferramenta pedagógica, não analisando somente os estudantes deste nível de ensino, como o presente estudo, no estudo das autoras verificou-se que:

A Internet é um meio em que todos têm para se comunicar com a outra pessoa, levando em consideração que o aparelho celular pode levar a qualquer lugar sem problema e se necessário fazer pesquisas em sala durante a aula sem precisar se locomover para outro espaço (BENTO e CAVALCANTE, 2013, p. 118).

As autoras Bento e Cavalcante (2013) ressaltaram a importância do uso do celular naquele contexto escolar para estabelecer comunicação interpessoal e também para a realização de pesquisas e pela facilidade de uso desse instrumento, que é portátil e pode ser utilizado tanto para realizar pesquisas na *Internet*, como para mandar e receber mensagens, um dos objetivos investigados no presente trabalho para averiguar como se dá a interação dos surdos quando mediada pelas novas tecnologias.

Segundo Periotto (2015, p. 91), “o homem comum se capacita e efetivamente usufrui de uma vasta gama de dispositivos e de recursos para execução de processos on-line, soluções de informação e serviços *real time* em sua vivência, nos diversos ambientes sociais”; Igualmente, pôde-se ponderar que, atualmente, as pessoas utilizam diariamente objetos com tecnologia necessária para navegar pela *Internet* e, assim, realizar várias operações com acesso facilitado às informações em tempo real, sejam esses indivíduos surdos ou ouvintes.

Nesse contexto, uma das problemáticas mensuradas no princípio da pesquisa atual, quando foram traçados os objetivos específicos, era a possibilidade de perceber se os alunos surdos adultos realmente tinham acesso e se utilizavam as novas tecnologias da informação e comunicação para se comunicar com as demais pessoas, para realizar pesquisas, procurar trabalho ou para trocar informações e conhecer novos amigos.

Muitas dessas possibilidades foram confirmadas a partir dos dados coletados por meio dos questionários com os resultados obtidos, porque se constatou que o acesso à *Internet*, na maioria das vezes, pôde colaborar para a inclusão social dos estudantes surdos pesquisados, pois eles usavam com regularidade as novas tecnologias da informação e comunicação para interagir e, assim, estabelecer diversas relações interpessoais, e faziam isso por meio da troca de mensagens de texto ou de vídeo, como poderá ser observado nas entrevistas semiestruturadas apresentadas na sequência deste estudo.

Outro levantamento realizado na análise dos questionários foi quais as redes sociais e aplicativos mais acessados pelos alunos surdos. Esses dados foram tabulados e são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 2 - Redes sociais e aplicativos de interação utilizados pelos surdos diariamente

Nomes de redes sociais e dos aplicativos	Quantidade de surdos que utilizam as redes sociais e aplicativos
<i>Facebook</i>	53
<i>WhatsApp</i>	53
<i>Instagram</i>	34
<i>Youtube</i>	32
<i>Imo</i>	31
E-mail	31
<i>HandTalk</i>	10
<i>Telegram</i>	7
<i>Twitter</i>	6
<i>ProDeaf</i>	5
<i>LinkedIn</i>	3

Fonte: tabela elaborada pela autora da pesquisa.

Observando-se a Tabela 1, a rede social mais usada pelos respondentes surdos foi o *Facebook* e o aplicativo mais utilizado foi o *WhatsApp*. Esses resultados vão ao encontro dos resultados encontrados por Moreira (2012) em sua pesquisa que demonstrou que, de quatro sujeitos de pesquisa, pelo menos um utilizava o *Facebook*, enquanto os demais utilizavam o MSN (atualmente, esse recurso se chama Messenger e está agregado à rede social *Facebook*).

Contudo, os respondentes da presente pesquisa usam as redes sociais e aplicativos conforme demonstra a Tabela 1, assim como os sujeitos da pesquisa de Moreira (2012), e isto possibilita refletir sobre a inserção social dos surdos mediada pelas TIC.

É possível verificar também que os 34 respondentes asseguraram que fazem uso do aplicativo *Instagram*, um *software* caracterizado pelo compartilhamento de fotos e que possibilita o envio de mensagens de texto agregadas às imagens.

Nessa perspectiva, Nóvoa (2009) descreve as mudanças que estão ocorrendo no contexto da educação devido ao uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, levando o docente a pensar sobre o trabalho em relação às novas tecnologias, entendendo-as como coadjuvantes no cotidiano escolar.

Para Nóvoa (2009),

[...] os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias (NÓVOA 2009, p. 14).

Esse autor ressalta, também, que há desafios relacionados à diversidade na educação e no ambiente escolar, inclusive em relação ao uso das novas tecnologias. Na sociedade atual, permeada pelo mundo virtual e pelas relações mediadas por computador, torna-se quase impossível lecionar ignorando a presença dos alunos com deficiência e não utilizando as tecnologias digitais, sem adentrar o mundo virtual, como também ressalta Lévy (1999, p. 47): “Filosoficamente, o virtual é obviamente uma dimensão importante da realidade”.

Do ponto de vista de Lévy (1999), a interação das pessoas com o mundo virtual por meio das novas tecnologias da comunicação e informação configura-se como parte proeminente do cotidiano atualmente. Por isso, os dados apresentados na presente pesquisa instigam o pensamento sobre como e para que os surdos utilizam as redes sociais e aplicativos.

A educação não se reduz à técnica, “(...) mas não se faz educação sem ela”. Utilizar computadores na educação, “em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem o usa, a favor de que e de quem e para quê”. O homem concreto deve se instrumentalizar com os recursos da ciência e da tecnologia para melhor lutar “pela causa de sua humanização e de sua libertação”. (FREIRE, 1995, apud SOUZA & GOMES, 2008).

A escrita tomou nova conotação e importância com o advento dos computadores e com as tecnologias de comunicação. O estabelecimento das relações sociais passa por “adaptação aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação, criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais” (RECUERO, 2011, p. 89).

Diante das descobertas em relação às redes sociais, buscou-se verificar para que os alunos surdos as utilizavam e as respostas foram as mais variadas, conforme tabela apresentada logo abaixo.

Percebe-se, portanto, que o uso da *Internet* pelos sujeitos desta pesquisa está intrinsecamente ligado à interação social, pois em Libras ou Língua Portuguesa, eles se comunicam com outros sujeitos no contexto virtual, como podemos observar ao analisar os resultados obtidos na seguinte pergunta do questionário:

Quantas horas por dia você entra e fica conversando nas redes sociais?

Neste caso, os colaboradores deste trabalho foram indagados sobre o período de acesso às TIC, por meio do acesso às redes sociais e, ao observar a tabela abaixo, verifica-se que:

Tabela 3 - Resultados referentes ao tempo de permanência acessando redes sociais

Tempo que permanece utilizando as redes sociais diariamente	Quantidade de surdos que utilizam as redes sociais e aplicativos
1 a 3 horas	32
3 a 4 horas	5
5 a 6 horas	3
7 a 8 horas	5
Fica on-line o dia todo	9
Não entra em redes sociais	0

Fonte: tabela elaborada pela autora da pesquisa.

Ao avaliar os dados explicitados na tabela, percebemos que ao menos 59,25% dos colaboradores deste trabalho permaneciam entre 1 a 3 horas por dia acessando as redes sociais.

Considerando-se que a comunicação do sujeito surdo se dá diversas vezes por meios visuais, encontrar meios (como as redes sociais) que ampliem as possibilidades comunicativas dos surdos é muito significativo. Assim, ponderamos aqui a relevância do acesso a essas TIC, cotidianamente, pelos sujeitos surdos, como instrumentos de comunicação, de aprendizagem pela troca de informações e pelo diálogo como forma viável de se estabelecer a comunicação (STUMPF, 2010).

Além disso, observa-se que os surdos conseguem comunicar-se da mesma forma que qualquer ouvinte por meio das tecnologias, superando também barreiras de tempo e espaço, com apoio da *Internet*. Por outro lado, parece fazer ainda mais sentido, para os surdos, o uso das tecnologias como meio de exercício da cidadania, uma vez que, historicamente, sem esses recursos, grande parte dos surdos vivia em isolamento.

Enquanto a maioria dos ouvintes já utilizava o telefone, por exemplo, os surdos ainda não podiam usufruir desse recurso e dependiam de correio, ou do acesso presencial às informações, sempre contando com a ajuda de uma terceira pessoa. Da mesma forma que as tecnologias agilizaram processos para a sociedade em geral, para os surdos propiciaram formas de comunicação que fizeram toda a diferença em sua vida social e profissional.

O surdo, que durante décadas se manteve afastado potencialmente do papel de comunicador, mantendo por anos o título de surdo-mudo, agora encontra nas redes sociais o alicerce para estabelecer comunicação em espaços inimagináveis, ganhando proporções antes não pensadas. Fazer parte desse mundo significa para o surdo, não só apreender o poder de se comunicar ou de se socializar com pessoas dos mais variados locais, mas e principalmente mostrar que ele é igual, capaz (VIANA E LIMA, 2016, p.14).

A pesquisa também possibilitou verificar que o uso das redes sociais e dos aplicativos de interação pode auxiliar as pessoas surdas a perceber a função social da escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, pois, através das redes sociais, o surdo pode usar o português escrito como sua segunda língua, nas suas trocas interativas.

Moreira (2012) nos ressaltou em sua pesquisa que:

Os novos meios eletrônicos de comunicação não estão assentados apenas em novas tecnologias, mas principalmente em um novo modo de pensar e viver, em uma nova

sensibilidade, possibilitando o resgate da escrita e da leitura reflexiva e intelectualizada no cotidiano das novas gerações (MOREIRA, 2012, p. 82).

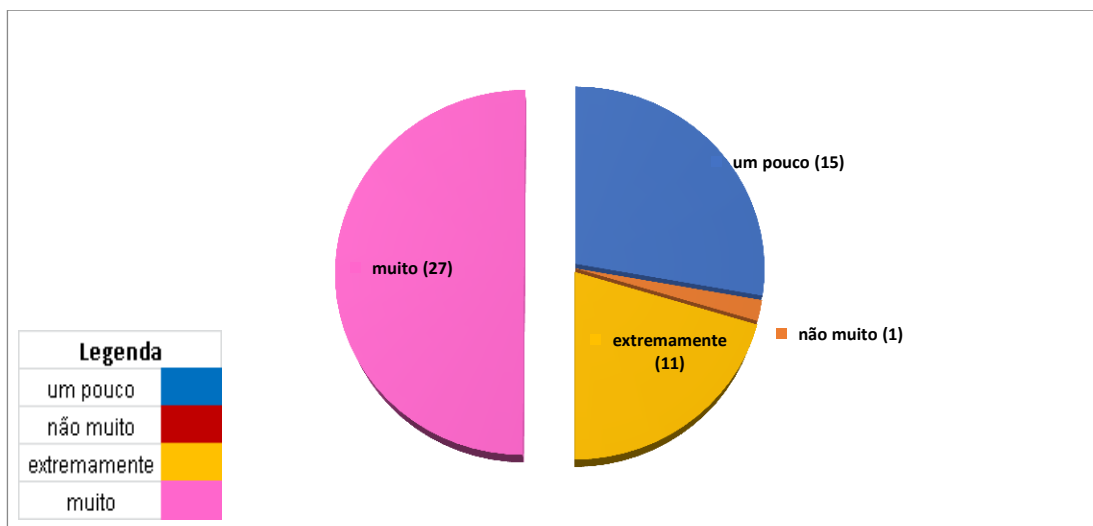
Atualmente, os surdos utilizam a Língua Portuguesa como uma das ferramentas de comunicação nas redes sociais e aplicativos de interação.

Considerando que a comunicação do sujeito surdo se dá apenas por meios visuais, encontrar meios que ampliem suas possibilidades comunicativas é muito importante. Assim, é ponderada a relevância do acesso a essas TIC, cotidianamente, pelos sujeitos surdos, como instrumentos de comunicação e de aprendizagem pela troca de informações e pelo diálogo. Isso porque essa ligação promove a mediação entre o indivíduo e o mundo, tornando-o capaz de aprender e interagir com os outros.

Pergunta da parte II: Para você, usar a *Internet* e as redes sociais é: extremamente importante, muito importante, um pouco importante, não muito importante e sem importância.

A pergunta do questionário referia-se ao grau de importância que os respondentes dão para o uso de redes sociais e da *Internet*. Verificou-se que 50% dos sujeitos pesquisados acreditam que o uso da TIC é muito importante para eles, como se observa no Gráfico 4:

Gráfico 4. Nível de importância de se utilizar a *Internet* e as Redes Sociais



Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

A importância dada às redes sociais mostra a necessidade que estes sujeitos têm de se manterem conectados e de se comunicar. Devemos destacar que a falta de comunicação oral

prejudica sensivelmente o aprendizado, assim como a aplicação de metodologias que não condizem com a atual realidade sociocultural desses alunos (SOUZA, 2008).

A tecnologia é essencial na interação dos seres humanos e no processo de comunicação e inclusão social dos portadores de deficiência auditiva. Ela tornou-se uma ferramenta fundamental, estando cada vez mais integrada ao processo de ensino e de aprendizado, renovando as práticas educativas e vencendo as limitações desses sujeitos.

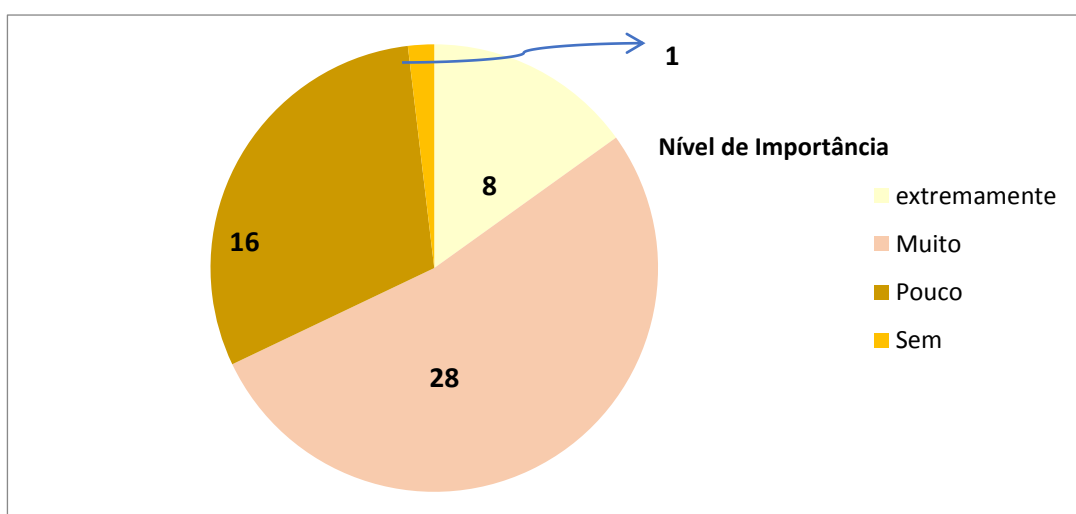
As barreiras ligadas à autonomia, ao acesso ao mundo, à independência e às novas possibilidades de interação têm mudado significativamente as oportunidades de vida e de trabalho dessas pessoas. No entanto, mais do que prover acessibilidade, as tecnologias digitais podem atuar para potencializar a capacidade de comunicação e aprendizado dos portadores com deficiência auditiva (VALENTINI, 2006).

Pergunta da parte II: Com o uso da *Internet* e o acesso às redes sociais, a sua comunicação com as pessoas melhorou?

Por meio das questões da entrevista semiestruturada, procurou-se investigar se, com o advento da *Internet*, a comunicação dos sujeitos da pesquisa melhorou em relação às pessoas de modo geral.

As respostas foram divididas em quatro níveis diferentes de importância e podiam variar entre extremamente importante e sem importância, conforme o Gráfico 5.

Gráfico 5: Nível de importância de se utilizar a *Internet* e as Redes Sociais



Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

Por meio dos dados, conseguiu-se avaliar a importância que a comunicação através das TIC tem no dia a dia dos sujeitos da pesquisa. A pesquisa foi feita com 54 sujeitos surdos e 28 destes atribuíram relevância significativa à importância dada ao uso das redes sociais e aplicativos, porque afirmaram ser extremamente importante a utilização destas tecnologias digitais de informação e comunicação, de acordo com as opções de resposta do questionário.

A pesquisa de Arcoverde (2006) alertou sobre a relevância da escrita para os surdos com o apoio e uso das novas tecnologias digitais, pois:

Os recursos das novas tecnologias digitais podem, portanto, ser utilizados como instrumentos no processo de apropriação da linguagem escrita em Língua Portuguesa. Essas tecnologias, ao abrirem possibilidades também para novas construções, constituem-se num espaço de apropriação cada vez mais explorado (ARCOVERDE, 2006, p. 255).

Contudo, ao se avaliar e analisar os resultados obtidos no presente estudo em relação ao nível de importância que os estudantes surdos conferiam ao uso da escrita nas redes sociais e ao se comparar com o que Arcoverde (2006) conotou referente à possibilidade do espaço virtual se configurar como um local apropriado para estes sujeitos adquirirem a Língua Portuguesa escrita como ferramenta de comunicação, também foi verificada a seguinte questão do instrumento de coleta de dados utilizado neste trabalho.

Pergunta da parte II: Na sua opinião, o quanto é importante mandar e receber mensagens escritas em Língua Portuguesa, nos aplicativos de interação como: *WhatsApp*, *Telegram*, *SMS*, *Twitter*, *Instagram* e do *Messenger* do *Facebook*?

Segundo ao IBGE (2000), cerca de 170 mil pessoas se declararam surdas e apenas 15% se declararam entendedoras da Língua Portuguesa. Essa porcentagem representa a minoria, pois o conhecimento da língua oficial do país e o decorrente domínio da escrita não ocorrem de maneira natural para as pessoas surdas, pois estes sujeitos utilizam a Língua de Sinais nas interações interpessoais, sendo a Língua Portuguesa uma segunda língua para eles.

Para os surdos, o uso destas tecnologias é um novo fator que possibilita sua inclusão em muitas atividades de vida diária, como comunicar-se por meio da escrita no telefone móvel, ou por meio de chamadas de vídeo no aparelho celular, que antes não estavam ao seu alcance. Portanto, este estudo pesquisou o quanto é importante mandar e receber mensagens escritas em Língua Portuguesa nos aplicativos de interação social utilizados pelos sujeitos surdos. As respostas encaminhadas pelos sujeitos pesquisados estão referenciadas na Tabela 4.

Tabela 4: Importância do envio de mensagens escritas pelos sujeitos surdos

Níveis de importância	Número de alunos
Extremamente importante	14
Muito importante	22
Um pouco importante	17
Não muito importante	1

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora.

Os respondentes citaram que, apesar de apresentarem dificuldades na escrita da Língua Portuguesa, para que as barreiras sejam derrubadas é necessário interagir com os demais sujeitos, pois mesmo não tendo domínio do português na modalidade escrita, 14 sujeitos indicaram que isso é extremamente importante, enquanto 22 relataram ser muito importante se comunicar por meio de troca de mensagens escritas. Isso representa 66, 6% dos colaboradores desta pesquisa, o que indica um elevado nível de importância no estabelecimento de comunicação por meio da escrita em redes sociais e aplicativos de interação.

Ao avaliar as respostas dos alunos surdos, se percebe que apenas um dos participantes deste estudo relatou que mensagens escritas não têm um nível de importância impactante em sua comunicação nas redes sociais e aplicativos. Portanto, pondera-se que escrever e ler mensagens por meio das TIC revela-se ser um meio de comunicação utilizado cotidianamente pelos estudantes surdos.

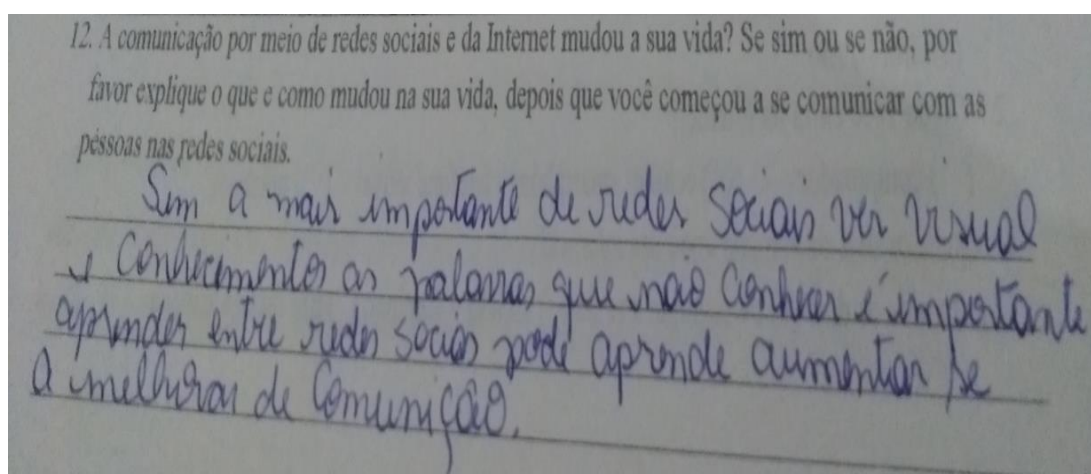
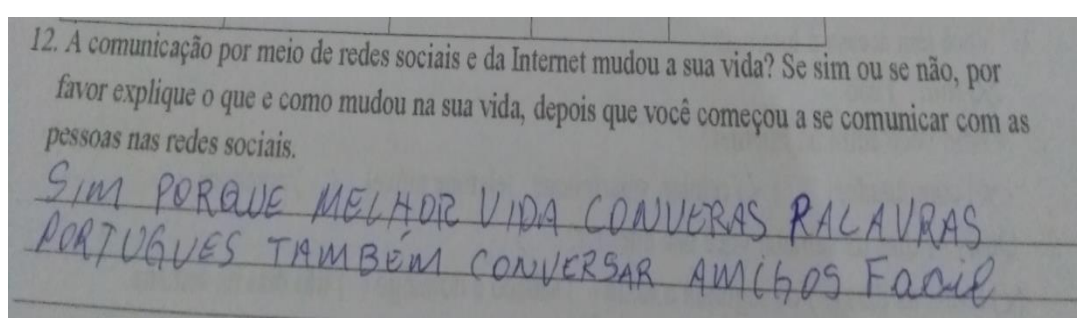
Assim como na pesquisa de Melo & Gomes (2013), verificou-se que "no que tange ao apontamento de pesquisa em voga, sendo em sua maioria preocupados com [...] dificuldades de socialização com ouvintes, estabelecidas pelo não domínio da língua escrita portuguesa pelos surdos" (MELO & GOMES, 2013, p.1085). Ou seja, as pesquisas desenvolvidas em países onde se fala Língua Portuguesa destacadas pelos autores indicavam a grande preocupação dos pesquisadores em saber sobre as dificuldades dos surdos em se comunicar com os ouvintes por meio da Língua Portuguesa. Porém, no presente estudo, averiguou-se que os colaboradores deste estudo consideram a escrita de mensagens um meio significativo de comunicação com as pessoas e atribuem a este um nível de importância considerável.

Desta forma, foi verificado que o uso das redes sociais e dos aplicativos de interação também pode auxiliar as pessoas surdas a perceber a função social da escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita.

Para a conclusão do estudo utilizando o questionário para coleta de dados, solicitou-se aos sujeitos pesquisados que respondessem por escrito à seguinte pergunta, como uma questão aberta:

A comunicação por meio de redes sociais e da *Internet* mudou a sua vida? Se sim ou se não, por favor, explique o que e como mudou na sua vida depois que você começou a se comunicar com as pessoas nas redes sociais.

Por meio das respostas entregues, notou-se que os colaboradores da pesquisa não se limitaram a respostas curtas e rápidas, denotando a possibilidade da apropriação da língua escrita por meio da comunicação nas redes sociais, como se observa nas imagens a seguir:



Fonte: fotos de parte dos questionários tiradas pela pesquisadora, em 2016.

Ao ler e analisar as respostas dadas por alguns colaboradores deste estudo, é possível averiguar que há um nível de importância significativo do uso das redes sociais para estas pessoas se comunicarem por meio da modalidade escrita da Língua Portuguesa e, segundo eles, há melhoria na comunicação ao utilizar esta forma de diálogo com troca de mensagens de texto, valendo-se das novas tecnologias digitais.

Moreira (2012) ressaltou em sua pesquisa que:

Os novos meios eletrônicos de comunicação não estão assentados apenas em novas tecnologias, mas principalmente em um novo modo de pensar e viver, em uma nova sensibilidade, possibilitando o resgate da escrita e da leitura reflexiva e intelectualizada no cotidiano das novas gerações (MOREIRA, 2012, p. 82).

Os colaboradores do presente estudo usavam as redes sociais e aplicativos conforme os sujeitos da pesquisa de Moreira (2012), porque em ambos os trabalhos os resultados denotam que a utilização das TIC, de certo modo, colabora para o aprendizado da segunda língua, o português. Isto possibilita a reflexão sobre a inserção social dos surdos, ou seja, se as mudanças na comunicação mediadas pelas TIC favorecem a inclusão social destas pessoas também por meio da modalidade escrita da língua oficial do país.

Percebe-se, portanto, que o uso da *Internet* pelos colaboradores desta pesquisa está intrinsecamente ligado à interação social, pois tanto em Libras quanto na Língua Portuguesa eles se comunicam com outros sujeitos neste contexto virtual. Por isso, os dados confirmaram a problemática lançada no início deste estudo como objetivo específico, pois se acreditava que as redes sociais e os aplicativos poderiam contribuir para a inclusão social do surdo e, observando os resultados deste estudo, verificou-se que as novas tecnologias da informação e comunicação contribuíram para esta inserção social destes sujeitos.

Entretanto, também houve a possibilidade de verificar que o uso das redes sociais e dos aplicativos de interação também pode auxiliar as pessoas surdas a perceber a função social da escrita da Língua Portuguesa como segunda língua.

Destaca-se que, dentre os 54 colaboradores, apenas um sujeito surdo recusou-se a responder a essa questão do estudo, segundo ele por apresentar dificuldades na redação na Língua Portuguesa. Apesar de a pesquisadora ter se proposto a auxiliá-lo como escriba, no intuito de não impor barreiras limitantes que já foram mencionadas e discutidas neste trabalho e em muitos outros a respeito dos sujeitos surdos, ele recusou-se a responder a esta questão dissertativa.

Desta forma, obteve-se o resultado final a partir de 53 respondentes que afirmaram que houve uma grande transformação quanto à comunicação em suas vidas após a interação com as pessoas mediada pelas redes sociais.

Como esta era uma questão aberta, os respondentes tiveram espaço para diversos comentários em relação à quebra de barreira que as redes lhes impõem, desde fazer pesquisas e participarem de fóruns em diversos assuntos, até compras que antes requeriam um adulto acompanhante que pudesse intermediar a comunicação com o vendedor e atualmente são

feitas on-line. A autonomia em decidir e direcionar suas preferências na busca por assuntos de seu interesse também foi citada como ponto positivo, pois antes da TIC os sujeitos surdos estavam condicionados a esperar por ajuda. Houve ainda o relato de que a TIC deu a eles a oportunidade de acessar vídeos e textos que antes eram inacessíveis.

Ao analisar e refletir sobre a afirmação positiva dos colaboradores desta pesquisa sobre o impacto da modificação expressiva na comunicação em suas vidas, se recorre à pesquisa de Bento (2016), que salienta a necessidade do respeito ao processo de educação informal que pode acontecer no uso das novas tecnologias de informação e comunicação, ou seja, muitas vezes essa educação informal adquirida a partir do uso das TIC traz aos seus usuários a possibilidade de aprender e de se apropriar de informações e de conhecimentos, mesmo não estando no contexto escolar, *lócus* da educação formal.

Nas entrevistas semiestruturadas, como será visto adiante, ficou evidente que o uso dessas tecnologias funciona no empoderamento do sujeito surdo que, comunicando-se com mais facilidade, se apropria também com mais facilidade da Libras e também da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Isso porque, nos meios de comunicação digital, os colaboradores da pesquisa conseguiram expressar seus pensamentos, anseios e ideias por meio de vídeos ou em textos digitados nas mensagens instantâneas, como informaram os participantes da pesquisa nas entrevistas e na última questão do questionário, que era aberta e os indagava sobre a comunicação realizada por meio de redes sociais e se isso havia mudado algo em suas vidas.

Essas informações, tratadas de modo quantitativo, foram importantes para a compreensão de como os surdos se relacionam com essas tecnologias e que valores atribuem a essas elas em suas vidas.

4.2 Resultados obtidos por meio das entrevistas

Nesta seção, foram descritos e apresentados os dados alcançados por meio das entrevistas realizadas com os 17 sujeitos desta pesquisa e que participaram das duas etapas propostas na metodologia deste trabalho, ou seja, responderam a um questionário e realizaram uma entrevista semiestruturada.

Nesta fase do trabalho foi exposto o perfil de uma amostra de 17 alunos surdos que participaram de todas as etapas da pesquisa. A amostra inicial de 54 alunos surdos que responderam ao questionário não se mostrou disponível a dar continuidade a esta fase do

trabalho de pesquisa e, desta forma, as entrevistas semiestruturadas foram feitas com apenas 17 desses 54 alunos.

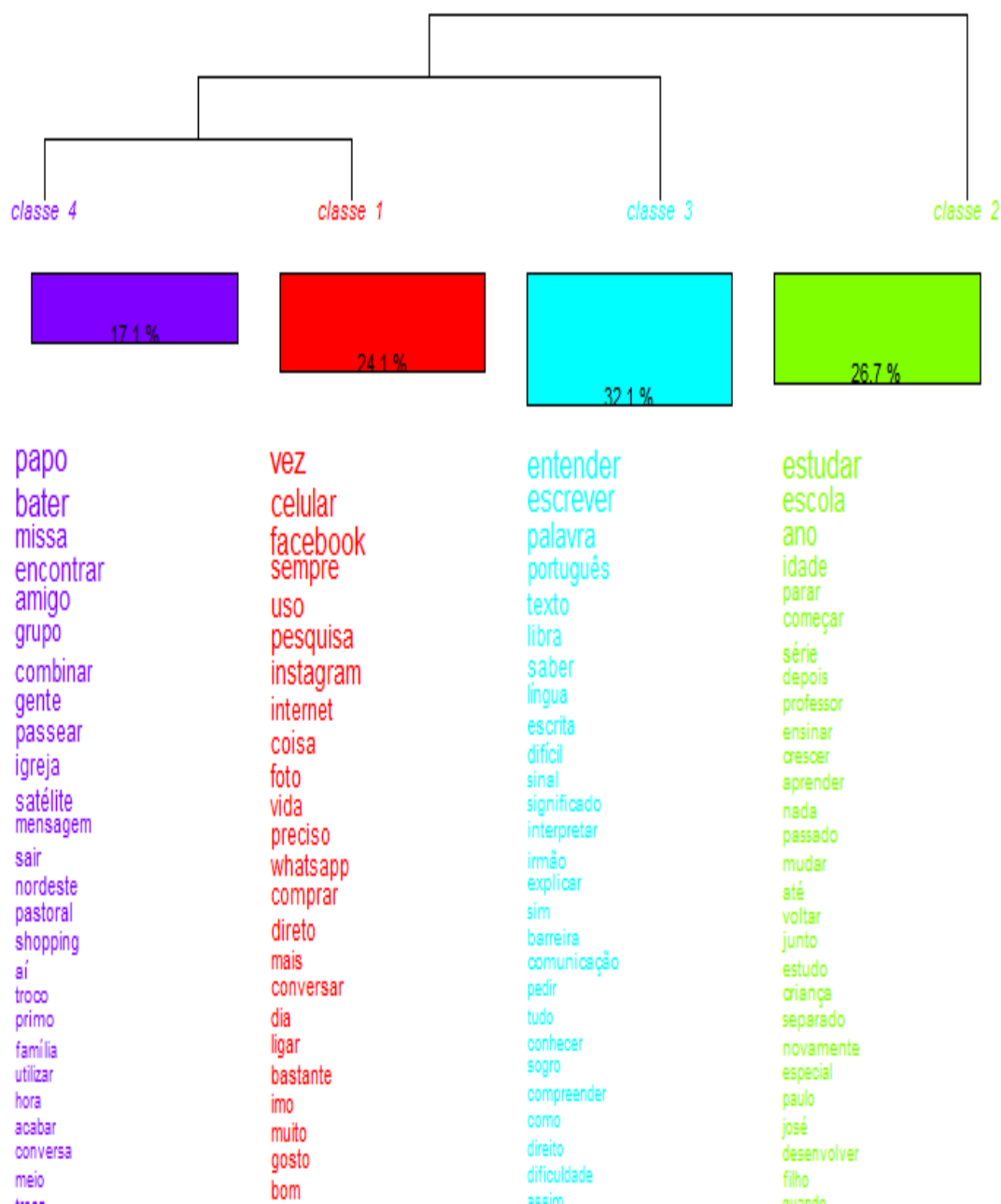
Depois de realizadas as entrevistas com estes 17 colaboradores da pesquisa, como explicado na metodologia do presente estudo, a pesquisadora utilizou um software para organizar os resultados obtidos. Os dados foram selecionados e, a partir deles, o programa *Iramuteq* gerou Classes de Palavras.

Faz-se necessário citar que, ao constituir uma Classe de Palavras, o *Iramuteq* deixa de utilizar as palavras que constituem essa classe em outras classes, pois esse software parte do princípio de que essas palavras se aproximam somente entre si e não de outras palavras de outras classes.

O software também sistematiza algumas Classes de Palavras que se aproximam ou se distanciam e o relatório gerado visualmente mostra a relação entre as Classes de Palavras, colaborando para dirimir essa questão.

Como podemos ver na figura abaixo, o Dendograma em forma de lista de palavras destaca o termo mais recorrente por estar escrito no centro da nuvem, com letras com fonte maior que as demais palavras.

Figura 2. Dendogramas das Classes de Palavras, em forma de listas de palavras



Fonte: *Iramuteq* utilizado em 22 maio de 2017.

A figura apresentada acima indica que o *Iramuteq* organizou as palavras mais recorrentes em quatro Classes de Palavras distintas. Assim, verificou-se que a Classe 3 foi a que apresentou maior número de termos repetidos nas entrevistas, sendo responsável por 32% deles, o que corresponde a 1% do total dos vocábulos sinalizados pelos colaboradores deste estudo.

Desta forma, cada Classe de Palavras desencadeou um tema ou eixo para ser base da reflexão e da análise relativas à lista de termos mais repetidos por cada colaborador deste estudo.

Destaca-se que, na pesquisa, há a necessidade de esmiuçar os dados coletados, comparando-os, separando-os e selecionando-os de acordo com os resultados alcançados e os objetivos pretendidos. A cada dado interpretado, o pesquisador chega a um conceito diferente, uma nova descoberta que lhe permite responder a questionamentos, propondo novos desafios.

Segundo Doni (2004), o Dendrograma procura priorizar as similaridades entre grupos de termos, diminuindo, assim, a capacidade de discriminar grupos.

É preciso ressaltar que, no Dendrograma acima, a Classe 4 e a Classe 1 têm características similares, ou seja, de certo modo observou-se uma proximidade em seus termos, porque ambas as Classes de Palavras têm vocabulário relacionado ao uso das redes sociais e da *Internet*, de tal modo que esses termos demonstraram como e para que os surdos utilizam as novas tecnologias digitais da informação e comunicação.

Essas classes representam a importância desses meios de comunicação para o cotidiano dos participantes da pesquisa. A disposição visual também dá indícios em relação a essa importância, pois classes estão ligadas diretamente por uma chave e por estarem localizadas na área à esquerda do Dendrograma. Dessas classes se derivam as demais classes.

Não obstante, verificou-se que a Classe 3 e a Classe 2 estão interligadas, porém derivam das classes 4 e 1. Seus termos estão relacionados à educação formal. Entretanto, por estarem na extremidade direita do Dendrograma, não significa que estejam dissociadas, pois têm a mesma origem.

Outro aspecto importante a ser enfatizado é o fato de que, ao considerar o Dendrograma gerado pelo *Iramuteq*, também é possível verificar que os termos mais repetidos pelos surdos nas entrevistas estão em cada Classe de Palavras no início e são exibidos em forma de lista. Os primeiros léxicos são escritos em fonte maior e vão diminuindo, na medida em que vão ficando no fim da lista.

De tal modo, pode-se concluir que os termos do começo da lista representam os sinais de Libras traduzidos para a Língua Portuguesa que mais apareceram nos discursos dos entrevistados. E, por isso, estão dispostos no começo da lista. Logo, são escritos em fonte de tamanho grande. Já os termos que representam os sinais de Libras que foram menos usados pelos entrevistados são escritos em fonte menor e se encontram no final da lista de palavras.

4.3 Análise e discussão dos resultados das entrevistas

Na lista de termos da Classe 1, por exemplo, naturalmente se nota que os vocábulos *vez*, *celular*, *Facebook* e *sempre*, as quatro primeiras palavras da Classe, estão grafadas em fonte maior do que as duas últimas: *gosto* e *bom*. Percebe-se que essa Classe de Palavras designa a frequência e os instrumentos para acessar a *Internet*: o *Facebook* e o *WhatsApp* caracterizam-se como as redes sociais mais acessadas e o celular como o meio de comunicação mais utilizado pelos surdos para a troca de mensagens.

Sendo assim, na apreciação, na reflexão, na discussão e na análise dos dados que se desenvolvem nesta pesquisa, optou-se por reconhecer os léxicos mais utilizados pelos surdos. Esses constituíram os temas de cada uma das Classes de Palavras geradas no software *Iramuteq*.

Contudo, como se pode verificar nos discursos dos participantes da pesquisa, os surdos fazem uso do celular para mandar mensagens, como um meio de comunicação com as demais pessoas. E pode-se observar isso no discurso de vários entrevistados:

1D Sim, eu uso *WhatsApp*, *Facebook*, *Skype*, *Imo* também, tenho usado atualmente, mas antes eu não sabia como usar, para mim era novo, minha irmã me mostrou o *WhatsApp*, depois o *Imo*, mas o *Facebook* eu já usava faz tempo, já sabia. Eu uso mais *WhatsApp* e o *Facebook*, sempre.

6G Tenho comunicação no *Facebook*. Eu tenho *Facebook* tem *WhatsApp*. Eu uso a *Internet* porque eu quero por exemplo mandar uma mensagem para mãe eu não consigo falar no celular e falar para ela onde eu estou aí eu mando mensagens e pronto ela consegue entender.

14I Eu sempre vejo o *Facebook* para ler as mensagens, no *Imo* para fazer sinais de Libras e conversar com surdos, isso é muito importante.

No conteúdo das entrevistas descritas acima, pode-se constatar e confirmar algumas das hipóteses levantadas no início do estudo, mais especificamente nos objetivos específicos desta pesquisa, pois também dois dos questionamentos iniciais estão explicitados no problema: Quais as redes sociais mais utilizadas pelos sujeitos dessa pesquisa? Para que fins utilizam as redes sociais e a *Internet*?

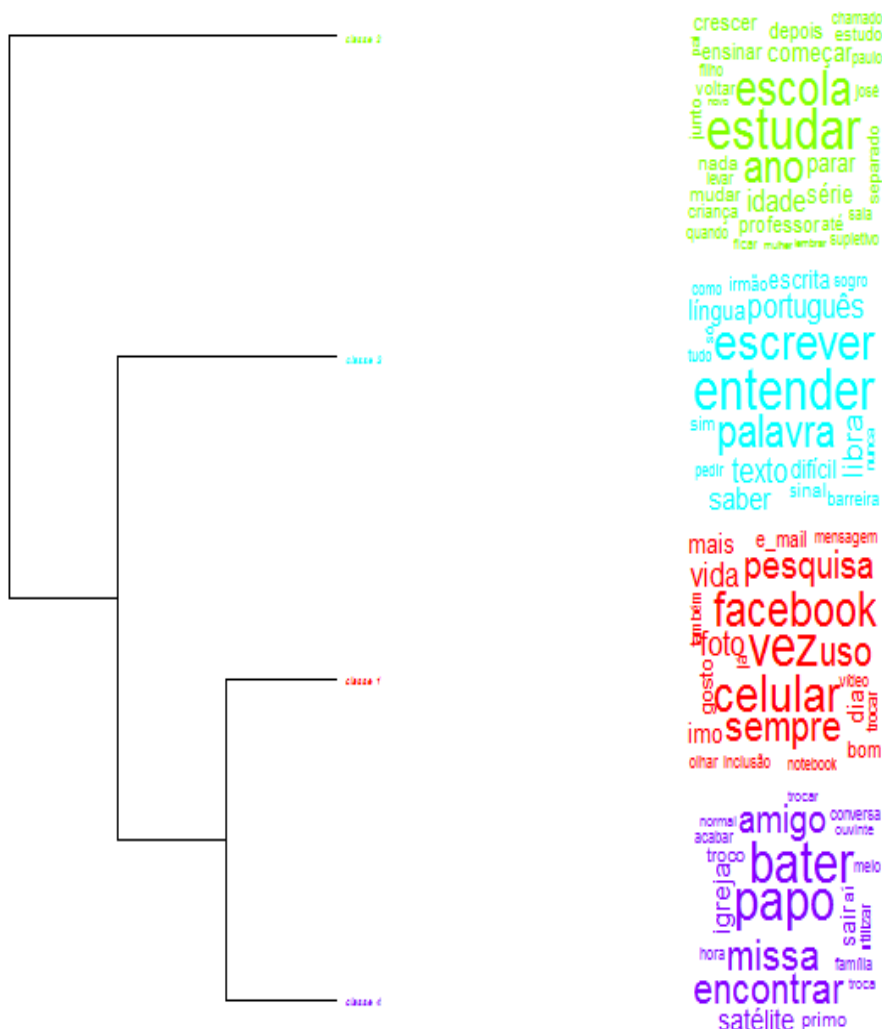
No caso, o *Facebook* foi a rede social mais acessada pelos surdos colaboradores da pesquisa e o aplicativo mais utilizado foi o *WhatsApp*, como indicado no extrato do discurso do participante abaixo:

8A Eu gosto muito de *Internet*, eu uso *Facebook* para conversar com os amigos, mas o que eu gosto mais a *Internet* é usar o *WhatsApp* e o *Instagram* eu uso pouco.

O sujeito 8A afirma utilizar a rede social *Facebook* para conversar com os amigos, ou seja, estabelecer diálogo por meio de troca de mensagens, e também fazia uso do aplicativo *WhatsApp*. Dessa maneira, é possível refletir sobre a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação como meios eficazes para relacionar-se com as pessoas e comunicar-se, mesmo a distância.

Como podemos ver na figura abaixo, o Dendograma em forma de nuvens de palavras destaca o termo mais recorrente por estar escrito no centro da nuvem, com letras com fonte maior que as demais palavras.

Figura3 _ Dendograma em Forma de Nuvem de Palavras



Fonte: *Iramuteq* utilizado em 22 maio de 2017.

Destaca-se, na Classe de Palavras número 1, o termo *Facebook*, o que demonstra que esta foi a rede social mais acessada pelos sujeitos deste trabalho, também o termo Celular como o instrumento tecnológico mais utilizado por eles para navegar na *Internet* e entrar em redes sociais e aplicativos de interação.

Nessa perspectiva, relembramos os resultados apontados nos questionários que já indicavam o celular como principal meio de acesso à *Internet* e às redes sociais e outros aplicativos de interação.

Assim, cada Classe de Palavras será analisada e discutida para que se compreenda melhor quais as ideias que os surdos adultos participantes desta pesquisa têm sobre as novas tecnologias da informação e comunicação, mais especificamente a comunicação mediada por redes sociais e aplicativos. Desta forma, cada Classe de Palavras desencadeou um tema, com uma questão, que gerou um eixo para ser a base da reflexão e da análise referente à lista de palavras mais recorrentes das entrevistas semiestruturadas realizadas, como é possível verificar no quadro a seguir.

Quadro 4. Temas e subtemas ponderados a partir das Classes de palavras

<i>Classes de Palavras</i>	<i>Temas</i>	<i>Subtemas</i>
<i>Classe 1</i>	A relação dos surdos com as novas Tecnologias da Comunicação e Informação	<ul style="list-style-type: none"> · Para que fins os surdos usam as redes sociais e aplicativos? · Quais os instrumentos utilizados para acessar à <i>Internet</i>?
<i>Classe 2</i>	Marcas que a Escola deixou na vida dos surdos	<ul style="list-style-type: none"> · Qual o papel da escola como mediadora do conhecimento na história da educação dos surdos? · Inclusão escolar versus integração escolar.
<i>Classe 3</i>	A construção do letramento no diálogo entre Libras e Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> · Como o acesso a redes sociais e a troca de mensagens de textos em aplicativos, por surdos adultos da Rede Estadual, pode colaborar para o uso da Língua Portuguesa na modalidade escrita?

Classe 4	A Comunicação à distância entre surdos e as demais pessoas	<ul style="list-style-type: none"> · Comunicação à distância entre surdos e as demais pessoas. · O uso das redes sociais contribui para a socialização dos alunos surdos?
----------	--	---

Fonte: quadro gerado pela pesquisadora.

Essas quatro Classes de Palavras são analisadas e discutidas de forma mais aprofundada na seção seguinte. Procurou-se, mais do que apontar os resultados, analisar os dados obtidos tanto nas respostas dos questionários como no *corpus* textual gerado a partir das entrevistas semiestruturadas.

Os resultados obtidos e verificados no corpus textual gerado através da coleta de dados nas entrevistas foram apresentados na seção acima. Toda “discussão gira em torno de pontos a serem interpretados sobre esses fatos” (SWALES e FEAK, 2004, p. 269). Por isso, nesta seção, buscou-se refletir sobre os dados alcançados, relacionando-os a pesquisas pré-existentes nesta área, como também se referendam novas descobertas adquiridas por meio desta pesquisa.

Na pesquisa, há a necessidade de esmiuçar os dados coletados, comparando-os, separando-os e selecionando-os, de acordo com os resultados alcançados e os objetivos pretendidos. A cada dado interpretado o pesquisador chega a um conceito diferente, uma nova descoberta que lhe permite responder a questionamentos, propondo novos desafios.

4.3.1 A relação dos surdos com as novas tecnologias da informação e comunicação

Observaram-se os dados dos questionários e das entrevistas semiestruturadas para realizar a análise e a discussão baseadas na abordagem qualitativa, por meio da Classe de Palavras 1, mais especificamente da questão sobre os motivos pelos quais os surdos navegam pela *Internet* e acessam as redes sociais e os aplicativos.

Ao refletir-se sobre os dados expressos na tabela, que se refere aos fins pelos quais os sujeitos usam as novas tecnologias da comunicação e da informação, constatou-se que os surdos, em primeiro lugar, acessam as redes sociais para conversar com os amigos surdos e, em segundo lugar, com seus familiares.

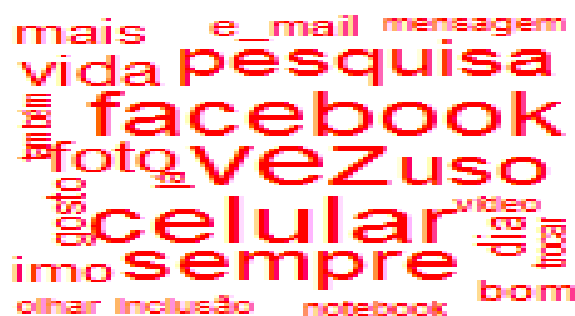
Nas entrevistas, podem-se levantar outros questionamentos e, principalmente, confirmar os objetivos levantados no início desta pesquisa, a princípio como hipóteses, mas

que se confirmaram, porque nos resultados alcançados percebeu-se que os surdos usam as redes sociais e os aplicativos para estabelecer comunicação à distância.

Segundo Stumpf (2006), "as novas tecnologias revolucionam o mundo das comunicações e podem fazer com que ele seja mais acolhedor para os surdos", isso porque essas novas tecnologias da informação e comunicação são visuais e também graças à rapidez e à facilidade de acesso a essas tecnologias nos dias atuais. Mas, por que e para que os surdos utilizam as redes sociais e os aplicativos de interação?

A primeira Classe de Palavras gerada pelo *Iramuteq* recebeu o nome de Classe 1 e apontou palavras recorrentes em 24,1% dos discursos dos surdos nas entrevistas. Esse valor de incidência de termos representa cerca de ¼ de todas as entrevistas realizadas (a Classe 2 representa 26,7%, a Classe 3 representa 32,1% e a Classe 4 representa 17,1%), o que demonstra que esses temas são considerados expressivos para os participantes desta pesquisa.

Como se pode observar nas duas seções descritas anteriormente, tanto na apresentação de dados dos questionários, como na apresentação dos resultados obtidos por meio dos dados coletados nas entrevistas, os surdos utilizam a *Internet* e acessam as redes sociais e os aplicativos para se comunicarem com as demais pessoas, na grande maioria das vezes, conforme aparece na Nuvem de Palavras gerada pelo *Iramuteq* como parte do relatório do método Reinert, a partir da Classe de Palavras 1, que está exposta abaixo:



Fonte: Nuvem de Palavras criada pelo software *Iramuteq* em 2017.

Verifica-se que as palavras em destaque na Nuvem de Palavras remetem ao aparelho celular, o principal meio de acesso à *Internet*, como também se observa no gráfico os objetos mais utilizados pelos surdos para navegar na *Internet* e acessar as redes sociais. Também é possível observar que o uso do celular é realizado regularmente por causa do vocábulo *sempre*, que está logo abaixo do termo celular.

Desse modo, como exposto na pesquisa de Moreira (2012), realizada com 4 surdos em uma escola estadual de Campos de Goytacazes, é possível dizer que:

A cada instante, amplia-se o processo de interconexão das informações, da máquina e dos homens, processo que repercute na atividade econômica, política e cultural, influenciando a vida em sociedade. Este novo paradigma requer, consequentemente, uma nova forma de construir o conhecimento, que deve estar voltado preferencialmente para o que acontece no mundo hoje, agora, e esta possibilidade de ciberespaço pode fornecer com grande propriedade, já que oferece uma gama de dados que podem ser acessados, de forma autônoma, em aparelhos eletrônicos presentes em casa, no trabalho, na escola, na igreja e nos locais de lazer (MOREIRA, 2012, p. 58).

A autora já explicitava a mudança nas relações sociais por causa da interação pessoal mediada pela máquina, ou seja, o celular, o computador e o *notebook*. Além disso, a autora apontou, também, nos resultados de sua pesquisa, que os surdos utilizam cotidianamente as redes sociais, uma ou mais. Porém, no ano da pesquisa (2012), os surdos utilizavam mais os computadores, como exposto no extrato dos resultados da pesquisa de Moreira.

[...] objetivo de utilização da *Internet*, o aluno 1 respondeu que utiliza para se comunicar no *Facebook*, MSN e outros, já o aluno 2, diz utilizá-la para comunicar-se com o *Orkut* e MSN, já o aluno 3, só a utiliza para o MSN, enquanto o aluno 4, comunica-se por MSN e outros, deixando claro que todos utilizam o computador para se comunicar com uma ou mais redes de relacionamento (MOREIRA, 2012, p.86).

Apesar da semelhança de objetivos de ambas as pesquisas em relação à investigação sobre a utilização e o acesso à *Internet*, a atual e a pesquisa de Moreira diferem quanto ao instrumento principal utilizado para ter acesso a essas novas tecnologias, pois hoje os surdos usam mais o celular como meio de acesso a esse tipo de comunicação mediada pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

Outra dissertação, anterior a essa, que também demonstra semelhança em relação aos resultados da presente pesquisa é a de Barbosa (2012), que indicou que os surdos estabelecem uma rede de amigos e de troca de mensagens por meio de sua página de recados na rede social *Orkut*, como é possível verificar no seguinte trecho da sua pesquisa:

Esses resultados podem indicar que as comunidades destinadas a surdos do Brasil estão servindo como “ponto de encontro virtual” para que eles possam conhecer outros surdos e estabelecer uma interação social fora da comunidade, no caso através da página de recados. A análise da comunicação através da página pessoal de recados mostrou que os surdos utilizam-na intensamente para se socializarem através do uso de vídeos em Libras e imagens (BARBOSA, 2012, p. 81).

Verifica-se, nesse breve extrato sobre os resultados da dissertação de Barbosa, que os sujeitos surdos faziam uso dessa rede social para se socializar, ou seja, para estabelecer um meio de comunicação à distância, mediada pelas novas tecnologias da informação e comunicação, assim como também ficou evidenciado nesta presente pesquisa.

Dos 17 sujeitos desta pesquisa, todos afirmaram utilizar as redes sociais para conversar com os amigos surdos, enquanto 13 indicaram que também as utilizam para conversar com suas famílias, o que demonstra o objetivo de socializar-se por meio das redes sociais e de aplicativos de interação. Isso também pode ser constatado nos seguintes discursos dos participantes:

3F Eu uso o *WhatsApp* para mandar mensagens para amigos e combinar onde vamos, o lugar, por exemplo, na igreja do satélite, nós combinamos o horário que tem missa no satélite e trocamos mensagens para ver qual é o melhor horário de nos encontrar.

7F No *Facebook* uso no notebook, que é para conversar, as vezes eu combino também no *WhatsApp* com amiga e com os amigos, para ir no Vale Sul, a missa no satélite, a missa na Igreja São Sebastião, eu converso um pouco.

9W Vejo sempre o *WhatsApp*, eu troco mensagens com os meus amigos, com as outras pessoas que querem comprar sofá que saber sobre o meu trabalho de arrumar sofá.

Os participantes desta pesquisa, assim como os dos trabalhos anteriores a este, se referiram a um estudo de caso sobre o uso do *Orkut*, cujos sujeitos também tinham o hábito de utilizar as redes sociais para estabelecer relações sociais e de se comunicarem com seus amigos e familiares por meio de troca de mensagens, o que foi verificado nestes resultados obtidos.

Percebe-se, então, o uso de redes sociais e de aplicativos de interação para comunicação interpessoal como um dos modos de potencializar e facilitar a comunicação entre os surdos e as demais pessoas:

[...] o papel que essas redes podem exercer na inclusão social da população brasileira, principalmente para aquelas com necessidades especiais. Segundo Horst & Vieira [2008] sites de relacionamento e comunidades da *web* são apontados como espaço de discussões contra o preconceito e como novas alternativas de comunicação para pessoas com necessidades especiais. Uma vez que muitas destas pessoas se sentem inibidas em expor seus desejos e ideias no cotidiano, elas utilizam a *web* como uma ponte entre suas expressões e o mundo (BARBOSA, 2012, p. 3).

Nesse caso, deve-se ressaltar a confirmação das problemáticas levantadas no início desta pesquisa como um dos objetivos específicos, pois os dados analisados revelaram que os surdos geralmente usam as redes sociais como meio de interação social.

Desse modo, esse uso proporciona inclusão social dos surdos, como evidenciou os resultados analisados e organizados pela pesquisadora, pois, na Nuvem de Palavras criada pelo software, o termo inclusão fica evidente no discurso dos surdos participantes desta pesquisa.

A *Internet* tem se mostrado um local de equidade entre todos os seus membros se refletirmos sobre a comunicação estabelecida por meio das TIC. Neste sentido, não parece haver preconceito ou discriminação com os surdos no uso de aplicativos e redes sociais, pois eles conseguem estabelecer comunicação fazendo uso dessas tecnologias digitais, já que a *Internet* é uma rica fonte de informações escritas, imagens, fotos, vídeos e figuras, entre outros meios de comunicação que privilegiam o campo visual. Assim pode-se ponderar que esses meios facilitam a interação e a comunicação dos surdos com as demais pessoas por meio dessas TIC.

Outro dado obtido nesta pesquisa trata da utilização da *Internet* para que os surdos busquem trabalho, como se averigua nos discursos dos participantes deste estudo, mais especificamente no *corpus* textual das entrevistas semiestruturadas. Vários surdos entrevistados relataram que usam a *Internet* para enviar currículo e para procurar emprego, como também ficam atentos ao chamado das empresas para fazer entrevistas de trabalho, tanto por meio de mensagens no *WhatsApp* como por respostas aos e-mails, como é possível averiguar nos trechos de seus discursos apresentados logo abaixo:

2V Mas, escrever textos na *Internet* para mim é difícil, assim é melhor pedir a um amigo ao lado e ele me ajuda a escrever textos, ele me explica como fazer. Por exemplo, como faz para mandar mensagens de texto ou e-mail para uma vaga de entrevista de uma fábrica, você entendeu.

5A Eu mando e-mail para as fábricas, para me chamar para trabalhar e vejo no e-mail se as fábricas me chamaram para trabalhar, porque eu preciso trabalhar. Eu já mandei e-mail [...] Uso o *WhatsApp* e o *Facebook*, também e-mail para poder mandar currículo.

10M Na *Internet* eu procuro trabalho, porque preciso de emprego. A *Internet* é muito boa e importante a *Internet*.

16 M A troca de mensagens nas redes sociais me ajuda e eu também já procurei trabalho por meio de enviar meus currículos no e-mail, para que eu pudesse ser chamado para uma vaga de trabalho.

Como se percebe no discurso dos participantes desta pesquisa, um dos motivos para acessar e utilizar a *Internet* é a busca de um emprego, ou seja, por meio de mensagens de e-mail, eles enviam seus currículos e aguardam a resposta por escrito das empresas, pois segundo o perfil socioeconômico dos sujeitos desta pesquisa, que está representado no quadro 4, dos 17 surdos entrevistados, 11 estão desempregados.

Portanto, justifica-se o uso da *Internet*, das redes sociais e dos aplicativos de interação para buscar uma vaga no mercado de trabalho e, assim, incluir-se socialmente. E essa inclusão não se dá apenas por estabelecer comunicação com as demais pessoas, mas também por colaborar na busca de uma renda fixa, um trabalho. Trata-se de um dado novo, não encontrado nas pesquisas anteriores encontradas no banco de dados da CAPES e que constam apresentadas no Quadro 1.

Nesse sentido, pode-se perceber que as novas tecnologias digitais promovem o acesso à informações e também à interatividade de forma rápida, constituindo-se como instrumentos eficazes para minimizar as barreiras impostas aos surdos que pertencem a uma minoria cultural.

Segundo Stumpf (2010), as tecnologias da informação e da comunicação se configuram como um meio possível de interação interpessoal e os benefícios são maiores do que o risco de isolamento que os surdos correm ao utilizarem o computador durante muito tempo.

Entretanto, também se verifica que as palavras em destaque na Nuvem de Palavras remetem à reflexão sobre o uso do aparelho de celular, o principal meio de acesso à *Internet* para os sujeitos desta pesquisa, como também se observou no Gráfico 3, que expõe os objetos mais utilizados pelos surdos para navegar na *Internet* e acessar as redes sociais. Além disso, é possível observar que o uso do celular é realizado regularmente, por causa do vocábulo “sempre” que está logo abaixo do termo “celular”.

Moreira (2012) apresentou uma pesquisa com 4 surdos em uma escola estadual de Campos de Goytacazes e relatou, na revisão de literatura do seu trabalho, a conexão do ser humano com o aparelho eletrônico, com a máquina, que acontece nos dias atuais, pois:

[...] A cada instante, amplia-se o processo de interconexão das informações, da máquina e dos homens, processo que repercute na atividade econômica, política e cultural, influenciando a vida em sociedade. Este novo paradigma requer, conseqüentemente, uma nova forma de construir o conhecimento, que deve estar voltado preferencialmente para o que acontece no mundo hoje, agora, e esta possibilidade o ciberespaço pode fornecer com grande propriedade, já que oferece uma gama de dados que podem ser acessados, de forma autônoma, em aparelhos

eletrônicos presentes em casa, no trabalho, na escola, na igreja e nos locais de lazer (MOREIRA, 2012, p.58).

A autora já explicitava a mudança nas relações sociais por causa da interação pessoal mediada pela máquina, ou seja, o celular, o computador, o *notebook*, e apontou também nos resultados de sua pesquisa que os surdos utilizam as redes sociais, uma ou mais, conforme sua preferência. Porém, no ano da pesquisa, em 2012, os surdos utilizavam mais os computadores, como exposto no extrato dos resultados da pesquisa de Moreira.

[...] objetivo de utilização da *Internet*, o aluno 1 respondeu que utiliza para se comunicar no *Facebook*, MSN e outros, já o aluno 2, diz utilizá-la para comunicar-se com o *Orkut* e MSN, já o aluno 3, só a utiliza para o MSN, enquanto o aluno 4, comunica-se por MSN e outros, deixando claro que todos utilizam o computador para se comunicar com uma ou mais redes de relacionamento (MOREIRA, 2012, p. 86).

Apesar de haver semelhanças nos objetivos da utilização e acesso à *Internet* de ambas as pesquisas, esta e a de Moreira (2012), porque se pode observar que os sujeitos surdos afirmam tanto naquele trabalho quanto neste que acessam as redes sociais, elas diferem no que diz respeito ao instrumento principal utilizado para ter acesso a estas novas tecnologias, pois hoje os surdos usam mais o celular como meio de acesso a este tipo de comunicação, ao passo que anteriormente utilizavam o computador para navegar na *Internet* e interagir nas redes sociais.

É importante ressaltar que, independente de qual instrumento tecnológico essas pessoas surdas se Valem para acessar as TIC, o mais extraordinário é que estes sujeitos se comunicam e estabelecem relações interpessoais mediadas pelas novas tecnologias.

Na próxima seção, discute-se a Classe de Palavras 2 gerada no Dendograma, tendo como tema principal o papel da escola e das redes sociais para o uso da Língua Portuguesa, enquanto segunda língua, pelos surdos, que têm como primeira língua a Libras.

4.3.2 Marcas que a Escola deixou na vida dos surdos

Como ressaltado na revisão de literatura, especialmente na seção designada para embasamento teórico referente ao histórico da educação dos surdos, foi visto que a esses sujeitos foi negada a educação formal, o acesso e a permanência no ambiente escolar por muitos séculos.

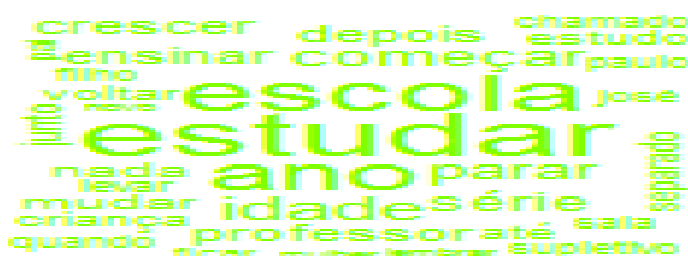
Atualmente, o direito à educação e à participação na escola é um direito universal, garantido por lei, mais especificamente pelo artigo 205 da Constituição Federal Brasileira: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1998), isso significa que, desde a promulgação dessa Lei, em 1988, todos podem frequentar as escolas de ensino regular, ou seja, podem ter acesso à educação formal.

Entretanto, nem sempre esse direito é garantido. Por muitos anos, os surdos foram segregados e apartados do ambiente escolar, o que pode ter causado diversas consequências negativas para a comunidade surda. Mas, hoje, busca-se promover uma educação bilíngue e inclusiva a esses sujeitos, pois é reconhecida a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua dos surdos.

Nesse contexto, a escola se configura como espaço privilegiado para o acesso ao mundo letrado, para o aprendizado da Língua Portuguesa enquanto segunda língua, na modalidade escrita, e, principalmente, como local de convivência entre surdos e ouvintes.

Nesse sentido, avaliando o conteúdo dos discursos dos surdos, mesmo não fazendo parte do objetivo principal desta pesquisa e nem das questões disparadoras das entrevistas semiestruturadas, pode-se verificar que o ambiente da escola e o ato de estudar são importantes para os sujeitos desta pesquisa.

Assim, as palavras que compõem esta análise advêm dos relatos dos colaboradores surdos referentes as suas vivencias na escola, na história da educação dos surdos . O resultado segue apresentado na Nuvem de Palavras criada pelo software *Iramuteq*:



Fonte: Nuvem de palavras criada pelo software *Iramuteq* (2017).

As palavras mais recorrentes são escritas em uma fonte maior do que a das palavras que são menos recorrentes. Esse recurso foi selecionado e utilizado pela pesquisadora para apresentar os termos que compõem cada uma das Classes de Palavras apresentadas nesta

pesquisa, por ser um recurso visual de fácil observação e entendimento. Assim, remete-se a importância desses termos no conteúdo das entrevistas dos surdos, sujeitos desta pesquisa.

Nessa Classe de Palavras 2, os termos que mais se destacaram foram: escola, estudar, ano, para, idade. Dessa maneira, foram ressaltados os léxicos que mais estiveram em evidência nos conteúdos das entrevistas e, de certa maneira, refletem a realidade da maioria dos sujeitos desta pesquisa, pois vários deles contaram as suas trajetórias de vida escolar e do seu esforço para retornar à escola, mesmo após viver situações difíceis na vida.

É o que se comprova lendo trechos das entrevistas transcritos a seguir:

2V Mas, eu estava na escola na 1ª série e estudei 2ª, 3ª e até a 4ª série. Minha mãe morreu, eu sofri muito e não tinha comunicação com a minha família, eu fiquei nervoso. Depois, eu me desenvolvi, cresci e comecei a trabalhar em diversas indústrias até o ano de 2015, quando teve a crise, estava “fraco” o trabalho e eu fui demitido. Agora eu voltei a estudar no Ensino Médio, porque preciso terminar o 3º ano, eu preciso estudar.

10M Recebi o meu primeiro diploma que eu tinha 17 anos, porque lá na escola não tinha ginásio, era só o primário até a quarta série só e com 17 anos eu tive que ir embora voltar para São José minha cidade. E a minha família foi para Jacaré e eu parei de estudar. O governo não aceitava surdos nas escolas normais, junto com os outros ouvintes, porque precisava ser escola especial só para deficientes e só tinha essa escola em São José. A minha família se mudou para Jacaré e meu pai falou que era bobagem que eu não precisava estudar, eu fiquei com raiva porque queria uma escola e queria voltar a estudar novamente dar continuidade aos estudos.

Desse modo, esses dois exemplos de motivos pelos quais os surdos pararam de estudar e de frequentar a escola conotam duas realidades diferentes, porém apresentam sentimentos em comum: ter raiva, ficar nervoso devido a fatos ocorridos no passado e que os impediram de frequentar a escola no tempo adequado, na infância, como as demais pessoas da sociedade.

No segundo trecho, a pesquisadora destacou as palavras que revelaram um passado não muito distante da História da Educação dos Surdos no Brasil, pois até meados dos anos 90 do século XX, os surdos, os deficientes, tinham dificuldades de permanecer estudando nas escolas de ensino regular, pois a escola baseava-se na filosofia oralista. Assim, esses sujeitos precisavam aprender a falar para depois aprender os conteúdos ministrados na escola, porque se pressupunha que esta era uma condição para o desenvolvimento no processo de aprendizagem dos surdos devido às ideias difundidas no Oralismo.

No caso dos surdos, estes sujeitos estudavam em classes especiais ou escolas especiais, que também tinham o objetivo de ensiná-los a falar para tentar normalizá-los, como consta na revisão de literatura desta pesquisa e no embasamento teórico de pesquisas

anteriores a esta, como a de Moreira (2012), que esclareceu que "o quadro da educação especial: escolas especiais para crianças deficientes e crianças ditas normais nas escolas regulares. Surgiram, então, nas escolas públicas, as classes especiais, e os deficientes foram pela primeira vez 'incorporados' ao sistema escolar" (MOREIRA, 2012, p.32). Desse modo, segundo a autora, o fato de serem criadas salas especiais foi a primeira possibilidade de as pessoas com deficiência adentrarem o ambiente escolar regular, antes reservado somente para as pessoas ditas típicas.

O trecho seguinte apresenta o discurso de alguns dos participantes da pesquisa que demonstraram a veracidade deste capítulo da história da educação dos surdos, relativa às classes especiais, ao Oralismo (que é uma filosofia de Educação dos Surdos baseada em ensinar os alunos surdos a falar, para que assim possam aprender a ler, escrever e interagir com os outros) e, assim, à segregação dessas crianças do convívio com as demais crianças na escola, uma vez que os surdos estudaram em classes separadas, as classes especiais para deficientes auditivos.

1D Comecei a estudar com 7 anos, na 1ª série na Escola, com um grupo de surdos. A sala era especial para surdos, sim. Professora sabe sinais de Libras, sim. Aprendi a ler, sim. Na 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série e acabou.

11E No passado eu estudei um pouco junto com os ouvintes, quando era bem pequeno mais aos 9 anos ou 10 anos de idade, eu falava e ouvia bem. Mas, quando tinha 10 anos de idade aconteceu um acidente de bicicleta e eu fiquei surdo, não sabia sinais de Libras, faltava saber Libras, assim mudei para outra escola para aprender com a professora intérprete de Libras e os surdos para aprender Libras, eu fui aprendendo aos poucos e me desenvolvendo, eu aprendi os sinais de Libras porque fiquei surdo e acabou a oralização, leitura labial, ser ouvinte acabou, não faço nada de leitura labial, só faço Libras. Com a professora intérprete de Libras que eu aprendi Libras faz tempo.

12J Eu conseguir usar o aparelho desde criança até crescer e quando adulto parei de usar o aparelho AASI. Histórias do meu passado, eu lembro da escola. No seu passado, quando era criança, minha família desde pequeno me levou para escola especial com outros surdos em São Paulo, eu não sabia de nada a b c e d, as letras, eu fui aprendendo a ler e escrever, me desenvolvendo conforme fui crescendo. Eu fui aprendendo da quinta série até na oitava série, fui estudando faz tempo. Depois eu parei de estudar.

Entretanto, apesar de os surdos e as demais pessoas com deficiência começarem a frequentar a escola regular, mesmo que em classes especiais, conforme o tipo de deficiência, ou seja, até meados dos anos 2000, em diversas escolas brasileiras existia sala especial para deficientes auditivos, separadamente das salas especiais para deficientes mentais e das salas especiais para deficientes visuais.

Mesmo assim, não se tratava de ação inclusiva, pois os surdos não cursavam as séries iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, em salas regulares, como as demais crianças, mas em salas diferentes (a classe especial). Sendo assim, todos os surdos que estavam matriculados em determinada escola estudavam juntos, na mesma classe, independentemente de idade e da série/ano que estivessem cursando.

Talvez por esse motivo a defasagem idade/série/ano foi verificada nos dados referentes à faixa etária dos alunos surdos adultos entrevistados nesta pesquisa, pois, no Brasil, espera-se que os jovens concluam esse nível de ensino até os 19 anos, e apenas 13 sujeitos estão dentro dessa faixa etária, dos que têm entre 18 e 25 anos, o que representa somente 24,74% dos surdos com a idade esperada para cursar o Ensino Médio.

E, assim, a escola acaba por colaborar para haver a exclusão na escola, não da escola, para aqueles que até os dias atuais são chamados de incluídos na escola, pois esta exclusão configurou-se como um dos fatores preponderantes para haver defasagem idade/série/ano, no caso dos surdos. Como se pode observar nas ideias difundidas por Mendonça:

[...] a escola continua seletiva ao permanecer com o currículo fechado, desconsiderando o acesso, permanência e ascensão de jovens com realidades, cultura e perspectivas de futuro diferentes, não se modificando, entretanto, para atender esta diversidade, constituindo um ensino dissociado da aprendizagem e tornando mais suscetível e imperceptível os seus processos internos de classificação e seleção (MENDONÇA, p. 26, 2007).

Nesse contexto, assim como Mendonça (2007), a pesquisa de MENESES (2014) ressalta que, apesar da existência de surdos na escola, há algumas lacunas em sua inclusão escolar. As hipóteses levantadas para justificar esse fato diferem em alguns aspectos das ideias de Mendonça, como se observa abaixo:

Percebo que quando se propõe uma educação inclusiva, afirma-se que existem os excluídos. Então é necessário refletir sobre uma política educacional nacional que realmente acolha as diferenças nos contextos sociais, políticos, linguísticos e cultural; e não uma inclusão de todos objetivando interesses políticos baseados na homogeneidade, pois resultará na continuidade da exclusão (MENESES, 2014, p. 33).

Meneses questiona a inclusão dos surdos no contexto escolar da forma como acontece atualmente, conforme propõem as políticas educacionais que preveem que estes alunos com deficiência sejam matriculados no ensino regular, com os demais alunos, contem com o apoio educacional especializado no contra turno, sem obrigatoriedade de frequência nas salas de

recursos multifuncionais. Isso pode, para ele, privar o surdo da convivência direta com seus pares no ambiente escolar, além de significar pouco contato com a Libras e com a comunidade surda, o que pode ser um dos diversos motivos pelos quais esses alunos têm defasagem nos estudos relacionadas aos fatores idade/série/ano, ou seja, o aprendizado tardio da Língua de Sinais (Libras) e, sobretudo, um tempo maior para aprender a Língua Portuguesa, como segunda língua na modalidade escrita. Isso tudo pode dificultar o sucesso na aprendizagem das demais disciplinas e dos demais conteúdos.

Pode-se pensar sobre a "exclusão branda" (BORDIEU, 2007) que é caracterizada por alunos frequentarem a escola por muitos anos, porém sem conseguir ter sucesso na aprendizagem devido a diversos fatores relacionados a uma escolaridade que tem um fim em si mesma.

Em outro extrato do *corpus* textual da participante 13T, gerado a partir da entrevista realizada pela pesquisadora, como está explicitado em seguida, pôde-se averiguar que os surdos mudaram de escola em virtude das mudanças nas políticas públicas, que baniram as classes especiais, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, na LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu que os alunos com deficiência deveriam ser matriculados, preferencialmente, em escolas regulares.

13T Nossa faz muito tempo, eu era criança, eu não lembro direito. Mas, eu entrei na escola com 7 anos de idade, que faz muito tempo eu estudava junto só com surdos porque ensina tudo e é bom para você, pois não aprendia as palavras, para aprender escrever é difícil que a professora me ensinava em Libras e me entendia, mas eu aprendi ela ia me ajudando. Assim, com 7 anos eu comecei a estudar, mas logo eu parei de estudar e depois mudei para outra escola, a escola J. C. Eu tinha mais ou menos a idade de 12 anos quando mudei de uma escola para outra, a professora começou a me ajudar a me ensinar a ler e escrever novamente em classe especial, depois eu parei de estudar de novo. Eu voltei a estudar numa entidade chamada SORRI que tinha professor que sabia Libras e me ajudava a aprender a ler e escrever novamente. E eu consegui aprender a ler até o primeiro ano do ensino médio, que eu estudei numa escola com ouvintes.

Desse modo, ao analisar e refletir sobre o que esse sujeito de pesquisa descreve em relação às mudanças de escola, de ter de sair de uma instituição com classes especiais, voltada a alunos com deficiência, para outra Unidade Escolar, com classes regulares, é possível perceber que se trata de um processo complicado.

Assim, percebe-se que esse participante da pesquisa vivenciou duas fases distintas da educação dos surdos. Primeiro o Oralismo, que tinha como mote o aprendizado da oralidade para o surdo ser letrado posteriormente, método por meio do qual os surdos estudavam em

classes especiais para aprender a falar, ler e escrever. Depois, o participante viveu outra fase, a do bilinguismo, que difunde que surdos devem estudar e aprender Libras e Língua Portuguesa, concomitantemente.

Nesse caso, o docente de alunos surdos precisa estudar continuamente as intervenções e estratégias necessárias para promover o aprendizado de Língua Portuguesa na modalidade escrita, de tal modo que eles adquiram competência leitora e escritora e seja promovido o letramento, isto é, que os surdos saibam utilizar a escrita em diversos contextos, e o uso de redes sociais e dos aplicativos de interação pode colaborar nesse processo de aprendizado, porque apresenta a língua escrita em uso, com função social, em situações de comunicação com aspectos significativos.

É necessário que os professores e/ou profissionais de educação tenham compreensão do que estão tratando e sobre o que estão falando, para que se tenha uma efetiva inclusão destes alunos Surdos em uma turma de ensino regular. Devendo ser levado em conta que as experiências visuais dos alunos Surdos não são as mesmas dos ouvintes, uma vez que os alunos Surdos privilegiam mais o canal visual e os alunos ouvintes o auditivo (GONÇALVES; FESTA; 2005 p. 5).

Assim, o professor que lida diretamente com a inclusão de alunos surdos deve priorizar as habilidades visuais desses alunos, usando-as para que eles evoluam por meio das competências que dominam.

Campelo (2008) teve como objetivo principal pesquisar, em sua tese de doutorado, os aspectos da visualidade para facilitar o aprendizado do surdo. O estudo valorizou e divulgou a linguagem imagética que, segundo a autora, se refere a vários suportes que incluem o próprio corpo, muros, telas e cadernos escolares, entre outros que contemplam o visual.

Apesar da presente pesquisa não se limitar a investigar o aprendizado do surdo escolarizado, ao avaliar os estudos de Campelo (2008) percebeu-se que as redes sociais e aplicativos de interação contemplam diversos aspectos visuais e, por este motivo, pôde-se ponderar que de certo modo colaboram para a inclusão social e digital dos surdos, que são o público-alvo desta pesquisa.

Outra pesquisadora e autora que enfatiza a importância da valorização das experiências visuais dos surdos no ensino da segunda língua, o português, na modalidade escrita é Campelo (2008). Dessa forma, ao se fazer um paralelo com a pesquisa de Barbosa (2012), ela ressalta a lacuna no empoderamento dos surdos no processo de educação escolar na sociedade devido à fase do Oralismo. No entanto, evidencia que essa fase vem sendo

superada pelas lutas da comunidade surda do Brasil, que culminaram na legislação vigente, mais especificamente no decreto 5.626 / 2005, que dispõe sobre o uso e difusão de Libras.

Assim, tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como é possível verificar na seção a seguir, são englobadas na reflexão sobre o letramento e o uso das redes sociais e aplicativos que podem colaborar para interação interpessoal dos colaboradores desta pesquisa, em ambas as línguas.

4.3.3 A construção do letramento no diálogo entre Libras e Língua Portuguesa

Por pessoa com surdez, segundo o que foi explicado e citado na seção de delimitação do estudo, entende-se a pessoa que tem perda auditiva profunda, acima de 90dB e, principalmente, que se comunica por meio de sinais de Libras. Mas, também, é um sujeito com cultura e identidade surda, ou seja, que faz parte da comunidade surda e interage com seus pares.

Entretanto, não basta somente reconhecer que o surdo é um sujeito que tem contato e que faz uso de duas línguas diferentes, pois, segundo Guarinello (2009), o letramento envolve saber ler e escrever de forma eficiente, em diversos contextos, sendo o indivíduo capaz de fazer a leitura e a escrita dos vários gêneros textuais presentes no meio social.

Os resultados daquela pesquisa apontaram que os leitores surdos demonstravam ter restrições de vocabulário, usar frases estereotipadas e não fazer uso de elementos coesivos na escrita.

No presente estudo, houve especialmente a busca de investigar se o uso da escrita nos ambientes virtuais contribui para melhorar a comunicação dos surdos, no uso em redes sociais e aplicativos, pois, a princípio, a pesquisadora levantou problemática referente à modalidade escrita da Língua Portuguesa ser utilizada nesses contextos, devido a, hoje, grande parte das pessoas terem acesso à *Internet*, como confirmado nos resultados obtidos nas entrevistas, pois esses dados geraram uma Classe de Palavras com os termos mais recorrentes nos discursos dos surdos referindo-se a esse tema.

Todavia, questionou-se como essas TIC, o acesso a redes sociais e a troca de mensagens de textos em aplicativos, por surdos adultos de uma Rede Estadual de Ensino, podem colaborar para o uso da Língua Portuguesa enquanto segunda língua, como é possível observar por meio da análise e discussão da lista de palavras gerada pelo software *Iramuteq* e principalmente por meio da verificação de trechos das entrevistas semiestruturadas.

O recurso utilizado e explorado para fazer a análise dos dados nesta seção foi a lista de palavras que compõem esta Classe de Palavras, a Classe 3, dentro do Dendograma, a qual atingiu o número máximo de termos nos *corpus* textuais das entrevistas dos participantes da pesquisa, ou seja, esses vocábulos somam cerca de 32,1 % das palavras que aparecem nos discursos, uma porcentagem significativa e expressiva.

Entretanto, pode-se avaliar que essas palavras estão diretamente relacionadas à escrita da Língua Portuguesa, pois o primeiro termo da lista é *Entender* e está grafado em letras grandes, o que significa ter-se repetido nos discursos reiteradas vezes.

A palavra seguinte da lista é *Escrever*, ou seja, o segundo termo mais sinalizado pelos surdos em suas entrevistas. Assim, ao observar as palavras desta Classe, verifica-se que elas demonstram o anseio dos participantes desta pesquisa por entender a escrita em Língua Portuguesa, pois há um elo entre as demais palavras desta classe, já que dentre os demais termos reincidentes nas entrevistas semiestruturadas estão as palavras: *português, texto, saber e Libras*.

Isso pode ser observado a seguir, no recorte do Dendograma reproduzido abaixo:



Fonte: Classe de palavras criada no software *Iramuteq*

Averigua-se que a última palavra dessa Classe de Palavras é *dificuldade*. Apesar de as pesquisas anteriores relatarem que surdos têm muitas dificuldades para se apropriarem da escrita em Língua Portuguesa, esses sujeitos não têm essa mesma ideia, pois, para eles,

dificuldade foi o termo menos utilizado, em 32,1% das entrevistas. Assim, a visão dos ouvintes sobre o excesso de percalços que os participantes desta pesquisa tiveram para aprender a escrever a princípio difere da percepção dos próprios surdos, pois quando interagem com os demais, em redes sociais e aplicativos, como se nota em alguns trechos dos seus discursos, os colaboradores da pesquisa alegam escrever palavras para se comunicar, como se observa nos excertos dos discursos a seguir:

1D. Conheço algumas palavras em português, escrevo algumas palavras e eu entendo. Aprendi as palavras de Língua Portuguesa porque a minha irmã, a minha mãe e as pessoas da minha família, eu as chamo e pergunto, elas interpretam em Libras e assim eu entendo. Também pergunto para os amigos surdos e para professora, ela pode explicar e eu entendo. Eles me ajudam.

10M Eu consigo entender se as palavras que tem na *Internet*, tem alguma palavra que eu não conheço ou se não sei o significado, eu dou uma olhada no dicionário ou eu pergunto para minha filha. O que significa ela explica para mim e eu entendi continuo observando a *Internet*.

A expectativa dos surdos participantes desta pesquisa em relação à escrita em Língua Portuguesa em aplicativos e redes sociais digitais é diferente da explicitada por Guarinello (2009), que ao estudar o mesmo tema da escrita dos surdos com estudantes universitários verificou resultados diferentes destes do presente estudo, pois os alunos surdos participantes desta pesquisa não acreditam que tenham tantas dificuldades para escrever, ao afirmar que escrevem palavras e as entendem, que recorrem a ajuda de familiares e ao dicionário para dirimir dúvidas quando não compreendem o significado de algum termo.

Talvez isso ocorra devido ao modo pelo qual os surdos foram ensinados a ler e a escrever na escola brasileira, pois, segundo Pereira (2014), os surdos aprenderam a Língua Portuguesa (em alguns lugares do Brasil, são ensinados assim até os dias atuais) por meio da mera aquisição de vocabulário, numa concepção da língua enquanto código. Apesar deste não ser o objetivo principal dos estudos de Pereira (2014), pois a autora não acredita que o surdo deva se apropriar da língua escrita somente enquanto código, a autora relatou que o ensino nas escolas brasileiras muitas vezes se Valeu desta concepção de leitura e escrita, pressupondo-se que ler era decodificar palavras no ensino dos alunos surdos.

Assim, para esse aprendizado ocorrer, havia a introdução de palavras no princípio do ensino da segunda língua e, depois, continuava-se o trabalho com a introdução de frases curtas, para o surdo substituir palavras ou completar as frases com as palavras que estavam

faltando. Com o tempo, eram apresentados textos curtos, com frases adaptadas pelo professor ao nível de conhecimento do surdo.

Rocha (2008) nos relatou que no INES, na década de 30, o ensino dos alunos surdos era organizado para contemplar o desenvolvimento da oralidade e também se vislumbrava que estes discentes aprendessem a língua enquanto código, ou seja, “o foco era o desenvolvimento da linguagem e o ensino era organizado por disciplinas. A professora Léa descreveu uma atividade do repetidor: o professor gabaritado dava-nos instruções diárias de ensinar, por exemplo, o nome de objetos, os pronomes e os verbos mais usados” (ROCHA, 2008, p. 70).

Por esse motivo, o surdo, muitas vezes, pode equivocarse e não perceber as dificuldades para utilizar a modalidade escrita da Língua Portuguesa, pois lhes foi ensinado a se apropriar da língua apenas enquanto código por muito tempo. Nessa concepção, fazer a leitura dos termos para decodificar palavras era o suficiente.

Outro aspecto a se observar é o de que, para estabelecer o mínimo de entendimento em uma conversa por troca de mensagens escritas, em redes sociais e aplicativos de interação, não é necessário escrever e ler textos longos, somente por meio da escrita de palavras, muitas vezes o surdo consegue se fazer entender e obtém entendimento do que o outro quer dizer.

Também se deve ressaltar que nos aplicativos de interação os surdos podem se valer de imagens, fotos, *emoticons* (desenhos que representam a expressão facial), entre outros recursos, pressupondo-se que estes recursos possam favorecer e viabilizar a comunicação e o entendimento do que o outro quer dizer.

Mas, para alguns surdos entrevistados, o problema maior está em escrever e ler textos, principalmente textos longos, como indicaram os participantes 2V e 5A que, mesmo nas trocas de mensagens e em conversas em redes sociais, admitiram ter dificuldades, apesar de não ser exigida uma escrita de textos extensos. Nos excertos abaixo, eles deixam isso bem explicitado.

2V Eu sei poucas palavras e não sei escrever um texto. Os dois, eu escrevo palavras e mando mensagens de vídeo, tudo.

5 A Eu consigo escrever sim, mas são poucas palavras no máximo de umas cinco linhas, um texto comprido é difícil estabelecer a comunicação.

Deve-se ressaltar que nem todos os surdos se contentam com saber apenas algumas palavras. Muitas vezes, encontram dificuldades para o entendimento daquilo que os ouvintes

escrevem nas mensagens de texto recebidas no celular e também em textos pesquisados na *Internet*.

Entretanto, segundo Quadros (2006), para os surdos, a Língua Portuguesa é significativa e é uma boa forma de comunicação, pois também pode ser apresentada a esses sujeitos, em diversos espaços educacionais, desde sua infância.

Outras autoras corroboram as ideias de Quadros (2006), e também ressaltam a capacidade do surdo de se comunicar em Língua Portuguesa, na modalidade escrita. Karnop e Pereira (2011) descreveram que “os alunos surdos desenvolvem estratégias para compreensão do funcionamento do português escrito, mas, para que isto aconteça, eles devem ser trabalhados com textos e não com vocábulos isolados” (KARNOP e PEREIRA, 2011, p. 36), ou seja, os textos escritos por meio de troca de mensagens em aplicativos de interação podem favorecer o aprendizado de Língua Portuguesa para alunos surdos, pois eles participam de práticas sociais verdadeiras de uso da língua ao observar e ler textos reais. Isso tem valor significativo para incentivar a aprendizagem da escrita e a utilização da língua cotidianamente para se comunicar.

Segundo relatos dos surdos entrevistados, muitas vezes eles utilizam a modalidade escrita da Língua Portuguesa para estabelecer comunicação cotidiana com pessoas que não conhecem Libras:

13T Eu sou surda no serviço é mais rápido, as pessoas falam rápido demais e eu não sei fazer leitura labial, porque eu tenho dificuldade de aprender a leitura labial e fazer conversa com pessoas ouvintes. E só se a pessoa escrever para mim que eu consigo entender e me comunicar com eles. Por que eu só me comunico em sinais ou por meio da escrita, com quem não sabe Libras, mas eu pego e converso por meio da escrita, assim eu vou escrevendo e respondendo tudo por escrito.

Dessa maneira, pode-se verificar que a escrita faz parte da vida dessa participante, assim como da vida de outros surdos, sendo uma maneira eficaz de comunicação com os ouvintes, em diversas situações vivenciadas. Como a autora Quadros (2006) ressalta: "Entre os surdos fluentes em português, o uso da escrita faz parte do seu cotidiano por meio de diferentes tipos de produção textual, em especial, destaca-se a comunicação através do celular, de chats e e-mails" (QUADROS, 2006, p. 23).

O que foi constatado nesta pesquisa é que os surdos utilizam a modalidade escrita da Língua Portuguesa para enviar mensagens às pessoas ouvintes da família, para amigos surdos

e amigos ouvintes, e também para redigir currículos e enviá-los por e-mail, em busca de emprego.

Também utilizam outras estratégias, quando têm dificuldades para compreender a escrita, como relatou o participante 5A:

5A Por exemplo, se eu quero paquerar uma mulher eu não sei as palavras, eu copio e coloco tudo o que ela escreveu no *Facebook* e no *WhatsApp* eu coloco no *Hand Talk*, que é um programa que traduz para os sinais em Libras e consigo entender. *Hand Talk* aquele que transforma de escrita e para sinais, você copia e cola as frases em Língua Portuguesa e ele traduz, ele faz sinais e é mais fácil, eu consigo entender bem.

Esse sujeito recorreu a um aplicativo tradutor de textos de Língua Portuguesa para Libras, como estratégia eficaz, buscando dirimir suas barreiras de entendimento de texto na modalidade escrita da Língua Portuguesa. A fala desse entrevistado evidencia que entender e utilizar a escrita, para os surdos, é uma atividade relevante, pois permite que ampliem suas possibilidades de comunicação no cotidiano.

Desse modo, é fato que os surdos utilizam diversas estratégias para compreender o que lhes foi escrito em Língua Portuguesa, tanto nas redes sociais como em aplicativos de interação, tal como exemplificado na fala anterior. Essa situação nos leva a compreender que, nas diversas situações de comunicação, os sujeitos surdos demonstram ter:

capacidade criativa [...] e a possibilidade de construir sentido tanto na leitura como na escrita, predomina na educação de surdos, ainda, uma representação do aluno surdo como deficiente linguisticamente e, portanto, incapaz de compreender o que lê e de expressar com clareza uma ideia por escrito (KARNOP e PEREIRA, 2011, p. 37).

Pensar sobre o domínio que os surdos podem ter em relação à modalidade escrita da Língua Portuguesa leva à reflexão sobre a importância de a escola ser capaz de ensinar, com eficiência, a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, para esses sujeitos. O que não vem ocorrendo, pois, o ensino escolar brasileiro tem falhado nesse sentido.

Mesmo com todas essas dificuldades e empecilhos enfrentados pelos alunos com deficiência no espaço escolar, no qual enfrentaram e enfrentam segregação de diversas ordens, a participante 13T relatou que recebeu ajuda de uma professora para aprender as palavras, como pode-se verificar num trecho de sua entrevista:

13T aprender as palavras, aprender escrever é difícil, porém que a professora me ensinava e me entendia, contudo eu aprendi ela ia me ajudando, com 7 anos eu comecei a estudar.

Esse extrato demonstra a importância de o professor interagir e ajudar os alunos surdos. Mesmo que a docente tenha ensinado apenas palavras, como tantos outros professores fazem até os dias atuais, a atitude de acolhimento e o auxílio foram atitudes relevantes e que fizeram diferença para a inclusão escolar dessa aluna.

Karnop e Pereira (2011, p. 34) ressaltam a importância da formação continuada dos professores, tendo em vista a importância de conhecerem e investigarem as singularidades dos surdos em relação ao aprendizado da Língua Portuguesa, pois “não consiste meramente em lhe suprir conjuntos de técnicas e procedimentos, mas, sobretudo, em investigar as especificidades do ensino de leitura e escrita do surdo, tendo como foco uma situação bilíngue”.

Nesse caso, o docente de alunos surdos precisa estudar continuamente sobre as intervenções e estratégias necessárias para promover o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita, de tal modo que os alunos adquiram competência leitora e escritora, tornando-se sujeitos letrados, ou seja, capazes de utilizar a escrita em diversos contextos. Inclusive, o uso de redes sociais e de aplicativos de interação pode colaborar nesse processo de aprendizado, porque apresenta a língua escrita em uso, com função social, em situações significativas de comunicação.

Todavia, esses episódios ocorridos na história da educação dos surdos, como relata Campelo (2008), marcaram a trajetória escolar desses sujeitos, e, principalmente, dificultam o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua, conforme se observa no trecho seguinte.

A progressão histórica a partir do ato punitivo do Congresso de Milão que culminou no fechamento dos internatos e dos institutos e na criação de programas de política educacional nas escolas de Surdos, modificou todo o panorama da educação e da pedagogia que concerne à área da surdez, ou seja, anulou a experiência visual. Historicamente, no movimento da filosofia oralista, foram implantadas várias metodologias sob a perspectiva clínica terapêutica. A educação, o currículo e a metodologia de Surdos, por meio de experiência visual, foram postas de lado para se envolver nos treinamentos da oralização. O que era coletivo passou a ser individual. Os recursos da oralização foram totalmente aceitos nas salas de aulas (CAMPELO, 2008, p.49-50).

Campelo (2008) alerta para a supervalorização da oralidade na educação dos surdos, ao se privilegiar, na escola, o aprendizado por meio da fala. Isso porque a adoção da filosofia

oralista como norte para o processo de aprendizagem dos surdos trouxe consequências para a escolarização desses sujeitos. Em especial, prejudicou o letramento, pois como se averiguou nos dados quantitativos desta pesquisa, há significativa defasagem idade/série/ano, além dos relatos de que esses sujeitos aprenderam apenas palavras soltas, sem conquistarem a competência leitora e escritora.

Mesmo que a produção de textos escritos se configure como um desafio para os surdos, nesta pesquisa verificou-se que esses sujeitos enviam e recebem mensagens por escrito em aplicativos como o *WhatsApp*. Por isso, na seção seguinte, refletir-se-á sobre a comunicação dos surdos com as demais pessoas da sociedade, tendo as novas tecnologias da informação e comunicação como ferramentas mediadoras. Vale lembrar que, mesmo com pouco vocabulário para entendimento, leitura e escrita de textos, esses sujeitos conseguem se comunicar e se fazem entender por meio de mensagens trocadas com familiares, amigos e colegas de trabalho, conforme se observou nos resultados desta pesquisa analisados em seguida.

4.3.4 A Comunicação à distância entre surdos e as outras pessoas

Revedo os resultados obtidos por meio dos questionários, especificamente em relação à questão 8, sobre os motivos pelos quais os sujeitos utilizam as redes sociais e a *Internet*, destaca-se o fato de que os sujeitos indicaram que usam essa tecnologia para conversar com os amigos, conversar com as pessoas da família, conhecer novas pessoas, procurar namorado (a), além de afirmarem que também mantêm comunicação por conta de outros motivos.

Diante dos motivos elencados por eles, faz-se necessário refletir sobre como esses meios de comunicação digitais favorecem a relação interpessoal dos surdos. Por isso, questionou-se e refletiu-se sobre a seguinte questão: “o uso das redes sociais contribuiu para ampliar as relações sociais dos alunos surdos?”.

A partir da análise dos dados categorizados na Classe 4, por meio do software *Iramuteq*, percebe-se que a primeira palavra mais recorrente nos discursos dos sujeitos é *papo*; a segunda é *bater*, ou seja, as duas palavras que mais foram sinalizadas por eles (as) constroem a expressão *bater papo*.

A pesquisa de Garcia (2011), uma tese de Doutorado que investigou “O Movimento social dos surdos: interseções, atravessamentos e implicações”, procurou entender um pouco desse “mundo próprio” dos surdos, ou seja, de sua cultura e identidade como minoria cultural

na sociedade brasileira, bem como as redes de socialização desses indivíduos, propondo uma interpretação dessa maneira de viver a partir de um ponto de vista filosófico-antropológico.

Os resultados obtidos e encontrados por Garcia (2011) foram de grande valia para compreender como e por que os surdos se relacionam com as demais pessoas utilizando as novas tecnologias.

Desse modo, como se verifica no Dendograma apresentado abaixo, os vocábulos utilizados pelos surdos nas entrevistas designam importância para o uso das redes sociais e dos aplicativos de interação como meio de estabelecer relações pessoais, pois afirmaram que usam essas redes para bater papo, conversar e encontrar amigos, utilizando, para isso, os



recursos de mensagens de texto.

Fonte: Classe de palavras criada pelo software *Iramuteq*, em 2017.

Os termos em destaque (Papo, Bater, Missa, Encontrar, Amigo, Grupo, Mensagem) nessa Classe de Palavras indicam a relação dos surdos com as demais pessoas, relação essa, neste contexto, mediada pelas novas tecnologias digitais. Dessa maneira, utilizam essas tecnologias para estabelecer e para manter relações sociais de cunho religioso, familiar e fraternal, entre outros.

Segundo Lima e Viana (2016) ressaltaram “eles perceberam que essa tecnologia pode ser de grande valia nas relações socioculturais e se Valem desse processo nos dias atuais. Isto

porque a *Internet* possibilita às pessoas de diferentes [...] estarem em contato, realizando o processo de troca de informações e de experiências, por meio de uma língua de comunicação” (LIMA&VIANA, 2016, p.15).

Nos discursos dos surdos, assim como na pesquisa dos autores Lima e Viana (2016) percebeu-se que as mensagens trocadas com os demais indivíduos melhoram não só a comunicação, mas também modificam o modo de interagir com as pessoas, pois muitas vezes são desfeitas barreiras comunicativas e assim os estudantes surdos conseguem fazerem-se entendidos, como se pode observar nos extratos dos discursos abaixo:

3F mandar mensagens para amigos e combinar onde vamos, o lugar, por exemplo, na igreja do satélite, nós combinamos o horário que tem missa no satélite e trocamos mensagens para ver qual é o melhor horário de nos encontrar com os colegas de trabalho, eu troco mensagens e pergunto se o trabalho está fraco ou não, se haverá trabalho. Sim, eu converso com os ouvintes no *WhatsApp*. No *WhatsApp*, converso e troco mensagens nos grupos do *WhatsApp*. No grupo da pastoral dos surdos, sempre mando mensagens para as pessoas.

12J. Essas coisas me ajudam e é muito bom para minha vida. Sim eu tenho faz tempo *Facebook e WhatsApp* tem troca de informações e eu entendo.

Esses relatos confirmam a problemática apresentada inicialmente nos objetivos específicos desta pesquisa, de que os surdos utilizam as redes sociais para potencializar sua comunicação para interagir com as pessoas, ou seja, para trocar informações, mensagens e para conversar, bater papo e encontrar amigos. Deste modo, estes sujeitos estabelecem relações humanas mediadas pelas novas tecnologias digitais da informação e comunicação.

Arcoverde (2006) destacou que os surdos se comunicam por meio de troca de mensagens, com o intuito de reforçar "aspectos importantes vividos por eles, e nada mais apropriado do que compor esse novo espaço com os problemas e os conflitos que os acompanhavam, demonstrando a possibilidade de que o contexto digital seja uma expansão da realidade" (ARCOVERDE, 2006, p. 259).

Assim como os colaboradores deste trabalho afirmaram utilizar a troca de mensagens, em redes sociais e aplicativos, para combinar encontros com seus amigos surdos e conversar sobre assuntos pertinentes à comunidade surda, a pesquisa de Arcoverde (2006) ressaltou que os surdos colocavam em voga seus conflitos e ideias também faziam uso das TIC, para se comunicarem com seus pares. Apesar deste não ser o objetivo principal da pesquisa dela, pois na pesquisa de Arcoverde (2006) o mote era o de perceber se os surdos se apropriavam da modalidade escrita da Língua Portuguesa utilizando as TIC.

Karin Strobel (2009) relatou que há uma comunidade de pessoas surdas que se identificam e partilham a mesma cultura visual por fazerem parte de um grupo de pessoas que se comunicam por meio de uma língua visual-espacial, a Libras, ou seja, elas vivem as mesmas possibilidades de comunicação visual e, por isso, têm habilidades e competências parecidas, não apenas por causa da perda auditiva, mas, especialmente, por perceberem o mundo de forma diferente dos ouvintes, pois o fazem preferencialmente pela visão.

Nessa perspectiva, os surdos fazem uso das redes sociais para conversar com seus pares, ou seja, para interagir com outros amigos surdos e, assim, trocar informações com a possibilidade de, por meio da Libras ou da modalidade escrita da Língua Portuguesa, ou ainda por meio da visualização de imagens e fotos, ter a acesso ao conhecimento e ao compartilhamento de saberes, como se pode observar no trecho a seguir.

14I. Eu sempre vejo o *Facebook* para ler as mensagens, no *Imo* para fazer sinais de Libras e conversar com surdos, isso é muito importante.

O participante da pesquisa relata ter acesso às redes sociais para conversar em Libras, sua primeira língua, com o objetivo de conversar com seus amigos surdos e, desse modo, interagir e estabelecer relação interpessoal com seus pares. Ele atribui a essa relação mediada pelas TIC certo grau de relevância, porque reforça que isso é muito importante.

Também se verifica no excerto do discurso de outro sujeito da pesquisa, o 7F, que os surdos, apropriando-se das TIC e de instrumentos de acesso à *Internet*, como o *notebook*, estabelecem contato com seus amigos e trocam recados, combinam de se encontrar pessoalmente, dentre outras ações que facilitam não só a comunicação, mas também o processo de relação interpessoal.

7F *Facebook* eu uso isso no *notebook*, que é para conversar, as vezes eu combino também no *WhatsApp* de encontrar amiga, com os amigos.

Percebe-se que o sujeito da pesquisa já utiliza aplicativos e redes sociais para se comunicar com seu círculo social de amigos, demonstrando que a surdez não o impede de ter uma vida social.

Segundo Melo & Gomes (2013), que fizeram um mapeamento sistemático da literatura científica sobre as interações sociais dos surdos na *Internet*, "Estudos sobre a inclusão social de surdos têm verificado a influência da *web* no processo de socialização on-line, seus resultados apontam como principais instrumentos facilitadores dessa socialização" (MELO e

GOMES, 2013, p. 1079), e, ao verificar os resultados desse mapeamento realizado pelas autoras, é possível observar os benefícios dessa interação, sobretudo, entre os surdos e a sua família, mas também entre seus amigos e colegas de trabalho. Em relação à família, temos o que se observa no excerto do discurso de um dos participantes desta pesquisa:

15A As mensagens envio mais para as pessoas da família, sempre bato papo e converso. Eu mando mensagem no *WhatsApp*, isto é o que eu mais uso, o *WhatsApp* e também uso a webcam do *WhatsApp*, eu vou filmando com a webcam, porque é no webcam que eu vou filmando sinais em Libras e conversando com as pessoas, assim que faço os vídeos na *Internet* em sinais de Libras.

Percebe-se que o sujeito usa as novas tecnologias através de diferentes instrumentos, fazendo valer a comunicação para o estabelecimento das relações sociais e da inserção na sociedade atual.

Verificando e refletindo sobre a situação do sujeito dessa pesquisa, observa-se que a comunicação do surdo na escola e na sociedade em geral é fundamental e pode ocorrer com sucesso, sobretudo se for possível fazer o uso das TIC, inclusive como uma das estratégias funcionais do cotidiano escolar ou até como uma estratégia pedagógica. Assim, ele poderá se sentir seguro, autônomo e estimulado a buscar novos desafios na medida em que aprende e se sente incluído no meio em que vive.

Arcoverde (2006) destacou em sua pesquisa que:

[...]considerar que o contexto digital (*Internet*) é um espaço favorável que pode propiciar um novo encontro social de partilha, onde as relações de poder e autoridade são dissolvidas nos/ pelos contatos virtuais. Nesse espaço não há lugar para estigmas, rotulações e preconceitos, pois, envolvidos nas tramas da Rede, somos todos participantes sociais de uma mesma comunidade, a comunidade digital, sem fronteiras, constituída pelos *bits* e regida sob nova forma de organização social. As oportunidades de comunicação oferecidas pelas tecnologias digitais permitem novas possibilidades de interagir e de aprender com muitos outros (ARCOVERDE, 2006, p. 254).

Tanto na pesquisa de Arcoverde (2006) como no presente trabalho, verifica-se que os surdos têm mais oportunidades de interagir com os demais sujeitos por meio das TIC. Assim, pôde-se considerar o espaço virtual um ambiente que favorece as relações humanas destes sujeitos e, por consequência, a inclusão social ocorre mediada pelas conversas estabelecidas na *Internet*.

Para além da análise e da discussão feita neste trabalho, a pesquisadora se propôs, a divulgar os resultados aos professores da Rede Estadual de Ensino, com o objetivo de

partilhar as informações para que fosse possível colaborar com a prática docente, sobretudo pensando na inclusão social e digital dos surdos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi o de analisar o uso de redes sociais e de aplicativos de interação como instrumentos facilitadores da comunicação de alunos surdos adultos. Verificou-se que a temática desta pesquisa é relevante tanto para seus colaboradores quanto para outros surdos, para os pesquisadores interessados no tema estudado nesta pesquisa e para os professores que venham a acessar este estudo.

Pôde-se confirmar que todos os objetivos específicos traçados no começo da pesquisa, ou seja, os anseios de conhecer, de identificar, de verificar e de averiguar como se dá a utilização de redes sociais e de aplicativos de interação por alunos surdos adultos foram atingidos. As problemáticas deste trabalho apresentadas no início foram testadas e confirmadas por meio dos dados obtidos, se considerarmos os resultados alcançados. Mesmo havendo resultados não esperados pela pesquisadora, como, por exemplo, a defasagem idade/série/ano dos colaboradores desta pesquisa em relação aos demais discentes matriculados na Rede Pública Estadual e os relatos dos colaboradores da pesquisa relacionados à trajetória escolar vivenciada por eles na Educação Básica.

Todos esses resultados fomentaram a reflexão a respeito da comunicação e da inclusão social dos surdos e também da inclusão escolar, apesar de este não ser o objetivo principal do trabalho. Porém, o tema desperta interesse da pesquisadora e dos educadores. Sobre esses resultados, pode-se ponderar que eles surgiram em decorrência de os colaboradores da pesquisa contarem fatos e acontecimentos de sua vida escolar pregressa e de sua trajetória de vida nesse contexto.

Em referência as informações inesperadas, Vale mencionar que foram de grande valia para analisar a importância da função da escola para os alunos surdos e como esses sujeitos sofreram as consequências das escolhas dos ouvintes na história da educação dos surdos no Brasil. Isso ficou evidenciado, especialmente, quando relataram que, muitas vezes, aprenderam apenas palavras soltas na escola e também quando relatam sobre a dificuldade para redigir e ler textos, principalmente para compreendê-los.

As leituras de dissertações e tese relacionadas ao tema desta pesquisa colaboraram para o levantamento de um panorama em relação às pesquisas anteriormente realizadas, pesquisas essas que contribuíram bastante para a realização deste estudo, de modo a evidenciar a pertinência, a atualidade e a relevância do tema.

Outro aspecto importante pesquisado, e que compôs a revisão de literatura, refere-se a como os surdos se comunicam e ao modo como eles estabelecem o diálogo com os demais, seja em Libras ou em Língua Portuguesa, na modalidade escrita. O legado sobre o

aprendizado da Língua Portuguesa por sujeitos surdos ao longo do tempo legitima a inclusão social dos surdos e potencializa a sua comunicação, principalmente por conversas mediadas pelas TIC.

Ao observar e analisar a trajetória escolar dos estudantes surdos do Ensino Médio, sujeitos desta pesquisa, vê-se que nem sempre eles tiveram acesso aos conhecimentos e aos saberes escolares como os alunos ouvintes, pois ao se fazer a comparação com os demais estudantes, os surdos muitas vezes foram prejudicados no processo de aprendizagem devido à falta de comunicação verbal, muitas vezes privilegiada nas escolas.

Isso porque, muitas vezes, devido à falta de respeito às singularidades e particularidades dos alunos surdos para se comunicarem, muitos docentes utilizaram estratégias no processo de ensino aprendizagem que não contemplavam as habilidades do surdo no campo visual.

Assim, por muito tempo pensou-se que, para aprender, eles deveriam aprender a falar, como se verificou na filosofia do Oralismo. Essa ideia circulou por anos, muito por consequência do Congresso de Milão, que disseminou e legitimou a filosofia oralista como principal meio para educar os surdos. Esse fato ocasionou mais perdas do que conquistas no processo de letramento dos surdos.

Apesar de tantos percalços e dificuldades enfrentados pelos alunos surdos durante sua trajetória escolar, muitos deles conseguiram finalizar com êxito o aprendizado da leitura e da escrita, mesmo que, muitas vezes, tenham aprendido apenas palavras, o que permitia minimamente que se fizessem entender e estabelecessem comunicação por meio das redes sociais e de outros aplicativos, como se verificou nesta pesquisa.

No entanto, nos dias atuais, o acesso à *Internet*, por meio de redes sociais e aplicativos, tem oferecido maior autonomia na comunicação dos surdos, em Libras ou na modalidade escrita da Língua Portuguesa. Destacam-se também as ideias da escola bilíngue para incluir os alunos surdos.

Desse modo, pretendeu-se contribuir para a transformação nas atitudes, no olhar dos ouvintes perante os surdos, colaborando com a construção de um olhar voltado para as possibilidades, habilidades e competências desses sujeitos, sem manter enfatizar aquilo que os estigmatiza: suas dificuldades de comunicação verbal.

No contexto atual, em que há o mundo virtual da interação mediada por computadores, celulares e outros aparelhos conectados a redes sociais digitais e a aplicativos de interação, tem ocorrido um aumento da inclusão social das pessoas surdas, por causa das comunidades e

dos grupos existentes na *web*, observando-se, assim, que a *Internet* representa um espaço de discussões um pouco mais livre de discriminação, conforme foi observado na coleta e na análise de dados deste trabalho.

As novas tecnologias digitais utilizadas hoje por todos podem representar uma ponte interessante e eficaz entre os surdos e os ouvintes, podendo cumprir um papel de intermediação importante para que a verdadeira inclusão social aconteça, especialmente favorecendo a comunicação interpessoal entre estes sujeitos.

Isso porque, ao se deparar com essas novas tecnologias, os alunos se sentem mais acolhidos e encorajados a estabelecer o diálogo, pois, em muitos casos, as TIC funcionam como Tecnologia Assistiva e podem colaborar para elevar a autoestima das pessoas surdas por meio da interação com as demais pessoas.

Se a escola se propuser a acolher os surdos, com sua diversidade, e entender o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, com certeza o surdo também começará a perceber a importância desse aprendizado, quando são necessárias a leitura e a escrita de textos longos e mais complexos, seja em mensagens transmitidas por meios tecnológicos digitais de comunicação, seja nos estudos ou na maior elaboração do pensamento.

A pesquisadora responsável por este estudo, na condição de profissional da educação e de intérprete de Libras, quando foi a campo para realização deste trabalho, pôde observar e conhecer de perto a realidade de alunos surdos que vivem, muitas vezes, em situações bastante precárias.

Desse modo, conseguiu modificar suas ideias e seu modo de pensar em relação aos alunos surdos, em especial às diversas barreiras que eles precisam ultrapassar diariamente para estudar, para chegar à escola e para sobreviver em meio a muitas famílias que os segregam quando designam para eles o quarto dos fundos, a casa dos fundos ou a casa no porão, o que conota exclusão dentro do lar.

Apesar de existirem leis garantindo à população em geral o direito básico à moradia e a programas habitacionais, como o faz a Constituição Federal, os surdos, muitas vezes, não têm acesso a esses direitos devido à falta de intérpretes de Libras nas diversas repartições públicas. Conforme relatado por um dos colaboradores da pesquisa que, em determinada ocasião, solicitou à pesquisadora a gentileza de acompanhá-lo até a Secretaria Municipal da Habitação por não haver pessoa capacitada para conversar em Libras e ajudá-lo a se inscrever para receber uma casa popular por meio de um programa habitacional.

Isso nos faz pensar que não basta que exista uma legislação vigente que garanta o uso da Libras enquanto primeira língua dos surdos (Lei 10.436/2002), porque é preciso ir além da escola e garantir que a sociedade consiga se comunicar com esses sujeitos. A legislação atual, especificamente a que garante a presença do intérprete de Libras no âmbito educacional e em ambientes públicos, se cumprida, seria de grande relevância aos sujeitos surdos.

Sobre a atuação dos docentes com alunos surdos, ressaltou-se a indispensabilidade da formação continuada, para que eles tenham condições de atender a demanda de discentes surdos matriculados no ensino regular. Eles também devem procurar compreender as necessidades pedagógicas, as singularidades de aprendizagem e de comunicação desses indivíduos surdos, que se comunicam basicamente em Libras, de forma que a inclusão escolar aconteça na classe de maneira eficaz e produtiva.

Entende-se, ainda, que a educação direcionada ao aluno surdo não pode se restringir somente ao ensino da Língua Brasileira de Sinais, mas deve-se utilizar de uma educação bilíngue, para que o aluno surdo domine duas formas de comunicação: os sinais de Libras e a modalidade escrita de Língua Portuguesa.

O maior desafio do professor será fazer o surdo entender que precisa aprofundar sua leitura e sua escrita para aperfeiçoar e ampliar sua capacidade de comunicação também na modalidade escrita da Língua Portuguesa. Nesse contexto, o professor se torna mediador entre aluno e conhecimento, com o intuito de melhorar a escrita fragmentada dos surdos. Assim, essa maneira de ensinar sugere que o docente faça uso de imagens, fotos, gravuras e desenhos para contextualizar os conteúdos e os conceitos estudados em classe, como ressalta Campelo (2008), ao indicar o uso de imagens por consequência da melhor interação do surdo por meio do campo visual.

Por conseguinte, os docentes necessitam despertar nos alunos surdos a compreensão sobre a função social da escrita como meio eficiente de comunicação interpessoal. No caso desta pesquisa, verificou-se que o uso de redes sociais e de aplicativos de interação privilegia esse aspecto, pois os surdos estabelecem trocas de mensagens escritas em Língua Portuguesa, o que os ajuda a avançar, especialmente no que diz respeito à comunicação à distância com outras pessoas.

Considerando o exposto, o que se propôs foi observar e analisar o uso e o acesso às novas tecnologias de informação e comunicação como facilitadoras da interação pessoal e interpessoal dos surdos para que, assim, esses sujeitos, utilizando essas novas tecnologias digitais, possam otimizar sua inclusão social e escolar.

Percebeu-se, também, que as Tecnologias Assistivas são um instrumento para o benefício do próprio surdo, e não apenas das pessoas que se relacionam com ele. A Tecnologia Assistiva surgiu para ajudar pessoas com deficiência, para que essas pudessem ter acesso à informação e ao conhecimento por meio da tecnologia.

Cabe aos educadores, aos sistemas de ensino e aos governantes refletirem sobre as medidas necessárias para propiciar um maior número de Tecnologias Assistivas disponíveis aos alunos surdos. Existem muitas Tecnologias Assistivas que podem ajudar a melhorar a vida dos alunos com deficiência, de forma geral. Basta um pouco de investimento na formação de professores, seja na formação inicial, seja na formação continuada em serviço e na pesquisa.

Este estudo proporcionou à pesquisadora entender melhor sobre a inclusão social dos surdos, além de ter possibilitado a percepção sobre a necessidade de buscar estratégias de melhoria para a comunicação e aperfeiçoamento das relações entre os alunos surdos e os ouvintes, uma vez que na sociedade atual os sinais de Libras ainda não são conhecidos por todos os indivíduos. É preciso compreender o verdadeiro sentido da inclusão, ou seja, incluir socialmente os surdos para formar cidadãos mais éticos e solidários, que respeitem as diferenças e ofereçam acessibilidade na comunicação para todos, assim as futuras sociedades tornar-se-ão mais coerentes, o que configura um fator urgente atualmente.

Vale ressaltar que não houve a pretensão de esgotar, neste trabalho, todas as possibilidades de análise e de discussão sobre o tema da relação interpessoal de surdos que utilizam as redes sociais e os aplicativos de interação, pois esse assunto é atual, polêmico e, principalmente, relevante, pois leva à reflexão sobre a inclusão social. Assim, sugere-se que outras pesquisas relacionadas ao tema sejam realizadas, especialmente em relação ao uso dos aplicativos *Hand Talk* e *ProDeaf*, mencionados pelos colaboradores deste trabalho, porque esses aplicativos tradutores de Libras e de Língua Portuguesa, muitas vezes, são o apoio eficaz e facilitador na comunicação entre surdos e ouvintes, conforme citado por alguns surdos.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. R. C. **O conceito de Hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe.** Disponível em www.scielo.br/pdf/In/n80/04.pdf acessado em 20/06/2016.

ARAÚJO, L. R. **INCLUSÃO SOCIAL DO SURDO: Reflexões Sobre as Contribuições da Lei 10.436 á Educação, aos Profissionais e á Sociedade Atual** 07 março 2012
<http://www.egov.ufsc.br/porta1/conteudo/inclusão-social-do-surdo-reflexões-sobre-contribuições-da-lei-10436-á-educacão-aos-profissionais>

ARCOVERDE, R. D. de L. **TECNOLOGIAS DIGITAIS: NOVO ESPAÇO INTERATIVO NA PRODUÇÃO ESCRITA DOS SURDOS**. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v26n69/a08v2669.pdf>

BARBOSA, G. A. R. **Caracterização da Interação Social de Usuários Surdos em Redes Sociais Online: Um estudo de caso no Orkut**. Belo Horizonte, 2012 xxv, 125 f.:il.; 29cm
 Dissertação (mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais Orientador: Raquel Oliveira Prates.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENTO, M. C. M. ; CAVALCANTE, , R. dos S. **Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula. Revista de Educação, Cultura e Comunicação do Curso de Comunicação Social (ECOM)**. Lorena, Faculdade Integradas Teresa D'Ávila, v. 4, n.7, jan - jun, 2013. Disponível em <<http://publicacoes.fatea/index.php/ecom/article/view/596/426>>
 Acesso em: 7 de out. 2017.

_____, M. C. M. **Ambientes virtuais de aprendizagem Institucionais e não Institucionais: estudo de caso com professores de uma instituição de ensino superior salesiana**. 2016. 140 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

BERBERIAN, A. P. ; MASSI, G.; DE ANGELIS, CRISTIANE C. MORI. **Letramento: referências em saúde e educação**. Plexus Editora, 2006.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In **Escritos de educação. Petrópolis: Vozes**, p. 217-227, 2007.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 9.394/1996.

_____, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **A educação dos surdos**. Org. por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências

_____. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BRASIL, LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

_____, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **A educação dos surdos**. Org. por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP, 1997

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências

_____. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

_____. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. **Tecnologia Assistiva**. – Brasília: CORDE, 2009. 138 p.

BRITES, Isabel; CÁSSIA, Roberta de. **Recensão**. Revista Lusófona de Educação, 22, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n22/n22a11.pdf> Acesso em 05/11/2017

BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da Língua de Sinais brasileira** / Sônia Maria Dechandt Brochado. Assis, 2003. 431 f.: il. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. 1. Crianças surdas. 2. Língua de Sinais. 3. Escrita. 4. Lingüística. I. Título. CDD 362.42

CAMARGO, B. V., & Justo, A. M. (2013). **IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais**. Temas em Psicologia, 21(2), 513-518.

CAMPELO, A. R. S. Pedagogia visual/ sinal na educação dos surdos. **In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs). Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007, p. 100-131.

CAMPELO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de Surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais brasileira: sinais de M a Z**. Ed. USP, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1).

CHIZZOTTI, A. (2006). **Pesquisa em ciências humanas esociais** (8a ed.). São Paulo: Cortez.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, R. da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface: Comunicação, saúde, educação, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 235-

248, mar./ago. 2005. Disponível em :
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200003

Educação infantil: **saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. [4. ed.] / elaboração prof.^a Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>

EVANGELISTA, F. F. G. SOUZA, T. F. C. de. TOZZO, C. R. A inclusão do surdo no mercado de trabalho de acordo com sua capacidade profissional. **Revista Ensaios & Diálogos** – Nº7 – janeiro/dezembro de 2014.

FARRA, R. A. D. & LOPES, P. T. C. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Revista Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.

FLOR, C. da S. VANZIN, T. ULBRICHT, V. Recomendações da Wcag 2.0 (2008) e a Acessibilidade de Surdos em Conteúdos da Web. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n.2, p. 161-168, Abr.-Jun., 2013.

GARCIA, I. dos S. **Movimento social dos surdos: interseções, atravessamentos e implicações**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, 234 f.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODINHO, R. KEOGH, I. EAVERY, R. Perda auditiva Genética. *Genetichearingloss*. **Revista Brasileira Otorrinolaringologia**. v. 69, n. 1, 100- 4, jan./fev.2003
 Disponível em www.scielo.br/pdf/rboto/v69n1/a16v69n1.pdf acessado em 19/06/2016

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Plexus, 1997

GOFFAMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert. Data da Digitalização: 2004. Data Publicação Original: 1891

GUARINELLO, A.C. 2007. **Surdez e Letramento: Pesquisa Com Surdos Universitários de Curitiba e Florianópolis**. Ana Paula BERBERIAN² Ana Paula de Oliveira SANTANA³ Kyrlian Bartira BORTOLOZZI⁴ Simone SCHEMBERG⁵ Luciana Cabral FIGUEIREDO) KUBASKI E MORAES 2009.

GUARINELLO, A. C. et. al. **Surdez e linguagem escrita: um estudo de caso**. Revista Letras, Curitiba: Paraná, 2007.

GUERRA, E. L. de A. **Manual da Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Ed. Vozes, 2006.

KARNOPP, L. B. & PEREIRA, M.C.C. Concepções de leitura e de escrita e educação de

surdos. In: **LODI, A. C.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. *Leitura e escrita no contexto da diversidade***. Porto Alegre: Mediação: 2011.

LACERDA, C. B. F. O intérprete educacional de Língua de Sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, A.C.B et al.. (Org.) **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação. 2002. p.120-128.

LÉVY, P. **O Que é Virtual?**. Rio: Editora, Ed. 34ª, 1996.

_____, P. **Cyberculture**. Tradução por Carlos Irineu da Costa: Ciberultura. 1ªed. São Paulo: 1999. 264 p.

LIMA, V. S. & VIANA, M.M.C. A escrita da Língua Portuguesa como segunda língua por surdos nas redes sociais. **Revista de Letras** – n°. 35 - vol. (1) - jan./jun. - 2016. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/viewFile/4234/3267>>

LINO, C. C. T. S. **A Aquisição da Linguagem e Escrita por Alunos Surdos, pela Prática de Letramento**. V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. 3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 58-59, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** 2003, p.16.

MELO, L. B. & GOMES, M. J. (2013). As interações sociais dos surdos na Internet - mapeamento sistemático da literatura. In **Atas da VIII Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação – Challenges, 2013** (p. 1077-1091). Braga: Centro de Competência TIC do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

MENDONÇA, S. R. D. **Trajetórias sócio-educacionais de adultos surdos: condições sociais, familiares e escolares**. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 2007.

MENESES, S. C. P. de **Estudo sobre inclusão social e educação do surdo por meio do Facebook**. Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes, Aracajú, 2014.

MILL, D. et. al. O Desafio de uma Interação de Qualidade na Educação a Distância: o Tutor e sua Importância nesse Processo. **Cadernos da Pedagogia Ano 02** Volume 02 Número 04 agosto/dezembro 2008.

_____. & CÉSAR, D. Robótica pedagógica livre: instrumento de criação, reflexão e inclusão sócio-digital. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 217-248, jan./jun. 2009.

_____. Flexibilidade educacional na cibercultura: analisando espaços, tempos e

Currículo em produções científicas da área educacional. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, vol. 17, n. 2, 2014, p. 97-126 Asociación Iberoamericana de Educación Superior a Distancia Madrid, Organismo Internacional.

MOREIRA, L. R. **As redes sociais como forma de desenvolvimento da comunicação dos estudantes surdos incluídos na escola pública estadual em Campos dos Goytacazes-RJ. 2012.** 112 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Cognição e Linguagem) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos Dos Goytacazes, 2012.

NASCIMENTO, L.C.R. “**Um Pouco Mais da História da Educação dos Surdos, Segundo Ferdinand Berthier**”, <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=126&layout=abstract> acesso: 20/09/2006.

NASCIMENTO, A. R. A., & MENANDRO, P. R. M. **Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, , UERJ, RJ, ANO 6, N. 2, 2006, p. 72-88.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa, Educa. 2009. Cap. 1 Professores: O futuro ainda demora muito tempo? P. 9 – 24.

OLIVEIRA, M. K. Pensamento e Linguagem. In: **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento um processo sócio- histórico.** São Paulo: Scipione, 1993, p. 43 - 56.

PEREIRA, L. L. S.; MARTINS, Z. I. de O.A identidade e a crise do profissional docente. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.) **Profissão Professor: identidade e profissionalização docente.** Brasília: Plano, 2002.

PEREIRA, M. C. da C. VIEIRA, M.I. da S. Bilinguismo e Educação de Surdos. **Revista Intercâmbio**, volume XIX: 62-67, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x _____, M. C. da C. **Leitura, Escrita e Surdez.** CENP/CAPE; organização, Maria Cristina da Cunha Pereira. – 2. ed. - São Paulo: FDE, 2009. 104 p.

_____, M. C. da C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos metodológicos. **Educar em Revista.** Curitiba, editora da UFPR, n. 2, 2014, p. 143-157, 2014. Edição Especial.

_____, M. C. da C. CHOI, D. VIEIRA, M. I. GASPAR, P. NAKASATO, R. Libras _ **Conhecimento Além dos Sinais.** Editora Person Prentice. São Paulo, 2014, p. 127.

PERLIN, G. **Histórias de vida surda: Identidades em questão.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, 2003. p. 217-226.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas , 1997.

_____, R.M. de. **Alfabetização e o ensino da Língua de Sinais**. Textura, Canoas n.3 p.54,2000.

_____, R. M. de. SCHMIDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p.

REGO, T. C. **Vygotsky : uma perspectiva histórico-cultural da educação** . Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

RODRIGUES, E. **Aquisição de conceitos por alunos surdos inseridos no ensino superior**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profa .Dr.: Nerli Nonato Ribeiro Mori. Maringá,PR, 2009.

SÁNCHEZ, C. La lengua escrita: esse esquivo objeto de lapedagogía para sordos y oyentes. In: **Atualidade da educação bilíngües para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SANTOMÉ, F. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS, Sandra Maria Diniz Oliveira. **Tradução comentada do artigo: Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos de Ana Regina Campello**.EAD/ UFPB, 2012.

SÃO PAULO, S.P. Secretaria Municipal de Educação. **Toda força no primeiro ano**. 2007.

SOARES, C.H. R.A implementação **da disciplina de Libras no ensino superior: questões para reflexão**. In.X ANPED SUL X, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em : http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/442-0.pdfL

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Editora Mediação, 1998.

SKLIAR, C. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros"**. Revista Ponto de vista. Florianópolis n.05, 37-49,2003.

_____(Org). **Educação & Exclusão. Abordagens socio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SOUZA,C H M. de & Maria Lúcia. **Educação e Ciberespaço**. 1ª ed. Brasília: Usina de Letras,2008.STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**.Florianópolis, UFSC,2009.

_____. **História da educação de surdos**. Florianópolis, UFSC,2009.

STUMPF, M. R. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. Florianópolis, UFSC, 2010.

SZYMANSKI, H. ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro (2004).

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTINI, C. B. et. al. “Um software de autoria para a educação de surdos: integração da Língua de Sinais e da língua escrita”. Universidade de Caxias do Sul, 2006. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/14188/8165

VIEIRA, K. M.; DALMORO, M. **Dilemas na construção de escalas tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados**. XXXII Encontro de ANPAD. Rio de Janeiro, 2008.

VIGOTSKI, L.S. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.4, p. 861-870, dezembro,2011.

VYGOTSKY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. **In: A formação social da mente**. São Paulo: Martins fontes, 1991.

ZENI, J. M. A análise de erro na produção escrita do português como segunda língua por alunos surdos. Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2010.



Universidade de Taubaté
 Autarquia Municipal de Regime Especial
 Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.824/78
 Recredenciada pela Portaria CEE/SP nº. 241/13
 CNPJ 45.178.153/0001-22

PRPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
 Rua Wernher do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 13020-040
 Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
 prppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 086/2016

Taubaté, 11 de outubro de 2016

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pela aluna **REGIANE CRISTINA DE OLIVEIRA**, do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2016, intitulado **“REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS”**. O estudo será realizado com os alunos surdos matriculados ou que concluirão o Ensino Médio na Rede Pública Estadual de Ensino, na (s) cidade (s) de São José dos Campos, sob a orientação da **Prof. Dr. Suelene Regina Donola Mendonça**.

Para tal, será realizada pesquisa com as pessoas surdas adultas para responderem questionário com perguntas abertas e fechadas, também participar de entrevista semi-estruturada. Por meio de um instrumento elaborado para este fim, junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará por análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com **REGIANE CRISTINA DE OLIVEIRA**, telefone (12) 99167-5211, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
 Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação

Ilmo (a) Sr (a),

CEEJA – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (Escola Pública Estadual)
 Travessa Claudino Prisco, 343, São José dos Campos – SP, 12211-460
 Ensino Fundamental – Supletivo; Ensino Médio – Supletivo

Maria José Lourenço de Almeida
 R. 16, 204, 142-9
 Direção de Gestão de Ensino Subordinado

ANEXO II
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Ensino do Interior
Diretoria de Ensino – Região de São José dos Campos
EE "Profª. Ana Cândida de Barros Molina"

APÊNDICE IV
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

São José dos Campos, 26 de Outubro de 2016

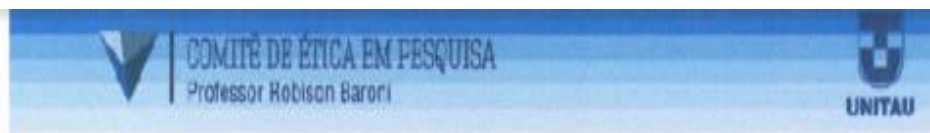
De acordo com as informações do ofício 106 sobre a natureza da pesquisa intitulada **"REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS"**, com propósito de trabalho a ser executado pelo(a) aluno(a) Regiane Cristina de Oliveira, do Mestrado Profissional em Educação: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, e, após a análise do conteúdo do projeto de pesquisa, a Instituição que represento, autoriza a realização de pesquisa com as pessoas surdas adultas para responderem questionário com questões abertas e fechadas, também participar de entrevista semi-estruturada, sendo alunos surdos matriculados no Ensino Médio, também professores da sala de recursos e professores interlocutores, que atuam neste local, sendo mantido o anonimato da Instituição e dos profissionais.

Atenciosamente,



 Matheus de Matos Soares
 Diretor de Escola

EE "Profª. Ana Cândida de Barros Molina"
Rua Saigiro Nakamura, 300 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP
Telefone: 3905-1899 - 3902-7356
Ensino Fundamental – Ensino Médio - Supletivo



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu _____, CPF _____, RG _____

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Regiane Cristina de Oliveira Moraes do projeto de pesquisa intitulado "REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 466/12 e nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

() Com tarja preta sobre os olhos

() Sem tarja preta sobre os olhos

_____, _____ de _____ de 20____



Pesquisador responsável pelo projeto

Regiane Cristina de Oliveira

Participante da Pesquisa:

ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

Orientador: Profa. Dra. Suelene Regina Dônola Mendonça

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa

Título do Projeto: REDES SOCIAIS E APLICATIVOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

Objetivo da pesquisa: analisar a utilização das novas tecnologias digitais em redes sociais e aplicativos de interação por indivíduos adultos, surdos, matriculados no Ensino Médio de uma escola da Rede de Ensino Estadual, numa cidade do Vale do Paraíba-SP, no ano de 2016.

Coleta de dados: a pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas, e também entrevistas semiestruturadas. Esses instrumentos serão aplicados junto a alunos surdos regularmente matriculados na Rede Estadual Pública de Ensino na Diretoria de Ensino de um município do Vale do Paraíba, no nível de Ensino Médio, sendo eles (as) alunos adultos da(s) cidade(s) de São José dos Campos.

Destino dos dados coletados: o(a) pesquisador(a) será o responsável pelos dados originais coletados por meio dos questionários, com perguntas abertas e fechadas, e também entrevistas semiestruturadas, permanecendo de posse desse material por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando, então, os materiais serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes.

As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos dados não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde a pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de questionário com perguntas abertas e fechadas e também com entrevistas semiestruturadas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é a possibilidade de se sentirem inseguros, de modo que não desejem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem surdez e redes sociais, aplicativos de interação e as novas tecnologias da informação e comunicação. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa, para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: o(a) investigador(a) é mestrando(a) da Turma 2014 do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (SP), Regiane Cristina de Oliveira Morais, residente no seguinte endereço: Rua

Caparaó, 221, Jardim Ismênia, São José dos Campos _ SP, podendo também ser contatado pelo telefone (12) 991675211 ou (12) 30211601. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação do(a) Prof. Dra. Suelene Regina Dônola Mendonça. A qual pode ser contatada pelo telefone (12) 996114406. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que comporão a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pelo(a) pesquisador(a), não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre surdos, redes sociais e aplicativos de interação para potencializar a comunicação dos sujeitos da pesquisa.

NOME DA PESQUISADORA: Regiane Cristina de Oliveira

TELEFONE: (12) 991675211 “inclusive ligações a cobrar”

E-MAIL: giga22@hotmail.com

Regiane Cristina de Oliveira

Pesquisador(a) Responsável

DECLARAÇÃO

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

LOCAL _____, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

Regiane Cristina de Oliveira

Pesquisador(a) Responsável

Declaramos que assistimos à explicação do(a) pesquisador(a) ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

APÊNDICE I

Questionário

Parte I

Dados Gerais

Nome: _____

Profissão: _____

Formação: _____

Grau de instrução, (que ano ou série você estuda? Estou estudando de inglês

Idade: ____ Sexo: ____ Cor da pele: () branco () negro () pardo () amarelo

Você trabalha? () sim () não Se sim, onde trabalha?

Você tem o seu próprio salário? Como você usa o seu salário?

Marque x e mostre o porquê para você é importante trabalhar?

	Extremamente importante	Muito importante	Um pouco importante	Não muito importante	Sem importância
Ajudar o pai e a mãe					
Sustentar a minha família (esposa/ marido e filhos)					
Ter o meu próprio dinheiro					

Onde você nasceu? _____

Quais pessoas moram com você na sua casa? _____

Você é: () casado(a) () solteiro(a) () divorciado(a) () viúvo(a)

Parte II do questionário

1. Você tem acesso à *Internet*?
() sim () não
2. Como você entra na *Internet*?
() computador () celular/ *smartphone* / telefone móvel () *notebook*
3. Quais os dias da semana você usa *Internet*?
() todos os dias () de segunda a sexta () sábado e domingo () três dias na semana
4. Onde você usa e tem acesso à *Internet*?

- () só em casa () em casa e no trabalho () nos lugares onde tem rede Wi-Fi grátis
 () na escola () em lugares públicos como shopping/ praças /bibliotecas / hospitais
 () *Lan house* () na casa de amigos
5. Você entra e conversa em redes sociais (*Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram*)?
 () sim () não
6. Quais redes sociais e aplicativos de interação você usa?
 () *Facebook* () *Twitter* () *Instagram* () *Imo*
 () *WhatsApp* () *Hand Talk* () *ProDeaf* () *Telegram*
 () *YouTube* () *Linkedin* () e- mail
7. Quantas horas por dia você entrar e fica conversando nas redes sociais?
 () 1 a 2 horas por dia () 3 a 4 horas por dia (x) 5 a 6 horas por dia
 () 7 a 8 horas por dia () fica on-line o dia todo () não entra em redes sociais
8. Para que você usa as redes sociais e a *Internet*?
 () procurar trabalho () conversar com os amigos surdos
 () conversar com as pessoas da família () conversar com os amigos ouvintes
 () procurar namorado (a) () para fazer pesquisas () para fazer compras
 () para diversão/ jogos () para ver e ler notícias
 () conhecer novas pessoas () para manter comunicação () para ver e fazer vídeos
 () para ver mapas () pagar contas/ *Internet banking* () outros
9. Para você usar a *Internet* e as redes sociais é:

Extremamente importante	Muito importante	Um pouco importante	Não muito importante	Sem importância

10. Com o uso da *Internet* e o acesso a redes sociais a sua comunicação com as pessoas melhorou?

Extremamente	Muito	Um pouco	Pouco	Nada

11. Na sua opinião, o quanto é importante mandar e receber mensagens escritas em Língua Portuguesa, nos aplicativos de interação como: *WhatsApp, Telegram, SMS, Twitter, Instagram* e do *Messenger* do *Facebook*?

Extremamente importante	Muito importante	Um pouco importante	Não muito importante	Sem importância

12. A comunicação por meio de redes sociais e da *Internet* mudou a sua vida? Se sim ou se não, por favor explique o que e como mudou na sua vida, depois que você começou a se comunicar com as pessoas nas redes sociais.
-
-

APÊNDICE II

Roteiro de entrevista

1. Qual é o seu nome? Qual sua idade? Qual é seu estado civil? Você trabalha?
2. Que ano ou série você estuda?
3. Quais são as dificuldades na comunicação que você tem no dia a dia? Como essas dificuldades de comunicação acontecem na sua vida?
4. Você navega na *Internet*? Tem acesso e utiliza as redes sociais e aplicativos? Se sim, quais são? Como e para que você utiliza as redes sociais?
5. Quais os instrumentos você utiliza para acessar a *Internet*? Você tem celular, *notebook*, *tablet*, computador de mesa?
6. Como você vê a contribuição ou a ajuda da *Internet*, das novas tecnologias da informação e comunicação, na forma de potencializar a comunicação com as demais pessoas na sua vida?
7. Que relação você faz entre as redes sociais e a comunicação? As novas tecnologias da informação e da comunicação podem colaborar com a sua socialização? Como o uso das redes sociais e dos aplicativos de interação pode ajudar você a se comunicar com as demais pessoas?
8. Você acredita que usar a *Internet* e conversar em redes sociais pode ajudar você nos estudos e na leitura, escrita em Língua Portuguesa? Como?



UNITAU

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
prppg@unitau.br

DECLARAÇÃO

DECLARO, para todos os fins, que tomei conhecimento da **Lei nº 9610, de 19/02/1998**, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre **DIREITOS AUTORAIS**.

Taubaté, 30 / 05 / 2018

Nome: Regiane Cristina de Oliveira Moraes.

Curso: Mestrado Profissional em Educação_ turma MPE 2016 .

Assinatura: *Regiane Moraes*



**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

TERMO DE CESSÃO DE USO DE DADOS

Eu, Regiane Cristina de Oliveira Morais, portador(a) do R. G. nº 35.207. 962 - 9, aluno(a) da turma 2016 do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, concordo que os dados coletados em minhas pesquisas sejam utilizados para elaboração de artigos científicos em co-autoria com o Prof(a). Dr.(a). Suelene Regina Donola Mendonça, também a Prof(a). Dr.(a). Juliana Marcondes Bussolotti e em parceria com outros professores pesquisadores do Programa, a fim de divulgar o conhecimento produzido, respeitados os preceitos éticos estabelecidos no TCLE e a autorização para a pesquisa concedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté.

Taubaté, 30 de Maio de 2018

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Regiane Morais', is written over a horizontal line.

Assinatura do Aluno

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

PROGRAMA DE MESTRADO EM

Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu, Regiane Cristina de Oliveira Morais aluno(a) regularmente matriculado(a) no Programa de Mestrado em Profissional em Educação, da Universidade de Taubaté, turma MPE 2016, autorizo a publicação parcial ou total de materiais oriundos de meu processo de formação, bem como de minha dissertação de mestrado, inclusive a publicação na WEB, desde que desses materiais conste meu nome em conjunto com meu(s) professor(es) orientador(es) e/ou outros co-autores. Concordo com essa cessão de direitos autorais, sem a necessidade de qualquer outra consulta prévia. Estou ciente, também, de que em qualquer publicação que eu venha a realizar oriunda da dissertação deverá constar o nome do(s) professor(es) orientador(es).

Taubaté, 30/05/2018

Regiane Morais

Assinatura do aluno



UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ – UNITAU



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UNITAU

1. Identificação do material bibliográfico Tese Dissertação Monografia

2. Identificação do documento/autor

Programa de pós-graduação: Mestrado Profissional em Educação

Área do Conhecimento (Tabela CNPq): _____

Título: Redes Sociais e Aplicativos como ferramenta de comunicação dos surdos

Autor: Regiane Cristina de Oliveira Morais

CPF: 289 410 758-74 e-mail: gigica22@hotmail.com

Endereço: Rua Copacabana, 221 Jd. Suméria - SJC Telefone: (12) 991675211

Orientador: Prof.ª Dra. Duclene Regina Bonola Mendonça

CPF: _____ e-mail: _____

Co-orientador: Prof.º Dra. Juliano Marcandes Bussalotti

CPF: _____ e-mail: _____

Banca Examinadora:

_____ CPF: _____

_____ CPF: _____

_____ CPF: _____

Número de Páginas: _____ Data de defesa: ____/____/____

3. Informações de acesso ao documento

sim não Este trabalho é confidencial?¹
 sim não Ocasionará registro de patente?
 total parcial não Pode ser liberado para publicação?

Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:

Sumário
 Capítulos. Especifique: _____
 Bibliografia
 Outras restrições: _____

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9610/98, autorizo a Universidade de Taubaté – UNITAU a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinadas acima, do documento, em meio eletrônico, na Rede Mundial de Computadores, no formato especificado², para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade de Taubaté, a partir desta data.

Regiane Morais

Assinatura do autor

Taubaté - S.P

Local

Assinatura do orientador

30 de maio de 2018

Data

¹ Esta classificação poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à Coordenação do Curso. Todo resumo estará disponível para reprodução.

² Texto (PDF); Imagem (JPG ou GIF); Som (WAV, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, AVI, QT); Outros (Específico da área).